P. LUIZ GONZAGA CABRAL, S. J.

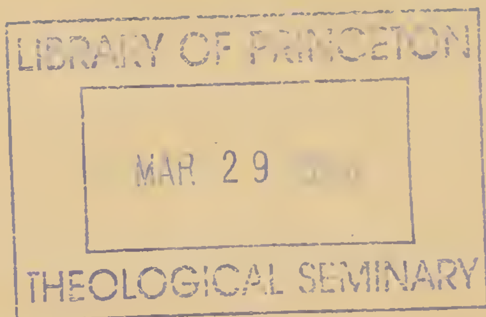
Jesuitas no Brasil

(SÉCULO XVI)

3.º volume da collecção:
"INÉDITOS E DISPERSOS"



EDITORA PROPRIETARIA
COMPANHIA MELHORAMENTOS DE S. PAULO
(WEISZFLOG IRMÃOS INCORPORADA)
SÃO PAULO - CAYEIRAS - RIO - RECIFE


LIBRARY OF PRINCETON
MAR 29
THEOLOGICAL SEMINARY

INÉDITOS E DISPERSOS

III.



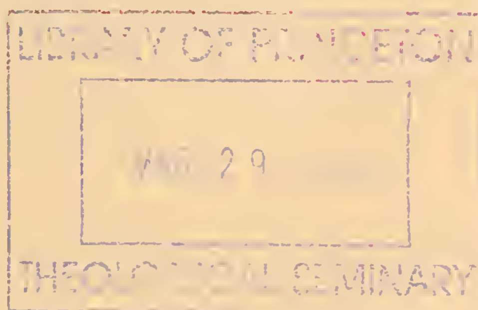
P. LUIZ GONZAGA CABRAL, S. J.

Jesuitas no Brasil

(SÉCULO XVI)

3.º volume da collecção:
"INÉDITOS E DISPERSOS"





EDITORA-PROPRIETARIA
COMPANHIA MELHORAMENTOS DE S. PAULO
(WEISZFLOG IRMÃOS INCORPORADA)
SÃO PAULO - CAYEIRAS - RIO - RECIFE

Nihil obstat

Bahiae 5.ª Augusti, an. 1925

JOANNES ARRAIANO, S. J.
Censor Archidiocesanus

Imprimi potest

Bahiae, 15.ª Augusti, an. 1925

ALOYSIUS GONZAGA BAECHER, S. J.
Superior Missionis Brasiliae Septentrionalis

Imprimatur

Bahiae, 19.ª Novembris, an. 1925

AUGUSTUS, Arch. S. Salvatoris

INFLUENCIA DOS JESUITAS
NA COLONIZAÇÃO DO BRASIL
(SÉCULO XVI)

PELO

P. LUIZ GONZAGA CABRAL, S. J.

Á . NAÇÃO . BRASILEIRA
MINHA . SEGVNDA . PATRIA
CVIA . NOBRE . HOSPITALIDADE
ACOLHEV . CARINHOSAMENTE
OS . IESVITAS . PORTVGVÊSES
NA . HORA . DA . TRIBVLAÇÃO
ESTAS . PAGINAS
ONDE . SE . ARCHIVAM . MEMORIAS
DO . QVE . OS . FILHOS . DA . COMPANHIA . DE . IESVS
REALIZARAM . OVTR'ORA
NA . COLONIZAÇÃO . DO . BRASIL
O . AVCTOR
PORTVGVÊS . PELO . BERÇO
IESVITA . POR . VOCAÇÃO
BRASILEIRO
PELO . AFFECTO . E . PELO . RECONHECIMENTO
O. D. C.

AO LEITOR

Prefaciando o segundo volume da presente collecção, signifiquei o desejo de ir alternando nella os assumptos, com o apparecer dos vários tomos, por evitar monotonia.

Este ideal é que me leva agora para os campos da História.

Posso convidar assim os leitores para muito differente jornada daquellas por onde os conduzi, no primeiro volume, com discursos académicos e, no segundo, com peças theatraes.

A occasião que tive para o assumpto deste terceiro volume foi a prenda que a Nação Portuguêsa offertou ao Brasil por occasião do Centenário da sua independencia.

«Nos archivos, nas bibliothecas, nas Academias, nas Universidades, nas repartições do Estado, nos gabinetes dos Escriptores e dos Eruditos, nos museus, nos ateliers dos Artistas, nas officinas de gravura, de com-

posição, de impressão, — dizia Malheiro Dias numa Conferencia magistral pronunciada no Rio em 1921, para tornar conhecido este grandioso emprehendimento — o historiador, o paleógrapho, o cartógrapho, o ethnógrapho, o jurisconsulto, o mathemático, o bibliothecário, o archivista, o pintor, o desenhador, o illuminista, o typógrapho, o gravador, o lithógrapho, o impressor trabalham nesta obra monumental (1) ».

Centenas de contos — é o mesmo escriptor quem o faz notar — tinham já sido consummidos, antes que o primeiro fascículo fosse publicado.

A' medida que os dois primeiros volumes iam sendo distribuidos, ia-se reconhecendo que a execução excedera galhardamente a expectativa.

Trabalhos de primeira mão, em que os thesouros sepultados nos tombos mais opulentos iam sendo arrancados ao olvido, vinham inundar de luz os pontos mais entenebrecidos da História. As nações mais cultas acolhiam aquellas monographias exhaustivas

---

(1) História da Colonização Portuguêsa no Brasil, Conferencia realisada pelo eminente escriptor Carlos Malheiro Dias no Gabinete Português de Leitura — Rio de Janeiro, Companhia Lithográphica Ferreira Pinto, 1921; pg. 15 e 16.

com o mais rasgado applauso. Universidades, Academias, Sociedades Históricas e Geográphicas não hesitavam em modificar radicalmente conclusões antes sustentadas, algumas dellas apaixonadamente ligadas com interesses e vaidades nacionaes, rendendo-se á evidencia da demonstração documental superabundantemente recolhida naquellas páginas.

A parte artistica pleiteava primazias com a parte scientifica; encantadora porfia, em que o primor esthético rivalizava com o alto saber das theses discutidas, ou com a segurança crítica da erudição.

Para collaborar nesta obra monumental convidou-me a gentileza do seu Director e Coordenador Litterário, distribuindo-me a monographia relativa á influencia dos Jesuitas no Brasil quinhentista (século XVI).

Este meu trabalho ainda não appareceu na História da Colonização. Auctorizaramme a publicá-lo préviamente em separata. Entendi que as primicias delle, com ligeiro alterar de redacção, pertenciam de direito á minha segunda Pátria, o Brasil.

Por isso é que este terceiro tomo dos «Inéditos e Dispersos», em vez de o editar em Portugal, como os dois precedentes, sae a lume em S. Paulo.

Não apparece com as illustrações luxuosas e a profusão de documentos inéditos que o acompanharão no tomo tambem terceiro da *História*, para que ahi lhe encontrem os que o relerem novo realce e renovado interesse.

Do assumpto em si mesmo dirá a *Introducção* posposta á *Nota Bibliográphica* que o Leitor encontrará logo a seguir a estas linhas.

Bahia, Collégio Antonio Vieira,
15 de Novembro de 1925.

P. Luiz Gonzaga Cabral, S. J.

NOTA BIBLIOGRÁPHICA

I. MANUSCRIPTOS

A. Archivo S. J. — a.) *Litteræ Annuæ* Provinciæ Lusitanæ Soc. Jesu; *item* Provinciæ Brasiliensis; *item* Vice-Provinciæ Maranoniensis. — b.) *Epistolæ Nostrorum;* 95, fol. 87. — c.) *Opera Nostrorum,* Sermão inédito do Padre Joseph de Anchieta; poesias autógraphas do mesmo. (opp. NN., n. 24.)

B. Bibliotheca Nacional de Roma: *Fundações dos Collégios do Brasil;* (N. B. Parte do MS. foi já publicado nos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio,* t. XIX).

C. Bibliotheca Nacional de Paris: *Fonds Portugais.*

D. Collecção Particular do auctor: Photographias de autógraphos; cartas dos Geraes, e cartas para os mesmos; *item* de alguns Mss. citados acima (opp. NN.)

II. IMPRESSOS

Americo de Novaes, *Methodo de ensino e de cathequese dos indios* (em III Centenário de Joseph de Anchieta; Paris, Aillaud, 1900) — Aleixo Martins, *As nossas Fronteiras* (em Mensageiro da Paz, an. II, p. 34.) — Arthur Montenegro, Prólogo e

Notas ao poema *Uruguay* (Pelotas, 1900) — ARTHUR VIEGAS, *O Poeta Santa Ritta Durão* (Bruxellas, Gaudio, 1914) — BOEHMER (trad. de GABRIEL MONOD) *Os Jesuitas* (Paris, Armand Colin) — BORGES DE BARROS; *A' margem dos assumptos* (Bahia, 1916) — BRAZ DO AMARAL e ACCIOLY, *Memórias históricas e politicas da Bahia* (Bahia, 1919) — BRASILIO MACHADO, *Anchieta, narração da sua vida* (em *III Centenário*, etc. supra.) — CABRAL S. J., *Discurso inaugural do Gabinete Português de Leitura da Bahia* (Bahia, 1918) — Item *da Estátua de Anchieta* (Nictheroy, 1922) — Idem, de collaboração com A. DE MENEZES S. J. (em *Rediviva!* Bruxellas, 1914) — Idem, *Inéditos e Dispersos*, tt. I e II (Braga, Cruz & C.ª, 1922-1926) — CAMILLO CASTELLO BRANCO, *Perfil do Marquês de Pombal, Horas de Paz, Continuação do curso de Litteratura de* ANDRADE FERREIRA (*Obras*, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira; Porto, Lello e Irmão) — CALÓGERAS, *Os Jesuitas e o ensino* (Rio, Imprensa Nacional, 1911) — CHARLES DE SAINTE-FOY, *Vida do V. P. José de Anchieta* (edição portuguêsa da Escola Salesiana de Nictheroy, 1922) — CHARLEVOIX, *Histoire du Paraguay.* — COELHO NETTO, *Compendio de Litteratura Brasileira* (Rio, 1913) — *Deducção Chronológica e Analytica* (Lisboa, 1767) — EDUARDO PRADO, *A Companhia de Jesus e a colonização* (em *III Centenário*, etc. supra) — DR. EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO, *A dynamica religiosa garantidora do caracter nacional* (em *Revista Ecclesiastica da Bahia*, an. XV) — DR. PROF. FELINTO BASTOS, *Ordem, liberdade, patriotismo* (ibidem) — P. FERNANDO DE MACEDO S. J., *Brasil Religioso* (Bahia, 1920)

— FERNÃO CARDIM, *Narrativa epistolar* (edição do Rio, *Instituto Histórico e Geográphico*, t. LXV, parte I) — DR. FREIRE DE CARVALHO FILHO, *Dois Capitulos de Historia do Brasil* (Rio, 1914) — GONZAGA DE AZEVEDO, *O Jesuita — fases de uma lenda* (Bruxellas, 1913) — Idem, *Os proscritos* (Valladolid, 1911) — GRAMOSA, *Successos de Portugal* (Lisboa, 1882) — HAMY, *Documents inédits pour servir à l'histoire des Domiciles de la Compagnie de Jésus* (Paris, Picard) — STO. IGNACIO DE LOYOLA, *Constitutiones Soc. Jesu cum Declarationibus* (Florença, 1893) — *Informações e fragmentos históricos do P. José de Anchieta* (Rio, 1886) — JANSSEN, *História do povo allemão desde a idade média* (1876-1884) — JERONYMO ZAROHOWSKI, *Monita Secreta* — JOÃO RIBEIRO, *História do Brasil* (5.ª edição, 1914) — JOAQUIM NABUCO, *A significação Nacional do Centenário Anchietano* (em *III Centenário*, etc. supra) — JOSÉ BASILIO DA GAMA, *O Uruguay* (edição de Pelotas, 1900) — JOSÉ MANUEL DE MADUREIRA S. J., *A Companhia de Jesus no Brasil* (Rio, 1924) — LATINO COELHO, *História politica e militar* (Lisboa, 1874) — LUCIO DE AZEVEDO, *os Jesuitas do Grão-Pará* (Lisboa, 1901) — Idem, *O Marquês de Pombal e a sua época* — DR. MANUEL MÚRIAS, *O Seiscentismo em Portugal* (Lisboa, 1923) — NELSON DE SOUZA, *Contribuição ethnográphica dos Jesuitas* (Rio, 1915) — OLIVEIRA LIMA, *Pernambuco e seu desenvolvimento histórico* (Leipzig, 1895) — PACCA (CARDEAL) *Memórias* (*Oeuvres Complètes*, t. III) — PEDRO RODRIGUES, *Vida do V. P. Anchieta* (em *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio*, t. XIX) — PEREIRA DA SILVA, *Varões illustres do Brasil* — RA-

MALHO ORTIGÃO, *As Farpas;* Item, *Projecto de monumento ao Marquês de Pombal* (em *Primeiro de Janeiro*, Porto, 1913) — *Relação abreviada da República Jesuitica* (Lisboa, 1760) *Resposta apologética ao Poema Uruguay* (Lugano, 1786) — ROCHA MARTINS, *O Marquês de Pombal pupillo dos Jesuitas* (Lisboa, 1923) — ROCHA PITTA, *História da América Portuguêsa* (edição da Bahia, 1878) — ROCHA POMBO, *História do Brasil* (Rio, 1905) — RODRIGUES (P. FRANCISCO) *Formação intellectual do Jesuita* (Porto, 1917) — Idem, *Os Jesuitas e a Monita Secreta* (Roma, 1912) — SENNA FREITAS, *Os Jesuitas!* (traducção do original francês de PAULO FÉVAL) — SIMÃO DE VASCONCELLOS — *Chrónica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil* (edição de Lisboa, 1865) — Idem, *Vida do P. Joseph de Anchieta* — SOTTO-MAYOR (D. MIGUEL), *O Marquês de Pombal* (Porto, 1905) — SYLVIO ROMERO, *História da Litteratura Brasileira* (Rio, 1903), — DR. THEODORO SAMPAIO, *Conferencia Commemorativa do Centenário da Independencia do Brasil* (em *Revista Ecclesiastica da Bahia*, an. XV) — Idem, *Discurso no Gabinete Português de Leitura* (Bahia, 1918) — VIEIRA, *Sermões* (edição de Lello, Porto, 1907) — Idem, *Obras Completas* (Lisboa, 1854) — VILHENA DE MORAES, *Influencia dos Jesuitas nas lettras* (Rio, 1914), VISCONDE DE CASTILHO (JULIO), *Lisboa Antiga* (Lisboa, 1902).

INTRODUCÇÃO

INFLUENCIA DOS JESUITAS

A LENDA E A HISTORIA

SUMMARIO — Processos velhos e novos — Panegyristas e calumniadores — Dentro e fóra de Portugal — O Jesuita no Romance, no Pamphleto e no Documento — A lenda post-pombalina em Portugal e no Brasil — Justiça posthuma — Influencia e influencias — Plano da Monographia — Influencia profissional; influencia social; influencia nacional.

Atravessamos uma época beneficamente justiceira para a História. Muitas figuras que o panegyrico balôfo içara para elevados pedestaes de glorias facticias são apeadas dos seus improvisados Capitolios pela mão inexoravel da critica; como tambem muita reputação denegrida pela calumnia procaz, e indiscutidamente acceita pela docilidade inepta dos que pensam por cerebro alheio, vae sendo arrancada á gehenna tenebrosa em que penara innocente, para ser restituida á luz e ás auras a que tinha jús.

Processos velhos e novos.

Nos processos actuaes da História, o escrupuloso desenterrar dos documentos nos archivos, o desapaixonado confronto daquelles com documentos contradictorios, provindos de correntes antinomicas, o criterioso discutir dos textos, pelo estudo das causas que puderam motivar erros ou falsificações propositadas, e pela aproximação de datas chronologicas e localisações geographicas, que tanta vez resolvem num momento intrincados

problemas; tudo isso tomou hoje felizmente o passo sobre as dissertações rhetoricas de muitos historiadores de antanho; tudo isso vae realizando — ainda bem! — uma obra bemdita de saneamento e de alta justiça.

Panegyristas e Calumniadores

Quando Leão XIII abriu de par em par os archivos secretos do Vaticano a Ludovico Pastor, e á pergunta leal do grande Historiador respondeu com a phrase lapidar de Marco Tullio: *ne quid falsi dicas, ne quid veri non dicas;* quando o antepenultimo Geral da Companhia, Luiz Martin, traçava aos Historiadores officiaes das Assistencias as normas de criterio com as quaes não hesitariam em declarar lealmente os erros e as faltas dos nossos religiosos; um e outro quizeram cortar cerce pelo abuso, frequente em tempos idos, pelo qual alguns transformavam a história em apologia, e a narração integral dos factos em selecção panegyrica de virtudes e benemerencias.

Mas, por outra parte, ao lado dos panegyristas, quantos calumniadores, se resuscitassem, encontrariam hoje a sua obra de descredito pulverisada pela critica imparcial da nova escola!

Destes ultimos — os calumniados — a ninguem talvez aproveitou mais a rehabili-

tação contemporanea no tribunal da História do que aos homens, cuja influencia na colonização portuguêsa do Brasil estou encarregado de reduzir á miniatura de algumas dezenas de paginas: OS JESUITAS.

J. P. CALÓGERAS, ministro da Guerra na Presidencia de EPITACIO PESSOA, escreveu estas palavras duplamente valiosas por sahirem da penna de quem em muitos pontos soffria ainda — estou convencido que de plena boa-fé — a influencia de inveterados preconceitos sobre casuistica e methodos jesuiticos:

«Não ha talvez exemplo mais flagrante de injustiça collectiva do que a reputação opprobriosa dos JESUITAS» ([1]).

E pouco abaixo accrescenta: — «Não haveria exaggeração em dizer que elles são os grandes calumniados da Historia» ([2]).

Dentro e fóra de Portugal, a litteratura anti-jesuitica pejou as livrarias de innumeras publicações, desde o *in folio* até á folha volante, criando uma das mais abundantes secções na bibliographia histórica, critica, polemica, e sobretudo phantasista. **Dentro e fóra de Portugal.**

([1]) J. P. CALOGERAS, *Os Jesuitas e o ensino.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1911; p. 1.

([2]) *Idem, Ibidem.*

Luctas de interesses, como no *anti-jesuitismo universitario*, onde a defesa desesperada de um estreito monopolio-de-ensino pretendia prohibir a subida ás cathedras de mestres abalisados, cuja concorrencia afinal se temia com justificado motivo [1];

luctas de systemas, como nas *justas philosophicas e theologicas*, onde tanta vez a austeridade do argumentar se rebaixou aos motejos de um personalismo injurioso [2];

---

(1) Cfr. GONZAGA DE AZEVEDO — O JESUITA, t. I, p. 49 e seguintes.

(2) Ficaram particularmente celebres as polemicas sobre a natureza do Instituto da Companhia, cuja originalidade desnorteava aos que só tinham conhecido as Ordens religiosas nos antigos moldes; foram mais ruidosamente violentas neste genero as impugnações do theologo hespanhol MELCHIOR CANO O. P., violencias que motivaram a sympathica solidariedade da Ordem Dominicana com a Companhia, em um dos Capitulos Geraes dos Frades Prègadores. Vieram mais tarde as polemicas de *Auxiliis*, cuja retumbante celebridade faz dellas uma importante secção em muitos volumes, da historia theologica da Egreja. Os nomes de BILLUART, GOUDIN, BANES e CONCINA recordam as divergencias philosophicas e theologicas mais contrarias aos systhemas doutrinaes da Companhia, cujas figuras primaciaes eram SUAREZ GRANATENSE, PEDRO DA FONSECA, LUIZ DE MOLINA, para não citar tantos outros, seus dignos emulos e continuadores. — Lembrarei finalmente as polemicas sobre a theologia moral e a casuistica, em que o pretexto foi a doutrina do *Probabilismo* quasi universalmente admittido pelos JESUITAS. A este grupo de adversarios coube a sorte de achar como propagandista o espirito finamente áttico e humoristicamente gaulez de PASCAL nas *Lettres à un Provincial*.

luctas de religião, como nas diatribes dos *protestantes allemães* contra S. PEDRO CANISIO (¹), e nas investidas hypocritas dos *jansenistas francêses* a affectarem com ares beatos uma indignação postiça contra a moral relaxada da Companhia (²);

luctas de ambição, motivada pela *inveja* dos que não podiam levar a bem que nas cortes ecclesiasticas e seculares o JESUITA fosse tantas vezes (— ainda mal para elle! —) escolhido para conselheiro e director de consciencia de soberanos e pontifices (³);

(¹) Cfr. JANSSEN, t. IV, p. 475.

(²) Cfr. GONZAGA DE AZEVEDO, op. cit., t. I, cap. 6.º, «*Almas sombrias*».

(³) Na história da porfiada e acintosa perseguição de SEBASTIÃO JOSE' contra os JESUITAS um dos pontos ainda hoje obscuros para muitos é o motivo intimo que impelliu o Ministro de D. José a essa lucta de exterminio, após as affectadas dedicações que ostentara para com a Companhia, quando trazia publicamente o filho por essa Lisboa vestido com a roupêta dos filhos de Santo Ignácio. Ora, a mais plausivel explicação deste odio encontro-a exactamente neste ciume de influencia. Mais de uma vez experimentara elle que o conselho prudente dos Confessores de El-Rei, da Princesa e dos Infantes era obstaculo a certos planos inconfessaveis em que o novo *Maire du Palais* pretendia governar ás cegas o seu *Roi Faitnéant*. O receio subiu de ponto quando MALAGRIDA esteve em vesperas de reunir nos Exercicios de Santo Ignácio ao proprio Rei e mais real familia. Quantas passividades subservientes não acabariam no animo de D. José, no dia em que, robustecida a vontade naquella escola entre todas educadora do carácter, já não deixasse ennervar as energias nos prazeres mórbidos em que o embalava o Ministro,

luctas de despeito, em que se forjaram as armas mais ardilosas, como as obras em que homens *expulsos da Ordem*, utilizando o seu conhecimento da terminologia dos Jesuitas, escreviam em linguagem da Companhia as maiores abominações, fazendo-as passar por doutrinas ou procedimentos jesuiticos (1);

luctas de paixão, que não tolerava o *non-licet* do Jesuita ante as depravações da libertinagem, ou as avidezes da cubiça insaciavel, ou as tyrannias do despotismo descaroado (2);

O Jesuita no Romance no Pamphleto e no Documento.

luctas até de exaggerada emulação ou insuffrida impaciencia de *hegemonia pedagógi-*

---

e, conscio das suas responsabilidades pessoaes, já não assignasse ás cegas todas as resoluções que lhe impunha o despotismo do primeiro entre os Secretários do Estado?

(1) Entre todas as publicações calumniosas e hypocritas desta classe é indubitavelmente mais conhecida a que se intitulou *Monita Secreta*, devida á penna do ex-jesuita polaco, Zahorowski. Sobre esse libello falsario consulte-se a obra do protestante BOEHMER, *Les Jésuites*, trad. de GABRIEL MONOD (Paris-Armand Colin); It; Os JESUITAS e a *Monita Secreta*, de FRANCISCO RODRIGUES (Roma, 1912.) — Boa parte dos pamphletos publicados contra a Companhia em Portugal nos ultimos decennios, teem proveniencia identica e por isso mesmo identico valor ao dos *Monita*, por terem saido tambem da penna de um antigo JESUITA despeitado com a Ordem.

(2) Pertencem a este ultimo grupo as luctas dos colonos Portuguêses do Maranhão contra o grande VIEIRA, e em geral contra os da Companhia, por defenderem os Indios do Brasil contra os captiveiros injustos.

ca, litterária, ou scientifica, pelas quaes não raro se avolumavam questiunculas grammaticaes ou estylisticas até ás proporções de ataques virulentos contra a Companhia [1];

todas estas luctas e *innumeras outras,* fazendo jorrar dos prelos a milhares os livros de impugnação aos filhos de SANTO IGNACIO, deram origem á *lenda jesuitica,* que depois tomou corpo, sob todas as formas, no romance, no libello, na satyra, no pamphleto, vindo a authenticar-se no vocabulario por uma semântica invertida e a popularizar-se nos typos delineados adrêde em novellas como o *Judeu errante* de EUGENIO SUE, ou aviventados á luz da ribalta, como no Padre Ignacio da *Sobrinha do Marquês.*

Mas é sobretudo no campo da *História* que esta influencia da lenda é particularmente perigosa para dar consistencia á calumnia, e fazer passar em julgado essa «*reputação opprobriosa*» a que se refere CALÓGERAS.

Com effeito, no phantasiar das scenas de

---

(1) A proposito da lucta ferida no tempo do Marquês, pelos propugnadores do Novo Methodo contra a Grammatica do P. MANUEL ALVARES, tem CAMILLO CASTELLO BRANCO umas páginas de chistosa mordacidade no seu *Curso de litteratura Portuguêsa,* pp. 15 e 16.

romance, o leitor criterioso pode mais facilmente adivinhar a arbitrariedade inventiva de uma obra de imaginação. Não assim na *transcripção de documentos,* muitas vezes coévos, com que um escriptor prevenido pode — até de bôa fé — induzir os leitores a graves falsificações sobre a physionomia das pessôas e das instituições.

Por certo que, no meio da multidão de documentos que necessariamente derivaram das correntes adversas á Companhia a que me referi acima, nada mais facil, sem o olhar penetrante da critica desapaixonada, que reforçar preconceitos anteriores, com o descobrir nos archivos as peças de authenticos calumniadores posthûmos ou talvez contemporaneos.

A lenda post-pombalina

Todos estes precalços porem, encontrará o investigador, sem comparação mais avolumados e perigosos, quando se tracte da História da Companhia de JESUS em Portugal e no Brasil.

Pode considerar-se a lenda *post-pombalina* a mais arteiramente construida e tenazmente continuada de todas as lendas anti-jesuiticas.

Neste ponto não posso acceitar sem restricções a these de CAMILLO CASTELLO BRAN-

co sobre a inépcia omnimoda de SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO (1). Sem duvida, os enthusiasmos officiaes da geração liberal que occupou o segundo e terceiro quartel do seculo XIX para com o chamado *Grande Marquês* passaram de moda; e no mundo intellectual a critica scientista dos historiadores applica-lhe hoje bem mais severo castigo do que lhe infligira em vida a timidez compassiva de D. MARIA I.

Baste recordar os nomes de RAMALHO ORTIGÃO (2), LUCIO DE AZEVEDO (3), ROCHA MARTINS (4), e a obra monumental de D. MIGUEL DE SOTTOMAYOR (5), verdadeira edição *ne varietur* do retrato de POMBAL.

Isto porem não implica a negação de todos os dotes psychicos do perseguidor dos JESUITAS.

Ao lado da incapacidade litteraria de que

---

(1) Cfr. *O Perfil do Marquês*, passim.

(2) *Farpas*, passim; *A proposito de uma estatua*, art. no *1.º de Janeiro*, do Porto, em 1913.

(3) Apezar do estudo dos Documentos me levar a conclusões diametralmente oppostas a muitas deste distincto auctor; contudo, na severidade a que me refiro aqui, é radical o seu veredictum em muitos logares, mòrmente no final da obra. (Cfr. *O Marquês de Pombal e a sua época*).

(4) *O Marquês de Pombal, pupillo dos Jesuitas.* (Lisboa, 1923).

(5) *O Marquês de Pombal* (Porto, 1905).

são lastimosos documentos os trechos officiaes da sua prosa apoplética e enredada; ao lado do estendal diplomático, que o fallecido SOUZA MONTEIRO foi desenterrar, para eterna vergonha do Ministro, nos archivos do Ministerio dos Estrangeiros; ficam, em meu entender, averiguadas, como traços indeléveis da sua physionomia moral, a energia e a tenacidade assombrosas com que proseguia até ao cabo as resoluções da sua vontade de aço.

Tivesse sido inversa a orientação daquella energia; houvesse elle votado ao bem a obstinação que votou ao mal; e Portugal teria nelle, em vez do tyranno e despota do Caes de Belem, da Trafaria, da alçada do Porto e das prisões de Azeitão, Junqueira, Almeida e S. Julião, um exemplar de persistencia, em que se colheriam proficuas lições para a inconstancia meridional.

Cuido que em nenhum emprehendimento da sua vida se manifesta mais essa obstinada tenacidade, como no projecto de exterminar os JESUITAS, depois de lhes ter arruinado a reputação.

em Portugal — De tudo lançou mão para crear a lenda diffamatoria, á qual conseguiu imprimir uma duração de mais de um século:

auxiliares recrutados na *parentella* subserviente, por elle locupletada, como seu irmão FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO, collocado no governo do Maranhão, para ser no extremo norte do Brasil um dos elaboradores da mesma fabula, que no extremo sul havia de engastar-se nos versos de JOSÉ BASILIO DA GAMA, o Jesuita-apóstata, que vendeu a POMBAL o seu mistér de ingrato e calumniador (1);

auxiliares entre *religiosos degenerados*, que elle sentava á sua mesa, applaudindo-lhes as chalaças indecorosas (2), ou cuja eleição forçada impunha aos capitulos conventuaes (3), e que por sua vez elle elegia para

---

(1) Cfr. Passim nos escriptos relativos a POMBAL. — *O Uruguay, poema de* J. B. DA GAMA. — *Resposta apologética ao poema intitulado O Uruguay* (Lugano, 1786).

(2) Por exemplo, o crapuloso D. Abbade de Alcobaça, Fr. Manoel de Mendonça, esmoler-mór, *reformador* da Ordem em Portugal (*sic!*) e ainda parente do Ministro, que veiu a ser deposto, degradado de todos os privilegios, graduações e proeminencias, e preso a 25 de Fevereiro de 1777, por ordem do Nuncio Apostólico. (Cfr. LATINO COELHO, *História Politica e Militar* (Lisboa, 1874), t. I, p. 144.

(3) Tal foi a eleição do irmão do CARDIAL DA CUNHA, para Provincial dos Gracianos, apezar da sua reconhecida incompetencia, eleição realizada no Capitulo de Coimbra, por imposição epistolar de SEBASTIÃO JOSE'. (Cfr. *O Poeta Santa Rita Durão*, de ARTHUR VIEGAS — Bruxellas, 1914).

cargos seculares improprios da sua profissão (1);

auxiliares entre *os dignitários da Egreja*, que — salvas honrosas e heroicas excepções, como D. Fr. Miguel da Annunciação em Coimbra e o Arcebispo Botelho de Mattos na Bahia — davam aos fieis o lamentavel espectáculo de reproduzirem no seculo XVIII as cobardias dos Prelados do Baixo Império (2);

auxiliares nos *vogaes da Mesa Censória* e do *Santo Officio*, tribunal que elle supprimira e depois resuscitou, para o fazer á sua imagem e semelhança, dando-lhe por Presidente o Principal Paulo de Carvalho, tambem seu irmão, e por Juizes homens capazes de proferirem contra Malagrida a sen-

---

(1) Neste genero é caso digno não sei se diga de riso se de lágrimas, a nomeação de Fr. João de Mansilha, Provincial dos Dominicanos, para procurador geral da Companhia dos Vinhos do Alto Douro. Teve sorte identica á do outro amigo de Carvalho, o Reformador Cisterciense, e era na verdade, tão Reformado como elle. Foi mandado encarcerar no Convento de Pedrógam para a toda a vida, com prohibição de «jamais pernoitar fóra do Convento».

(Gramosa, Successos de Portugal, t. II, p. 56.)

(2) Deshonraram neste particular mais que nenhuns as suas mitras os cardeaes João Lourenço da Cunha, Inquisidor-mór e Francisco de Saldanha, mais tarde Patriarcha de Lisboa; e os Bispos D. Fr. Miguel de Bulhões, do Pará e D. Fr. Aleixo de Miranda Henriques, de Miranda. (Cfr. Gramosa, op. cit.).

tença que o proprio VOLTAIRE classificou de horrorosa (1);

auxiliares nos cathedráticos da Universidade-Reformada, toda ella embebida de Josephismo e de espirito anti-romanico (2);

auxiliares sobretudo *na pleiade de escriptores* assalariados, a quem confiou a missão de dar forma litterária ás lendas que deixara informes na *Deducção Chronologica* e na *Relação abreviada* (3).

---

(1) Deste numero foram D. FR. MANUEL DO CENACULO VILLAS-BOAS, bispo do Beja, e o Confessor dado pelo Marquês á Princesa do Brasil em substituição do P. TIMOTHEO DE OLIVEIRA, D. FR. IGNACIO DE S. CAETANO, dois dos tres deputados da *Mêsa Censória* que servilmente se prestaram a dar parecer favorável á condemnação da Pastoral do Santo Bispo de Coimbra D. FR. MIGUEL DA ANNUNCIAÇÃO.

(2) Representa bem essa orientação heterodoxa e funestamente duradoira, D. FRANCISCO FARIA DE LEMOS, indigno successor do heroico bispo-conde D. FR. MIGUEL DA ANNUNCIAÇÃO, ao qual o illustre CARDEAL PACCA, Nuncio que fôra em Portugal em 1795, marcou com o ferrête indelével da sua autorizada reprovação, nas paginas das MEMÒRIAS. — (Cfr. PACCA, *Oeuvres complètes*, t. II).

(3) O libello anonymo *Relação abreviada da República que os religiosos das Provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos dominios ultramarinos*, ou foi da propria penna de POMBAL, ou redigido sob immediata inspecção sua; e a *Deducção Chronologica* (3 grossos volumes Mss.) essa em quasi todas as suas paginas, mostra-nos «a redacção original modificada, por suppressão de phrases, addições, notas á margem, emendas de estylo, e alterações, que muitas vezes transformam o sentido anterior. Essas correcções, que a minuciosa penna do ministro traçou sobre o texto primitivo, da mão de um escre-

Para isso contractou o ex-capuchinho apóstata, PLATEL, para isso os escribas anonymos que em Italia e Portugal prepararam a voluminosissima polygraphia, a que nem sequer faltou o anonymato dos impressores, e que, de facto, em sua maioria, era bolsada pela typographia clandestina, installada nos baixos do palacio da Embaixada em Roma, sob a viligancia auspiciosa de outro primo de Pombal, o Embaixador FRANCISCO DE ALMADA (1).

Foi principalmente com estes dois ultimos auxiliares: a Universidade e a Litteratura, que o espirito previdente e tenaz do Marquês conseguiu estabilizar a lenda, e dar-lhe foros de verdade histórica para numerosas gerações.

Dos livros sem conto dessa litteratura, em que se abeberaram durante quasi um século os que melhor entre nós manejaram a penna, posso eu dar testemunho, pondo em relevo

---

vente subalterno, mostram que a teia do famoso libello, a começar do plano, até ás particularidades da execução é toda obra sua; embora, por uma ambigua expressão do rosto impresso, o favorito JOSE' SEABRA pareça o autor. (LUCIO DE AZEVEDO, *Os Jesuitas de Grão-Pará*, p. 298).

(1) Cfr. ANTONIO DE MENEZES S. J. e LUIZ GONZAGA CABRAL — *Notas Históricas* ao drama *Nunc Dimittis;* em *Rediviva* (Bruxellas, 1914).

apenas um dado das minhas memórias de infancia.

Meu Pae, a cuja honestidade austera e exemplarissima virtude posso referir-me, sem suspeita de paixão filial, pois o Porto inteiro lhe deu tanta vez honrosissimo testemunho, era não somente um christão convicto, mas um cathólico praticante, que se abeirava da Sagrada Mêsa com uma frequencia rara para aquelles tempos.

Pois durante a maior parte da sua vida foi um adversário sincero dos Jesuitas, a quem tinha na conta de homens nefastos ao paiz.

Na sua vasta bibliotheca, duas estantes largas e altas tinham sido reservadas á litteratura a que me vou referindo.

Poucos annos antes de meu Pae fallecer, o mais velho de meus irmãos recebeu delle esta confidencia, que mais tarde me communicava textualmente: — «Quero prevenil-o de que o conteúdo destas duas estantes são livros máos, que eu olhei durante muitos annos como um quinto evangelho; tenha-os sempre debaixo de chave para que não vão fazer mal a outros». —

Quiz archivar aqui o caso, com toda a lealdade, por me parecer uma synthese im-

pressionante da acção falsificadora da lenda post-pombalina em Portugal.

Num ambiente tão saturado de anti-jesuitismo, quem estranhará que os escriptores da época romantica por exemplo, filhos de Coimbra pela mentalidade, herdeiros das tradições universitarias, influenciados pela inspiração francêsa na prosa de MICHELET e na poesia de VICTOR HUGO, tivessem acceitado praticamente a lenda, e lhe dessem guarida nas páginas das suas obras?

Reflexos dessa lenda post-pombalina são o Padre Ventura, creado por LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA na *Mocidade de D. João V*, o já citado Padre Ignácio, feitura de ALMEIDA GARRETT na *Sobrinha do Marquês*, e um sem número de outras caricaturas espalhadas em Portugal como retratos authenticos dos Jesuitas.

e no Brasil. Tambem no Brasil a lenda teve curso e deixou vestigios no romance, no drama, e aqui e alli, na critica e na História; mòrmente na história de fancaria, retalhada a corte de tesoura e cerzida á pressa para as escolas gymnasiaes.

Por vêzes a jesuitophobia lindava com a inconsciencia do escriptor, tão radicalmente ignaro das cousas da Companhia, que nem

sequer a casca lhes salvaguardava ao menos, e disparava em anachronismos e anomalias de expressão incontestavelmente caricatas. Baste por todos o exemplo de José de Alencar, que não hesitou em escrever um drama tão directamente sobre o assumpto, que tem por titulo «Os Jesuitas», e no qual o reitor do Collegio da Companhia, uma das personagens principaes da peça, é... (*risum teneatis!*): Frei Luiz! (1).

---

(1) Do mesmo estofo, e peor ainda que Alencar, com o seu *Frei Luiz, Reitor do Collégio da Companhia*, é o Sr. J. Arthur Montenegro, que em 1900 deu em Pelotas uma nova edição do *Uruguay* de José Basilio da Gama. No *Prólogo* e *Notas* desse livro encontram-se as mais inverosimeis inconsciencias históricas. Citemos algumas das mais desopilantes: — Os Jesuitas oppunham-se ao tratado de 1750 para demarcação de fronteiras na America do Sul, pois «o seu poder omnimodo e absoluto cessaria para sempre, desde o momento em que a soberania de Portugal ali prevalecesse, visto que a ferrea mão de Pombal havia pouco antes desferido certeiro golpe contra a poderosa associação, expulsando-a do territorio e sequestrando-lhe as immensas riquezas que possuia em toda a parte.» Pouco antes?! E a História até aqui a cuidar que, para as violencias practicadas contra a Companhia, Pombal se servia como de pretexto, da supposta rebeldia das *Sete Missões*, e até da républica jesuitica do Paraguay (Cfr. *Relação Abreviada*)! E afinal o Sr. Montenegro descobre que a expulsão e sequestro se tinham realizado *pouco antes*!... Outra ainda mais hilariante: «Oito annos antes (da revolta dos Indios) já se julgavam tão fortes (os Jesuitas) que o P. F. Rodrigues, Geral da Companhia lançava á face do mundo a apostrophe que tanto impressionou a Europa: *Exterorum acies non timemus; nihil foris conturbare nos potest.* Não tememos exercitos extrangeiros; nenhuma força externa nos pode perturbar». (pag. VI). Enganou-se candidamente o annotador. O trecho citado, se por algum Superior da

Nem tudo porem trazia á mostra, por forma tão inhabil, a taboleta de incompetencia.

As páginas criticas do CONEGO FERNANDES PINHEIRO, as accusações formuladas por DAMASCENO VIEIRA nas *Memórias Brasileiras*, as tiradas semi-oratorias de BORGES DOS REIS no *Compendio de História do Brasil*; por muito tempo alimentaram no espirito das gerações escolares a lenda forjada em Portugal.

Havia porem em favor do Brasil dois contra-pêsos de mais vulto que em Portugal: a acção pombalina exercera-se a maior distancia, e fôra encontrar no povo raizes ainda mais fundas de gratidão para com a Companhia.

Companhia foi escripto para incitar os filhos de STO. IGNACIO, na hora em que já se annunciava a perseguição, não tem outro sentido que não seja este: Não temos que temer perseguições vindas de fóra; essas não podem tirar-nos a paz; isto é: sejamos fieis ao nosso Instituto, que só podia causar-nos damno o mal que nos viesse de dentro; no mais estejamos nas mãos de Deus. Disse: «se (o trecho) por algum Superior da Companhia foi escripto»; porque o tal P. F. RODRIGUEZ, quem quer que seja, nunca foi Geral da Companhia.

Vá mais uma, superior ás precedentes: «O odio popular contra a Companhia de Jesus *tocava aos paroxismos* (*sic*), motivado pela decidida protecção que a ella dispensava o *Papa* CLEMENTE XIV» (pag. XI). Com esta clausula do SR. MONTENEGRO ficam avisados os leitores que os Jesuitas devem inscrever d'ora em diante entre os maximos paladinos da sua Ordem o Papa que a supprimiu. Francamente, quem tem este preparo não deve abalançar-se a escrever sobre historia, nem mesmo em prologo e notas a uma obra de phantasia e jacobinismo.

É que, se Portugal era devedor aos filhos de SANTO IGNACIO da mais efficaz acção pedagógica, moralizadora, apostólica e social, no Brasil accrescia a todas estas a acção formadora da nacionalidade, que a bem dizer nascera nos braços da Companhia, e della recebera a sua primeira forma e o máximo impulso para manter-se na gigantesca unidade, a que de principio a elevara a colonização portuguêsa.

Foi por isso talvez que, ao raiar a aurora da justiça pósthuma para os grandes calumniados da História, o movimento de rehabilitação teve no Brasil mais prompto acolhimento, mòrmente por parte dos intellectuaes, do que em Portugal.

Justiça pósthuma.

A uma e outra das duas nações-irmãs estendeu-se, contudo, triumphante.

Em Portugal, muito recentemente (1923), o DR. MANUEL MURIAS defendia a sua these de Licenciatura na Universidade de Lisboa, quando o Cathedrático, DR. AGOSTINHO FORTES fez publica declaração de «concordar na essencia com as ideias expostas, que elle perfilhara ha muito explanando-as nas suas aulas da Faculdade de Lettras». Ora, um dos pontos essenciaes, se não o mais essencial de todos, na dissertação «*O Seiscentismo em*

Portugal » é o reivindicar para os JESUITAS a reputação gloriosa de que fizera por despojá-los a «lenda opprobriosa» de tantos annos (1).

Já desde muito atraz vinha propagando a revêzes essa reivindicação justiceira a *Revista de História*, com a pleiade de escriptores conscienciosos e scientificamente preparados que reuniu, como um areopago de defensores da verdade, o espirito criterioso e seguro de FIDELINO DE FIGUEIREDO.

A obra definitiva do P. FRANCISCO RODRIGUES — *A formação intellectual do Jesuita* —, da qual dizia pouco antes de fallecer o grande poeta e scientista bahiano, DR. EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO, que era «o livro mais completo, profundo e de critica pedagógica mais irrespondivel que tinha vindo á luz em lingua portuguêsa nestes últimos cincoenta annos», — veiu pôr o fecho de abobada á sólida construcção para que tinham carreado precioso material em seus escriptos (livros, folhetos, ou artigos) CAMILLO CASTELLO BRANCO e JOÃO DE LEMOS, RAMALHO ORTIGÃO e THOMÁS RIBEIRO, SENNA FREITAS e ALMEIDA SILVANO, ARTHUR VIEGAS

(1) MANUEL MURIAS — *O Seiscentismo em Portugal* (Lisboa, 1923).

e GONZAGA DE AZEVEDO, e o proprio FRANCISCO RODRIGUES nas suas monographias sobre os *Monita Secreta* e a *Jesuitophobia* (1).

No Brasil a *justiça pósthuma* teve o seu marco milliário, ou o seu ponto culminante no 3.º centenário da morte de JOSÉ DE ANCHIETA, em 9 de Junho de 1897. O Centenario Anchietano.

Historiógraphos da envergadura de THEODORO SAMPAIO, EDUARDO PRADO, COUTO DE MAGALHÃES e CAPISTRANO DE ABREU; Oradores que eram na tribuna astros de primeira grandeza, como RUY BARBOSA, JOAQUIM NABUCO, AMÉRICO DE NOVAES, PAULA RODRIGUES e VICENTE DA SILVA; escriptores da tempera de BRASÍLIO MACHADO, JOÃO MONTEIRO e o CONSELHEIRO FERREIRA VIANNA, acceitaram a incumbencia de restituir a acção da Companhia e os seus titulos de be-

---

(1) CAMILLO, *Curso de Litteratura Portuguêsa* (Lisboa); *Horas de Paz* (Porto); JOÃO DE LEMOS, *Os Frades* (Lisboa); RAMALHO, Artigo do *Primeiro de Janeiro* (Porto); THOMÁS RIBEIRO, Num artigo célebre, publicado no *Correio da Europa* de 1897 em que allude a certas opposições feitas ao Centenário de VIEIRA, opposições que elle classifica de *Medo do Contágio*. — SENNA FREITAS, trad. dos JESUITAS! de Paulo Féval (Porto) e *Representação ao Parlamento contra os Jesuitas!* (Ibidem). — ALMEIDA SILVANO, *Jesuitas* (Coimbra); ARTHUR VIEGAS — *O Poeta Santa Rita Durão* (Bruxellas); GONZAGA DE AZEVEDO, *O Jesuita, fases de uma lenda* (Bruxellas, 1913) — e *Os Proscritos*, (Valladolid, 1911) — FRANCISCO RODRIGUES, obr. cit.

nemerencia aos direitos da verdade, pulverizando a lenda anti-jesuitica com a lógica irrespondivel dos factos (1).

No mesmo anno, o Centenário Vieirense continuava na Bahia o que em S. Paulo começara o Centenário Anchietano. MONSENHOR BASILIO PEREIRA e o CONS. SALVADOR PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, o DR. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO e o R. P. ELPIDIO TAPYRANGA, os DRS. BRAZ DO AMARAL e SÁTYRO DE OLIVEIRA DIAS, confirmaram com suas conferencias magistraes no meio intellectual brasileiro, a obra de justiça pósthuma em favor da Companhia de JESUS.

O plectro inspirado da insigne poetiza bahiana, D. AMELIA RODRIGUES, desferia na sua lyra maravilhosa os accordes de um estro sublime, exaltando a actividade e a abnegação do Jesuita.

Desde essa época, sobretudo nas fileiras da intellectualidade brasileira, a lenda post-pombalina perdeu de vez a sua suggestão nefasta, e cedeu o logar a uma admiração illustrada, que ora se desenrola em monographias de ampla documentação, ora se condensa em syntheses de fulgurante panegyrico.

---

(1) *III Centenario do Venerável Joseph de Anchieta.* (Paris, Aillaud, 1900).

Taes os resumos da acção da Companhia, que, a proposito de VIEIRA, nos deixou o DR. THEODORO SAMPAIO, no discurso inaugural do novo Gabinete Português de Leitura da Bahia, em 3 de Fevereiro de 1918, e na segunda Conferencia do Centenário da Independencia Brasileira, recitada pelo auctor no salão do Theatro-Cinema S. Jeronymo, na Cidade do Salvador da Bahia (1).

Ao tractar este assumpto, fôra para mim escrupulo não deixar aqui a synthese do eloquente diplomata JOAQUIM NABUCO, cuja estatua campeia gloriosa no bronze que lhe ergueu em uma das suas praças a Capital de Pernambuco, sua patria.

Quero transcrever na integra essas duas paginas, por me parecerem a cristallização diamantina do que, no pensamento brasileiro, representa a *justiça pósthuma* da História, vingando a Companhia de JESUS da *lenda opprobriosa* com que pretenderam desacreditá-la.

«Os jesuitas não foram todos, como o quer Rocha Pitta, *imagens tiradas de um pro-*

---

(1) Discursos inauguraes do novo Edificio do Gabinete Português de Leitura da Bahia (Bahia — Dois Mundos — 1918), pp. 36 a 64. — Revista Ecclesiastica da Archidiocese da Bahia, n.º de Junho a Dezembro de 1923, pp. 44 a 55).

tótypo. De certo, entre elles houve individualidades salientes, que não podem deixar de se destacar do resto da Companhia, e ás quaes ella é a primeira interessada em que se tributem homenagens especiaes. Mas dessas individualidades nenhuma teve outra força, outro genio, outra virtude, que lhe não viesse da regra, do espirito, da disciplina da Ordem. Tomae qualquer dellas, e vereis que essa apparente unidade é um aggregado, de qualidades alheias, collectivas, depois hereditárias; uma juxtaposição de caracteres, espiritos e temperamentos dissimilares; vereis que nesse homem ha muitos homens; nas suas inspirações subitas a experiencia de muitos juizos; nessa coragem que deixa o heroismo militar na sombra, nessa pureza que Nóbrega chama *o sello virginal da Companhia* e onde Azevedo descobria um milagre, nesse desgastar inteiriço da vida, como se usa o gume de uma lamina, em tudo ha um effeito inexplicavel por forças proprias, que se alimentassem e renovassem no individuo só ou no mundo em redor delle.

No centenário de Anchieta é impossivel que se tracte de glorificar só um homem. Esse homem é nada, é pó que se desfaz, é um instrumento que fica inerte e sem valor, se

o isolardes do corpo moral a que pertence, se o destacardes, no intuito de melhor o honrar individualmente, da sociedade em que se fundiu. Não lhe poderieis fazer maior violencia, offerecer-lhe um calix mais amargo do que pretender fazê-lo valer por si só, ou por si mesmo. Como unidade histórica ANCHIETA é tão inseparavel de NÓBREGA, de DA GRÃ, de IGNACIO DE AZEVEDO, como de SIMÃO RODRIGUES e IGNACIO DE LOYOLA. Sua glorificação tem que ser *forçosamente* a do espirito que o animava e impellia... Só honrando nelle a Companhia é que se pode evitar a injustiça de esquecer ou postergar nomes que talvez lhe não sejam inferiores, jornaleiros que tenham recebido ainda maior salário. Nenhum mal lhe adviria, estejamos certos, quando mesmo faltassemos á equidade histórica, escondendo a gloria de ANCHIETA na coroa da Companhia. ANCHIETA pertence a um calendário cujas biographias são todas as mesmas, cujo tom dominante é o da vida interior que se não vê, calendário por assim dizer anónymo, em opposição ao da gloria, que, esse sim, é todo pessoal: o calendário dos Santos, onde o único successo é a perfeição, onde a immortalidade se eclipsa e desapparece na eternidade. Não tenhamos re-

ceio de lesar ANCHIETA em um ceitil do que é seu. A verdadeira justiça do Brasil para com elle é essa, de pagar na data do seu Centenário, como devia tê-lo feito em 1870, no Centenário de NÓBREGA, como ainda o hade fazer este anno no Centenário de VIEIRA, não a elle individualmente, mas á Grande Companhia, o tributo de devoção filial que as sociedades devem aos delineadores do seu traço perpetuo (1).»

O 1.º Congresso Nacional de História.

Acima porem das mais privilegiadas intelligencias brasileiras, echôa a voz do proprio Brasil intellectual, pelo orgão do Primeiro Congresso de História Nacional.

Não se podia desejar mais solemne reparação dos aleives, com que a prosa official do Primeiro Ministro de D. JOSÉ I pretendeu deshonrar a Companhia de JESUS, do que a moção que aquelle Congresso Nacional votou solemnemente e mandou lavrar integral em suas actas.

Aqui fica textualmente copiado esse notavel documento:

« 1.º Considerando que o nome da Companhia de JESUS se acha indissoluvelmente

(1) JOAQUIM NABUCO — *A significação nacional do Centenário Anchietano* — (em III Centenario, etc., pp. 325, 326).

ligado á História do Brasil, e de modo tão estreito, que relembrar os seus fastos é assignalar ao mesmo tempo os extraordinarios serviços que na triplice missão humanitaria, politica e social prestaram os JESUITAS ao paiz durante mais de dois séculos; evangelizando as tribus selvagens, salvaguardando o principio da moralidade, em face da corrupção e execravel cubiça dos colonos, alimentando a chamma do patriotismo, que repelliu as invasões estrangeiras, concorrendo efficazmente para a conservação da unidade e integridade da Nação, e diffundindo por toda a parte a cultura intellectual que preparou o surto brilhante da nossa litteratura;

2.º Considerando que escriptores JESUITAS foram dos primeiros que elaboraram com as descripções chorographicas, as biographias e as chrónicas monásticas, os elementos primordiaes em que se baseia o estudo da geographia, da história e da ethnographia do Brasil;

3.º Considerando que a commemoração de todos esses grandes feitos tem lugar precisamente no anno centenário do restabelecimento e rehabilitação da Companhia de JESUS, pelo decreto do Summo Pontifice PIO VII (7 de Agosto de 1814);

Resolve consignar na acta da sua ultima sessão plena, um voto de contentamento pela recordação desse acto de justiça que «solemne e juridicamente restituiu ao seu primeiro ser» a illustre Sociedade a quem deve o Brasil tão denodados e efficazes obreiros da sua grandeza e da sua civilização [1].»

O 1.º Congresso Internacional de História da América.

Esta obra de justiça e lealdade, tão solemnemente practicada pelo Congresso Nacional de 1914, completou-a em 1922 o Congresso Internacional de História da América. Evidentemente a significação e o valor da Proposta unanimemente approvada em 12 de Setembro é de tanto maior consequencia, quanto era mais ampla a esphera do Congresso Internacional, onde, alem do Brasil, se viam representadas todas as nações das tres Américas e não poucas da Europa.

Demos na íntegra o texto dessa esplendida reivindicação do bom nome da Companhia de Jesus.

«O Primeiro Congresso Internacional de História da América, reunido no Rio de Janeiro por occasião do Centenário da Independencia do Brasil, a 8 de Setembro de 1922:

---

(1) *Actas do Primeiro Congresso de História Nacional*, ultima sessão. (Rio, 1914).

1.º — Considerando que um dos principaes objectivos, que pretende realizar é a composição de uma História Geral da América;

2.º — considerando que, para pôr em obra esse elevado tentamen, é mistér, apurando verdades, buscar, antes de tudo, as grandes directrizes a que obedeceu a marcha evolutiva da civilização no continente americano, para, dos caracteres communs que esta certamente apresenta, realçar, cada vez mais, a identidade dos destinos dos povos irmãos e das suas aspirações incoerciveis de progresso e de paz;

3.º — considerando que, dentre os traços mais geraes que se observam na formação histórica das nações do Novo Mundo, ao primeiro exame, e de maneira incontrastável, se impõe, como predominante e bemfazejo, o duradouro influxo por todas ellas, sem excepção, e desde os seus primórdios, recebido dos seus denodados evangelizadores christãos, que do Canadá até á Patagonia, a preço de suores e sangue, devassando o territorio e fundando cidades, educaram os colonos, amansaram os bárbaros e diffundiram por toda a parte os germens da cultura intellectual, no desempenho de uma extraordiná-

ria missão humanitária, civil, e política, sem esquecerem jamais a preoccupação scientífica, mercê da qual se tornaram elles próprios, com extremo labor, fundadores da geographia, da historia e da ethnographia americana;

4.o) — considerando que, por todos os títulos devem taes vultos ser reputados como pertencentes ao escól da especie humana, dígnos portanto de figurar como exemplo a gerações futuras;

Resolve, a exemplo do que fez, em 1914, o 1.o Congresso de História Nacional, recordar na acta da sua primeira sessão plena, entre innumeros outros, os nomes imperecíveis de MANUEL DA NÓBREGA, ASPILCUETA NAVARRO, JOSÉ DE ANCHIETA, FRANCISCO PINTO e ANTONIO VIEIRA, no *Brasil;* PEDRO MARTINEZ, na *Flórida;* GONÇALO DE TAPIA e JULIO PASQUALE, no *Mexico;* PEDRO CLAVER e FIGUEROA, em *Nova Granada;* JOÃO DOS ARCOS, na *Venezuela;* RAFAEL FERRES, no *Equador;* AFFONSO DE BARSANA e MIGUEL DE URRÉA, no *Perú;* ARANDA VALDÍVIA, HORACIO DE VECCHI, MONTALBAN, LUIS VALDÍVIA, no *Chile;* DIOGO DE TORRES, no *Paraguay;* ROQUE GONZALEZ DE SANTA CRUZ, no *Uruguay;* PAULO LE JEUNE, JERONYMO LALLEMANT, MOSSÉ,

DE NOUÉ, JOÃO DE BRÉBEUF, ISAAC JOGUES, ANTONIO DANIEL e JACQUES MARQUETTE, na *Nova França;* GUILHERME AUBERGEON e GUYENU nas *Antilhas;* DENIS MELAND na *Guyana;* JOÃO MARIA SALVATIERRA e EUSÉBIO KINO, na *California* e FLORIANO PAUCK, no *Gran Chaco,* para render a esses heróes um tributo da mais alta veneração e reconhecimento — e faz votos para que todos os povos do continente, cada vez mais unidos, se mantenham na defeza e accrescentamento do precioso legado de civilização, que receberam, e se pode synthetizar no inquebrantável respeito á liberdade humana, ainda mesmo daquelles que, na apparencia, se diriam menos dignos della, no espirito de fraternidade, no espirito de abnegação e sacrificio, indispensável á consecução dos grandes problemas, no culto desinteressado das sciencias, das lettras e das artes. Sala das Sessões, 12 de setembro de 1922. — EUGENIO VILHENA DE MORAES. — JONATHAS SERRANO. — FRANCISCO DE AVELLAR FIGUEIRA DE MELLO. — SOLIDONIO LEITE. — M. FLEIUSS. Approvado unanimemente (1).

Do que fica dito se conclue que os ini-

---

(1) *Actas do Primeiro Congresso Internacional de História da América.* (Rev. do Inst.; tomo especial, 1922; pp. 57 e 58).

ciadores e organizadores da História da Colonização Portuguêsa no Brasil, obra de justiça e solidariedade, que Portugal entendeu offerecer ao mesmo Brasil no Centenário da sua Independencia, não podiam, sem uma lacuna imperdoavel, deixar no olvido a Companhia de Jesus.

Mas não o fizeram só por esse motivo de integridade histórica. É fóra de duvida que tambem nas suas consciencias imperou o motivo de ordem moral que obriga Portugal e o Brasil a uma restituição imperiosa: a da fama menoscabada de uma collectividade, tão injustamente perseguida pela calumnia, durante um longo século de lendas falsificadoras da História.

Quando muitas outras provas o não demonstrassem, indicio bastante era a escolha do escriptor a quem a monographia foi confiada e o titulo de *antigo Provincial da Companhia em Portugal,* preferido espontaneamente para addicionar ao nome do auctor, sem o consultarem, pela Direcção Litteraria daquelle trabalho monumental.

Não podia haver mais expressiva declaração de ser esta uma reparação, em nome da História e da Critica, respondendo ambas á lenda diffamatoria, com a *justiça pósthuma,*

pronunciada tambem pela *Critica e pela História.*

O *titulo* que me foi indicado para a minha collaboração, e que de facto encima a presente Monographia, é: Influencia da Companhia de JESUS na Colonização do Brasil. Influencias e Influencia.

Com o que já deixo dicto nesta *Introducção* sobre a *Lenda e a História* ficou aplanado o caminho para a *divisão lógica* do meu assumpto, que de si estava requerendo muito mais larga escriptura.

Com effeito, de todos os aspectos que ao historiador e ao critico pode offerecer a physionomia complexa do JESUITA, nenhum é talvez mais interessante que este *da sua influencia.*

Tambem aqui a *Lenda e a História* mesclaram innumeras vezes, em illudida ou propositada confusão, as suas fronteiras reciprocas.

Influencia dos Jesuitas! Quem não a ouviu encarecer nas mil anecdotas picantes de muitas lareiras, ou nos éstos calculados de certa rhetorica de convenção, estadeada, ante as turbas boquiabertas, pelos tribunos dos comicios revolucionários?

Umas vezes é a *Influencia dominadora das consciencias,* a tyrannizar ingénuos e timo-

ratos, no intuito de lhes arrancar ambicionadas protecções, cobardes connivencias, ou ainda chorudas heranças;

outras vezes é a *Influencia politica*, numa ancia de poderio e hegemonia, que subjugasse aos interesses da Ordem as forças vivas dos Estados e talvez levasse a effeito a realização de um supremo governo, criando um exercito opulentamente municiado e commandado pelos proprios Padres, ou uma republica exclusivamente sua, senão um imperio em cujo throno se assentasse nada menos que um leigo do Instituto;

aqui é a *Influencia monetária*, com as achegas de *thesouros occultos*, que a imaginação popular se encarregava de concretizar nas *barras de oiro* de Santo Antão de Lisboa, ou no *cofre central* da curia generalicia em Roma, ou nos *armazens secretos* de Gôa e de Rachol, pejados de perolas de Ceylão, colchas da India, xarões do Japão e porcelanas da China; thesouros que no Brasil se corporificavam nas estatuas colossaes dos doze Apostolos, de oiro massiço, com os olhos de brilhantes, em que a tradição phantasista transformava os quatro bustos de talha doirada representando os Evangelistas, que outr'ora separavam os candelabros da ban-

queta no altar-mor do Collegio de Jesus da Bahia;

ali é a *Influencia commercial*, que a lenda pombalina representou como um dos maiores emporios mundiaes, com as transacções em grosso de erva mate, cacau, cravo, ambar, tartarugas e baunilha;

para uns é a *Influencia palaciana* que pelos Confessores tudo decidia e distribuia a seu arbitrio, em Madrid e em Vienna, nas Tulherias e nos Paços da Ribeira;

para outros a *Influencia Romana*, com a fabula do Papa Negro a governar mysteriosamente os Cardeaes vermelhos e o proprio Papa Branco.

Todas estas lendas, ás quaes a História felizmente já de ha muito fez justiça, eram afinal os echos phantasistas de *Influencia verdadeira*, ora exaggerada pela veia poetica do povo, ora caricaturada de industria pela malevolencia anciosa de malsinar.

Assim, a lenda das riquezas tinha realmente seu fundamento na generosa liberalidade com que os fundadores em epocas que já lá vão, asseguravam a vida dos Collegios com os fundos que lhes assignavam.

O *fundador* não só doava os terrenos e construia os magnificos templos e escolas,

mas, para que o ensino pudesse ser gratuito como o era para todos os que cursavam então as aulas dos JESUITAS, destinavam um capital em dinheiro ou bens de raiz cujo rendimento assegurasse o sustento e substituição das alfaias do culto, dos mobiliarios escolares e mais pertenças de uma organização tão complexa como era a de uma Universidade ou Collégio.

Sem duvida, com todos estes recursos nem por isso o cubiculo ou o guarda roupa de cada religioso saía dos moldes da mais rigorosa pobreza; mas a vida collectiva era desafogada dentro dos limites marcados pela regra ás condições austeras do viver da Companhia: era a Fundação ou Património.

Os tempos mudaram; as generosidades ou se amesquinharam, ou derivaram o rumo das suas bemfeitorias para onde é moda fazer convergir os donativos e heranças, ou perpetuar benemerencias em telas a oleo nas galerias de bemfeitores. Houveram por isso de substituir-se as *fundações* pelas pensões dos alumnos, com muito menor efficacia para a promptidão e grandiosidade das installações, e com maior perigo de antipathias e injustas suspeitas de interesse.

O principal centro de estudos no Brasil

Colonial, o Collégio da Companhia de Jesus na Bahia, tinha a maxima parte de seu capital de *fundação,* não em dinheiro mas nas fazendas e engenhos, bôa parte dos quaes situados no Piauhy, o que me pareceu assignalar de passo, para indirectamente responder a um preconceito menos justo dos que se referiram áquelles engenhos.

Quem houvesse de julgar da acção missionária e pedagógica da Companhia por aquellas Residencias, para as quaes geralmente era deputado um Padre já ancião ou convalescente, que presidisse aos Irmãos encarregados de superintenderem na fazenda, criaria aos Jesuitas uma reputação injusta. O fim principal desses estabelecimentos de exploração agricola era colher o rendimento para o Collégio em cujo proveito tinham sido doados como elementos de fundação. Ainda assim a assistencia do Sacerdote nesses sertões abandonados era um ensejo benéfico de doutrinação christã e cultura moral.

Dêmos ainda uma pincelada neste quadro das antinomias entre a *lenda e a história* em materia de *Influencia Jesuitica.* Refiro-me ás fabulas a que deu origem a confiança que nas Colonias tinham nos religiosos da Companhia, Governadores e particulares.

Um dos momentos mais expectáveis para a curiosidade da Lisbôa quinhentista era incontestavelmente o da chegada das náus da India.

Entre o *Armazem do Reino* ao poente e o *Terreiro do Trigo* ao nascente, estendia-se o trecho deslumbrante do estuario em que o Tejo, marginando o Paço da Ribeira e a Rua Nova dos Mercadores, ia dar vasão, na vastissima quadra das Alfandegas, ás carregações nababescas do Oriente.

A avidez illustrada da Lisbôa culta e o deslumbramento ingénuo da arraia meúda desafogavam cada uma por seu modo, a admiração ante as opulencias que ali se estadeavam.

Desdobravam-se dos fardos e das arcas os setins brancos e carmesins, sobre os quaes agulhas magicas tinham prodigalizado os mais phantásticos motivos de decoração na polychromia do retroz asiático a sorrir em vistosos matizes. Pavões e aves do paraizo, ibis purpureas e borboletas gigantes, folhagens caprichosas e desabrochar de flores exóticas orlavam os centros de circos lobulados ou de girasóes geometricamente regulares, indo rematar-se nos debruados de franjas de seda-entrançada em losangos e borlas multicores;

desenrolavam-se fofos e felpudos os tapetes de Ormuz, com os mesmos desenhos angulosos que ainda hoje encontramos nos persas authenticos;

luziam, em cofres de sándalo acolchoado, os collares de perolas da Taprobana e os diamantes de Golconda engastados em escudêtes rosaceos ou articulados em pingentes fusiformes;

perfilavam-se depois de exhumados dos seus involucros de esteira os contadores e bufêtes marchetados, vindos do Meáco ou de Amanguxi nas fustas e pangaios do Japão;

sobre enormes taboleiros de xarão, onde sem perspectiva se destacavam em doirados opulentos as figuras de mandarins chinêses e dragões mithológicos, distribuiam-se as mais variadas porcelanas de Cantão; e de grades, desmuradas como jaulas, retiravam-se as albarradas da China, maiores que as *tinajas* dos nossos vizinhos da Extremadura hespanhola, destinadas a campearem nos atrios dos palacios, ou nas correntezas azulejadas cujos balaustres dominavam os jardins, ou no cimo dos escadorios em vastos patamares, onde os reposteiros armorcados cobriam pesada e majestosamente portadas solarengas.

Ora, succedia não raro que boa parte daquellas remessas quasi regias vinha consignada ao *Padre Procurador da India, da Companhia de* JESUS.

Os olhos da multidão arregalavam-se para aquellas maravilhas de riqueza e quanta vez os commentarios de assombro — quem sabe se de inveja — esboçavam a futura lenda da opulencia jesuitica.

E' contudo, esse endereço apparentemente fautor da lenda, deve a história fazê-lo não só destruidor da mesma lenda, mas, corrigindo a fabula da *influencia monetaria*, fundamentar a conclusão de outra *influencia:* a da austeridade moral, inspiradora da confiança omnimoda por parte dos que só queriam confiar taes preciosidades a intermediarios de inteira limpeza de mãos.

É o caso que essas peças esplendidas só vinham consignadas aos Padres da Companhia por aquelles que da India as enviavam, afim de terem absoluta certeza e confiança de que tudo seria entregue, pontualmente e sem segundas-intenções interesseiras, a seus verdadeiros destinatarios, os parentes, os amigos, os correspondentes em Lisboa e Provincias, dos ausentes no Ultra-mar.

E esta confiança que tinham no JESUITA

os particulares residentes nas colonias sóbe de ponto para os que repararem na confiança depositada nelles pelos Governadores e Vice-Reis que mais se assignalaram no zelo austero dos interesses patrios.

Na Bibliotheca nacional de Paris [1] existem documentos sobre as administrações das Fortalezas da India Septentrional, que, descobrindo um dos mais plausiveis pretextos dados ás lendas da *Influencia Jesuitica*, formam ao mesmo tempo a mais triumphal defeza da honradez desinteressada dos membros da Companhia, em epoca e em meio geographico tão avesso a desinteresse.

Esses documentos, recolhidos pela escrupulosa investigação do notavel pesquizador de archivos, R. P. ANTONIO VAZ SERRA, e generosamente communicados ao illustre auctor do JESUITA — fases de uma lenda —, foram por elle lançados a publico em 1913 [2].

Vou condensar em poucas linhas a significação rehabilitadora do episodio a que esses documentos se referem.

Por meados do seculo XVII vira-se a Companhia forçada, apezar de todas as suas re-

---

(1) *Fonds Portugais*, n.º 33 (novo 57).

(2) LUIZ GONZAGA DE AZEVEDO, O JESUITA — *fases de uma lenda;* (Bruxellas, 1913), t. I, p. 219 e seguintes.

cusas e protestos, a acceitar nada menos que a administração das Fortalezas ao norte da India.

A situação era de todo o ponto inacceitavel para os religiosos: o cargo de si oneroso e de espinhosas responsabilidades; a occupação contraria ao Instituto da Companhia, intransigentemente incompatibilizado com semelhantes negocios temporaes; o logar, por uma parte, atreito á inveja dos que se tinham habituado a locupletar-se a si e aos seus nessas administrações, por outra, occasião de suspeitas para os que estranhavam com razão a ingerencia de religiosos em mistér tão alheio de sua profissão.

A Congregação Provincial, reunida na Casa Professa de Goa em 1664, enviou a Roma um postulado em nome de toda a Provincia para que o Geral se interessasse junto do Rei, afim de serem os Jesuitas eximidos de taes administrações. O Geral, João Paulo Oliva, o grande amigo e admirador de Vieira, escreveu a El-Rei, e este — era ao tempo D. Affonso VI — escreveu por sua vez ao Viso-Rei, João Nunes da Cunha, apoiando a supplica da Companhia.

A resposta do Viso-Rei é um documento victorioso de que bem pode lançar mão a

História para pulverizar a calumnia e voltar do avesso a lenda. Ei-la:

«Sor. Por carta de vinte e nove de Março de 667 me manda V. Mag. que desobrigue os Religiosos da Companhia das administrações que tem das fortalezas de Chaul, Baçaim, Damão e Diu.

Se eu quizera entregar logo ao Mogor estas praças, o podia fazer só com dar a execução esta ordem de V. Mag.; mas he ella tão prejudicial ao Real serviço de V. Mag., que em lugar de a dar a execução, obriguey e obrigo aos Religiosos da Companhia a tomarem de novo as administrações que tinham deixado. Se eu pudera explicar os generos de roubos que a V. Mag. se tem feito na India, e se as contas de uns e outros feitores tiveram sempre hum fiscal desentereçado (*sic*), escusara eu de me ver na desesperação em que me tem posto as maldades desta corrupta e abominavel India. Se os Religiosos da Companhia não vieram a mais que a correr com estas administrações, bastava para fazerem na India um grande serviço a Deos e a V. Mag.; e porque em nenhum tempo aja memoria de semelhante ordem de V. Mag., a que se possão pegar os Religiosos, eu mandei que esta se não registasse. A Real Pessoa de V.

Mag. Ds. gde. muitos annos. Goa, 4 de Janeiro de 1668. O Conde V. Rey.»

Mais typica me parece ainda a resposta mandada pelo mesmo Viso-Rei ao Provincial da India, pela rudeza da sua laconica negativa:

«Emquanto eu for V. Rey da India não se canse V. P. em cuidar que hei-de desobrigar os seus Religiosos das administrações do norte. As das outras fortalezas lhe hey eu de entregar de novo. E em isto tenho respondido á carta de S. Mag., e á de V. P.»

Não sei que mais se pudera excogitar para responder ás *fabulosas influencias* da Companhia de Jesus com a *verdadeira influencia* que a História lhe reconhece nos documentos authenticos.

Plano da Monographia: Influencia profissional; influencia social; influencia nacional.

É tempo de entrar tambem eu, á luz das peças irrefragaveis que os archivos e a História imparcial nos conservaram, no estudo da verdadeira *Influencia da Companhia de* Jesus *na Colonização do Brasil.*

Para maior clareza da exposição que me vejo forçado a apertar numa synthese compacta, distinguirei tres generos de *influencia* na acção do Jesuita para a obra gigantesca da Colonização Portuguêsa em Terras de Santa Cruz; a Influencia Profissional, a In-

FLUENCIA SOCIAL e a INFLUENCIA NACIONAL.

Nesta trilogia se encerra o integralismo efficaz da acção colonizadora com que uma nacionalidade prepara a formação de outra nacionalidade.

A acção SOCIAL organiza os elementos constitutivos do povo, formando-lhe a *mentalidade* pelo *ensino*, temperando-lhe o *caracter* pela *educação* e orientando-lhe o *progresso pela civilização.*

A acção NACIONAL effeitua-se lentamente no equilibrio criterioso e probo das forças estaticas e dynamicas, *mantendo a fidelidade* ao *nacionalismo dos colonizadores* e ao mesmo tempo *propugnando pelos direitos* do *nacionalismo dos colonizados,* preparando assim sem impaciencias prematuras e compromettedoras, mas com a segurança suavemente natural e vitalmente evolutiva do desenvolver organico, *uma nova patria* com o seu *nacionalismo proprio,* forte de unidade e esplendida de pujança.

Observemos contudo, que a influencia social e a influencia nacional se integram pelo conjuncto das *influencias profissionaes* de cada uma das classes: dirigentes e dirigidos, intellectuaes e mechanicos, supremos mode-

radores e intermediarios da governação, legisladores e detentores do poder executivo, magistrados e advogados, mestres e educadores, philosophos e litteratos, historiadores e poetas, mathematicos e engenheiros, medicos e naturalistas, criticos e philólogos, cultores de todas as artes liberaes e téchnicos de todos os mesteres da vida practica; e para tudo resumir numa triade, que, por mais que se altere a terminologia em antigos e novos regimes, sempre continuará com a sua realidade profunda e inilludivel: clero, nobreza e povo. Certo, que se cada categoria no complexo organismo social e nacional realisasse plenamente o ideal da sua influencia profissional, não pudera exigir-se-lhe mais para o seu concurso em ordem ao resultado do bem commum.

Da mesma forma, se a Companhia de Jesus não tivesse fornecido para a colonização do Brasil mais que a sua influencia profissional, isto é, a propria, a sua, a que lhe pertence, como a Ordem Religiosa que professa um ministerio Apostólico pela catequese, pela morigeração e pela beneficencia, teria preenchido a sua missão e a História deveria já louvar-lhe a efficacia na formação de um novo povo e de uma nova nação.

Veremos contudo, que o Jesuita não se contentou com esse influxo profissional; senão que exerceu de um modo directo e intenso o influxo social e o nacional.

Fica pois dividido o presente estudo nas seguintes tres partes, com suas respectivas subdivisões.

I PARTE:

Influencia Profissional — O Apóstolo

Capitulo 1.º — O Apostolado e a Catequese: O Missionário.

Capitulo 2.º — O Apostolado e a Caridade: O Bemfeitor.

II PARTE:

Influencia Social — O Civilizador

Capitulo 3.º — A Civilização e a Pedagogia: O Educador.

Capitulo 4.º — A Civilização e o Progresso: O Guia.

III PARTE:

Influencia Nacional — O Patriota

Capitulo 5.º — O Patriotismo e o Brasil Colonial: O Medianeiro.

Capitulo 6.º — O Patriotismo e o Brasil Independente: O Precursor.

PRIMEIRA PARTE

INFLUENCIA PROFISSIONAL

— O APÓSTOLO —

CAPITULO PRIMEIRO

O APOSTOLADO E A CATEQUESE

— O MISSIONÁRIO —

SUMMARIO — Credenciaes e phases do Apostolado — Os enviados, de 1549 a 1760 — Nomes illustres. — *Primeira phase: Ir.* — Caminhadas intérminas — Multidões de postos, e vae-vem de jornadas. — *Segunda phase: Catequisar.* — Pericia das linguas — O celebre lingua Pedro Correia — Catequeses parenéticas, dialogadas e missionárias — Catequese escripta — Catequese poética, musical e drámatica. — *Terceira phase: Christianizar.* — Resultados obtidos — Apostolado do exemplo — Uma carta de Anchieta — O « Apóstolo do Brasil ».

O *Apostolado Catholico* nasceu no dia em que JESUS CHRISTO disse aos seus discipulos: *ide! ensinae todas as gentes, baptizando-as em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo* (1). Credenciaes e phases do Apostolado.

Ir, ensinar, baptizar: tres phases do Apostolado, tres funcções do Apóstolo; mas a primeira das tres: *ir*. O *Apostolado* é primariamente uma *enviatura*, uma *missão;* o *Apóstolo* é antes de mais nada um *enviado*, um *missionário*.

Tal é o seu primeiro titulo de influencia: a Influencia do Embaixador que apresenta credenciaes do chefe-da-nação que o envia. E as credenciaes do *Missionário* são as que mais direitos dão á verdadeira influencia, porque são credenciaes de DEUS, traslado feito em favor dos Apóstolos Catholicos, das credenciaes do proprio CHRISTO, archétypo de

(1) MATH. XXVIII, 19, Cfr. MARC. XVI, 15.

todo o Apóstolo. Elle mesmo o disse: *Assim como meu Pae me enviou, assim, eu vos envio* (1).

O mesmo passa com a Companhia de Jesus na História da Colonização do Brasil. O primeiro segredo da sua influencia está nas credenciaes do seu Apostolado:

Ir (*euntes*), catequisar (*docete*), christianizar (*baptizantes*), tal é a trilogia que constitue a sua influencia de Missionários.

Lá fez notar Vieira, a respeito dos semeadores do evangelho, que «uns *saem a semear* e outros *semeiam sem sair*», e observando finamente que «*a uns pagará* Deus *a semeadura, aos outros pagará a semeadura e contará os passos*», desfecha na exclamação daquelle elegante e profundo trocadilho: «Ah Pregadores! (— Vieira fallava na Capella Real —) os de cá achar-vos-heis *com mais paço;* os de lá *com mais passos!*»

Bem sabia elle, por experiencia propria, o que tinham sido os passos dos que, para sairem a semear, levaram até ao novo mundo a caminhada da sua missão (*euntes*).

Enviaturas gloriosas foram as daquellas primeiras levas, destacadas para o Brasil pe-

---

(1) Joan, XX, 21.

la Provincia Portuguêsa da Companhia de JESUS; bem merecedoras de que a História, registrando os enviados, lhes conte os passos (*euntes*), lhes analyse a catequese (*docete*), e lhes consigne o resultado christianizador (*baptizantes*).

Registremos primeiro os enviados. **Os enviados. De 1549 a 1760.**

Bem podem o Brasil e Portugal ufanar-se da pleiade de religiosos que, desde 1549 até 1760, por espaço de dois séculos e um decennio, formaram a Provincia do Brasil, com a capital na Bahia; e a Vice-Provincia do Maranhão, com a capital em S. Luiz.

Duas navegações celebres delimitaram a História dos JESUITAS portuguêses na América do Sul: a da armada, que em Abril de 1549 aferrou á Bahia, dando-lhe o seu fundador e primeiro Governador Geral, Thomé de Souza, e com elle as primicias da Companhia no Brasil; e a das náus que largaram da Bahia em 1759 e 1760, em cujos porões, amontoados como rêzes de açougue, ou fardos de mercadoria, seguiam para as enxòvias de Lisboa as victimas da tyrannia Pombalina, arrancadas ao campo de seus heroicos labores.

Entre esses dois limites extremos quantos nomes illustres dos enviados á grande em-

presa missionária! Obrigado a cingir-me respigarei apenas alguns na lista nobiliarquica dos JESUITAS a quem foi confiado o supremo governo da Provincia do Brasil. MANUEL DA NÓBREGA, o verdadeiro Pae da Provincia, que foi Superior em 1549, vice-provincial em 50, Provincial de 53 a 59; LUIZ DA GRÃ, o antigo Reitor do Collegio de Coimbra, collateral de NÓBREGA no Provincialato e depois elle mesmo Provincial no triennio de 59 a 61; orador de prendas invulgares, de quem escreveu Fernão Cardim, naquelle seu estylo inimitavel de ingénua candidez: «tem muito bom pulpito e boas coisas e graça em as propôr (1)».

Nomes illustres.

IGNACIO DE AZEVEDO, particular amigo de D. FR. BARTHOLOMEU DOS MARTYRES, irmão mais velho, que por isso devera ser Mòrgado, de D. Jeronymo de Azevedo e Athayde, conquistador de Ceylão, seis annos Viso-Rei da India; foi Visitador de 66 a 68 e pereceu martyr com seus 39 companheiros, ás mãos dos herejes Calvinistas da Rochella, juncto das Canarias em 15 de Julho de 1570, quando seguia para o Brasil já nomeado Provincial;

---

(1) FERNÃO CARDIM — *Narrativa Epistolar* — Edição do Instituto Historico do Rio, t. LXV, parte I, p. 45.

José de Anchieta, *primus inter pares*, cognominado por antonomásia o Apóstolo do Brasil, thaumaturgo admirável do novo mundo, gigante de santidade, o qual está esperando apenas a honra dos altares para ser officialmente declarado Padroeiro do Brasil. Este foi o quarto Provincial, cujo governo se prolongou por todo o decennio de 1577 a 1587;

Christovão de Gouveia, Visitador de 1583 a 1589, cujo companheiro, P. Fernão Cardim, mais tarde tambem Provincial (1604 a 1609), nos deixou a incomparavel preciosidade histórica, onde mais ingénua e fielmente se encontram retratados mil pormenores colhidos em flagrante da vida indigena, da vida colonial, da vida missionária [1];

Simão de Vasconcellos, o immortal Historiador da Companhia no Brasil, Provincial de 1655 a 1658; Alexandre de Gusmão, o talento polymorpho, que em todos os ramos pareceu attingir a grandeza, homem de governo, duas vezes Provincial (1684 a 1688; e 1694 a 1697), e uma vez Vice-Provincial (1693 a 1694), litterato e asceta, arquitecto e hydraulico, esculptor e embutidor e sobretudo homem de Deus, cuja memoria e reliquias

---

[1] Refiro-me á obra citada em a nota anterior.

ainda hoje são veneradas em Belem da Cachoeira; e homem de beneficencia, protector desvelado da familia LOURENÇO, da cidade de Santos, que nos deu na politica o celebre Ministro de D. JOÃO V, que por gratidão adoptou o mesmo nome do seu bemfeitor: ALEXANDRE DE GUSMÃO, e na sciencia o primeiro aviador, BARTHOLOMEU LOURENÇO, o da *Passarola;* finalmente ANTONIO VIEIRA, o principe dos oradores e dos classicos portuguêses, que em 1653 entrou a governar como Visitador a Missão do Maranhão numa das suas epocas mais difficeis, e em 1688, tambem como Visitador, a Provincia do Brasil, com tal energia e zelo, apezar dos seus 80 annos, que o Geral da Companhia, entendeu dever elogiar especialmente o seu Governo. E nesta compendiosissima resenha dos que em varias epocas foram enviados como missionários á Terra de Santa Cruz, limitei-me apenas a colher os exemplos na lista dos Superiores que governaram a Provincia inteira. Quantos dentre os subditos não seriam dignissimos de eterna memoria? JOÃO DE ALMEIDA, com razão chamado o émulo de ANCHIETA na profusão e assombro dos prodigios, ASPILCUETA NAVARRO, industrioso convertedor de almas, a quem chegaram a comparar com

seu parente o Apóstolo das Indias, S. FRANCISCO XAVIER, dizendo-se que parecia andar vinculada a conversão dos gentios á gente Aspilcueta, a cujo sangue ambos pertenciam.

LEONARDO NUNES, evangelizador da Capitania de S. Vicente, cujo zelo só era egualado pela abnegação heroica do seu desprendimento e penitencia; muito mais tarde DIOGO MACHADO (1686) a alma do esplendido movimento de caridade, com que os JESUITAS do Collégio da Bahia acudiram á Peste Grande, começada em Abril daquelle anno, e em que foram contagiados quasi todos os Padres e Irmãos, morrendo quatro delles victimas do seu heroismo, e conquistando a gratidão da Bahia para aquelle collégio cognominado na cidade «o azylo de todos os que soffrem (1)»;

JOÃO DE BARROS, peritissimo na lingua dos Accarazes, a quem VIEIRA chama *indefessus Evangelii minister* e JOÃO COCLEIO, o polyglotta, fundador de numerosas missões, ao qual o mesmo VIEIRA tece o mais rasgado elogio, em carta dirigida ao Geral THYRSO GONZALEZ; PHILIPPE BETTENDORF auctor da

---

(1) Cartas ao M. R. P. Geral da Companhia, de 2 de Maio e 8 de Julho de 1686 (Mss. da minha collecção).

História da Companhia de JESUS no Maranhão, editada pelo Instituto Histórico Brasileiro, e o maravilhoso escriptor do *Oriente Conquistado* a JESUS CHRISTO, finissimo critico, apurado investigador das coisas da India e tão primoroso estylista que o proprio CAMILLO não hesitava em declarar ser elle um dos mestres em cuja escola mais se instruira nos segredos da vernaculidade e da elegancia; foi este o Itaparicano P. FRANCISCO DE SOUZA, brasileiro que veiu a consagrar á India os seus suores desinteressados e o seu formosissimo talento.

Primeira phase: IR. Caminhadas intérminas.

Destacámos alguns dos enviados; mas quem ha que possa contar-lhes os passos?

Ao escrever sobre a Companhia de JESUS numa História da Colonização Portuguêsa é interessante assignalar duas approximações: a primeira é a intima ligação de Portuguêses e JESUITAS na vida do Fundador da Companhia. Sabemos o enthusiasmo e ao mesmo tempo a ternura do povo de Portugal no segundo quartel do século XVI para com os filhos de SANTO IGNACIO. Aquella antonomásia honrosa, com que os JESUITAS foram conhecidos pelo nome de *Apóstolos*, sem mais epitheto, nasceu em terras de Portugal desse anonymato popular que caracteriza as formu-

las espontaneas dos sentimentos collectivos(1).

O Soberano Português, esse então foi para a Companhia tão desvelado protector, que Santo Ignacio de Loyola não hesitou em chamar a D. João III ainda mais Pae da Companhia, que elle proprio Ignacio. A segunda approximação entre Jesuitas e Portuguêses, a que mais faz ao nosso caso no assumpto que vou tractando — é a da improporção entre a grandeza das obras levadas a cabo e o punhado numericamente insignificante de homens que as realizaram.

Portugal não chegava a ter uma população de dois milhões; e esse milhão e tanto bastou não só para continuar a obra constructora da «*pequenina casa lusitana*», senão tambem para orlar de portuguêses as costas de tres continentes, firmando dentro delles um Moçambique e um Congo, uma India e um Brasil.

Com razão os adjectivou Camões aptamente naquelle verso: «*Vós, portuguêses, poucos, quanto fortes*».

Pois bem semelhante foi o caso da Companhia de Jesus no alvorecer da sua História.

---

(1) Refiro-me á popularização do appellido; pois quem primeiro o empregou, dando pretexto á denominação corrente, foi o próprio D. João III.

Ainda os JESUITAS eram um punhado apenas, e já LOYOLA destacava XAVIER para as Indias, RODRIGUES para Portugal, FABRO para a Allemanha, BROUET para a França, LEJAY para Napoles; e poucos annos depois CAMARA para Marrocos, BARRETO para a Ethiopia e NÓBREGA para o Brasil.

E sendo tão reduzido o numero dos *enviados* para tão vastas regiões, facil é concluir que innumeros *passos* devia dar cada um, para multiplicar sua presença e por ella a sua influencia de Missionários!

Em carta de 1584, escreve ANCHIETA:

« Os perigos e trabalhos que nisto se passam, pela diversidade dos logares a que acodem, se podem conjecturar. Perigos de cobras, de que ha grandissima copia nesta terra, de diversas especies, que ordinariamente mattam com sua peçonha, de que frequentissimamente quasi por milagre são livrados, e alguns mordidos sem perigar; — perigos de onças ou tigres, que tambem são muitos, pelos desertos e mattos, por onde é necessario caminhar; — perigos de inimigos de que algumas vezes por Providencia Divina tem escapado; — tormentos por mar e naufragios, passagens de rios caudalosos, tudo isto é ordinario; — calmas muitas vezes excessivas

que parece chegar homem a ponto de morrer, de que vem a passar gravissimas enfermidades; — frio, principalmente na capitania de S. Vicente, no campo, onde já por vezes se acharam Indios mortos de frio, e assim acontecia muitas vezes, ao menos no principio, a maior parte da noite não poder dormir de frio nos mattos por falta de roupa e de fogo, porque nem calça nem sapato havia, e assim andavam as pernas queimadas das geadas e chuvas muitas e mui grossas e continuas, e com isto grandes enchentes de rios e muitas vezes se passam aguas muito frias, por longo espaço pela cinta e ás vezes pelos peitos; e todo o dia com chuva muito grossa e fria, gastando depois grande parte da noite em enxugar a roupa ao fogo, sem haver outra que mudar. E contudo, nada disto se estima; e muitas vezes, para acudir a baptizar ou confessar um escravo de um Português, se andam seis e sete leguas a pé, e ás vezes sem comer...

Não ha descansar, e nisto se gasta cá a vida dos Nossos, com que se tem ganhado em todo o Brasil muitas almas ao Senhor (1).»

---

(1) *Informações e fragmentos históricos do* P. JOSEPH DE ANCHIETA (Rio, 1886, p. 20).

O Dr. Brasílio Machado, depois de ter citado este trecho na sua Conferencia Anchietana, accrescenta as seguintes palavras, bem a ponto para o que vou documentando, dos *passos* com que o Missionário da Companhia punha em practica no Brasil o primeiro mistér do seu apostolado: ir (*euntes*).

« Houve um martyr, Ignacio de Azevedo, que durante o tempo da sua visitação ás casas do Brasil, quando viu, refere o chronista Balthazar Telles, vir das aldeias os Padres e os Irmãos descalços, cheios de lama, magoados ou feridos dos mattos e charnecas por onde atravessavam, se lançava de joelhos e por devoção lhes beijava os pés, reverenciando nelles, assim escalavrados, a graça e a formosura que o propheta Isaias achava nos pés dos Prègadores que caminhavam pelas montanhas annunciando a paz e a lei divina (1) : *quam pulchri super montes pedes evangelizantium pacem evangelizantium bonum* (2). »

Para encerrar este assumpto dos *passos* dados pelo Missionário da Companhia neste

---

(1) Dr. Brasilio Machado; em Cent. Anchieta, p. 84 (Paris, Aillaud, 1900).

(2) Isaias, c. LII, v. 7; citado por S. Paulo na *Epistola aos Romanos*, X, 15.

vastissimo Brasil, quizera eu poder delinear o mappa das suas caminhadas, traçado incontestavelmente brilhante, mas tambem inexequivel.

Apresenta a *História da Colonização* um interessante planispherio das principaes navegações dos Portuguêses (1).

Multidão de postos e vae-vem de jornadas.

Mas esse arar das nossas quilhas fazia-se sem arripiar caminhos pelas aguas que sulcavamos em cada singradura. Se quizessemos dar o graphico das pisadas impressas pelos Jesuitas Missionários, em *Terras de Santa Cruz*, haviamos de encontrar por essas montanhas e florestas, por esses sertões e areaes, por essas planicies e lameiros, redes inextricaveis de idas e vindas, incessante pisar e repisar das mesmas veredas, cruzadas depois em todas as direcções, mil vezes encrespadas as mesmas aguas com o talhar do remo e o deslocar da piroga, num dédalo de rios sem conta, ora immensos como mares, ora sinuosos como tremular de flammula que o vento agita, sempre infatigavel o apóstolo em explorar o inexplorado, para depois visitar o visitado, percorrer o percorrido; ir, tornar, recomeçar, volver; multiplicando os pas-

(1) Cfr. Op. cit. t. I, depois da pag. CXXXI, antes das *erratas da Introducção*.

sos, pelas missões dos Tupinambás e dos Pochiguáras, dos Nheengaíbas e dos Mamayanazes, dos Aymorés e dos Tupiniquins, nas regiões do Norte; e dos Tamoyos e Guaianazes, dos Tupís e Carijós, dos Guaranís e Temiminós nas regiões do Sul. Fôra preciso acompanhar aquelle infatigavel PADRE JOÃO DE ASPILCUETA NAVARRO nas 800 légoas de sertão, em que foi alcançar os valles de S. Francisco e do Rio Pardo; fizera-se mistér hombrear com a agilidade daquelle andarilho quasi portentoso que foi o PADRE LEONARDO NUNES, a quem os Indios alcunharam opportunamente de *Abarebebé* — o Padre que vôa — [1].

2.ª Phase: CATEQUISAR.

Mas ao Missionário não basta exercer o seu apostolado *indo* (euntes); senão tambem *catequisando* (docete).

---

[1] Para dar uma longinqua ideia do que foi o intérmino palmilhar desses pioneiros da catequese, quero dar aqui em nota a lista dos postos fixos, occupados pela Companhia de JESUS na Provincia do Brasil e na Vice-Provincia do Maranhão; de cada um dos quaes irradiava, numa azafama de colmeia pujante, a pleiade dos seus missionários, nas várias épocas da História da colonização Portuguêsa no Brasil. Para economizar espaço, damos a chave das abreviações:

C = Collégio; **E** = Estação; **M** = Missão; **N** = Noviciado; **R** = Residencia; **S** = Seminário.

PROVINCIA DO BRASIL

Anatuba, M. — Sto. André, M. — Arissariguão, R. — Arassatiba, R. — Bahia C. — Bahia N. — Bahia S. — S. Bar-

A *Catequese* da Companhia no Brasil effeituou-se pela palavra e pela penna; uma e outra utilizando as formas mais variadas, e

---

nabé M. — Belem da Cachoeira, S. — Cabo Frio, R. — Camamú, R. — Campos Novos, R. — Caraubá, R. — Sta. Catharina, M. — Caucará, R. — Cerenhará, R. — S. Christovam, R. — Colonia nova, M. — Sta. Cruz, R. — Embougé, M. — Engenhos, M. — Espirito Santo, C. — Espirito Santo, M. — S. Francisco Xavier, R. — Goajurú, M. — Guaitacá, R. — Sto. Ignacio, R. — Ilhéus, E. — Intinga, M. — Jaboatão, R. — S. João, M. — S. José, M. — Jurú, M. — S. Lourenço, M. — Mayrayú, R. — Macacú, R. — Maráva, M. — S. Miguel, R. — Moribica, R. — Monjópe, R. — Natube, R. — Olinda, C. — Parahiba, E. — Parangaba, M. — Paupina, M. — Parnaguá, E. — Patatyba, R. — S. Paulo, C. — Payacú, M. — Pacocaya, R. — S. Pedro, M. — Pitanga, R. — Porto Seguro, E. — Recife, C. — Reis Magos, M. — Reritigá, C. — Rio de Janeiro, C. — Sacco dos Morcegos, M. — Senhora da Lapa, S. — Senhora da Luz, R. — Senhora do Soccorro, R. — Serenhaem, R. — Sobrado, R. — Taguay, R. — Tapicyricú, M. — Tujupeba, R. — Uruberú, R. — Ybiapaba, M.

VICE PROVINCIA DO MARANHÃO

Abacaxi, R. — Andirá, M. — Anyndiba, R. — Arapeá, R. — Araticú, R. — Arecáro, R. — Aricará, M. — Arvará, R. — S. Braz, R. — Bocano, R. — Bourari, R. — Byrajuba, R. — Caeté, R. — Camamú, M. — Cumarú, R. — Espirito Santo, M. — Guaricú, R. — Gibirié, R. — Ibyrajuba, R. — Icatú, R. — Sto. Ignacio, R. — Itacrucá, R. — Itapacurú, R. — Jagoari, R. — S. José, R. — Madre de DEUS, E. — Maracá, R. — Maracú, R. — Marajó, R. — Maranhão, C. — Moribyrá, R. — Mortigura, R. — Moritiba, M. — Pinaria, R. — Pará, C. — Piaguya, M. — Salinas, R. — Samaumá, R. — Tapajú, R. — Tapuytapera, E. — Tocantim, M. — Vigia, E. — Xingá, R.

Cfr. HAMY S. J. — Documents pour servir á l'histoire des domiciles de la C. de J. — pp. 6 e 8.

perpetuando-se com uma continuidade que foi o segredo da sua efficacia.

A *Catequese oral* pedia como condição primeira o conhecimento das linguas.

Ninguem, como o grande VIEIRA, nos dirá tão bem o que é neste particular a theoria e a practica da Companhia. Cedamos-lhe a palavra:

Pericia das linguas.

«Nossa vocação, diz SANTO IGNACIO no principio do seu Instituto, é para discorrer e fazer vida em qualquer parte do mundo, onde se espera maior serviço de DEUS e ajuda das almas (1). — E para ajudar essas almas que meios, ou que instrumentos nos deu e nos ensinou a providencia do mesmo Santo e sapientissimo Patriarcha? A sua regra o diz: — Para maior ajuda dos naturaes da terra em que residem, todos aprendam a lingua della (2). — Reparemos bem naquellas duas clausulas universaes: *todos* e *em qualquer parte ou partes do mundo.* E que terra ou terras são essas onde residem? O Japão, a China, o Malabar, o Mogor, o Mexico, o Perú, o Brasil, o Maranhão; e, se se descobrir a terra incognita, tambem essa. E quem são

---

(1) *Summario das Constituições*, regra 3.a.

(2) *Regras communs*, regra 10.a.

os que hão-de apprender as linguas? *Todos*, diz, sem excepção de pessoa... os estudantes e os professos, os irmãos e os padres, os discipulos e os mestres, os moços e os velhos, os subditos, e os Superiores; sem que haja officio ou occupação alguma tão importante que os exceptue desta; porque, ella é a maior, a mais importante, e a de que depende o fim de toda a Companhia [1] ».

E pouco abaixo, referindo-se ao Brasil, accrescenta: — Quão practicada fosse a (lingua) do Brasil nesta nossa Provincia bem o testifica a primeira arte ou grammatica della, de que foi auctor e inventor o grande Anchieta, e com razão se pode estimar por um dos seus milagres. Bem o testificam as outras que depois sairam mais abreviadas, e os vocabularios tão copiosos e o catecismo tão exacto em todos os mysterios da fé, e tão singular entre quantos se teem escripto nas linguas politicas, que mais parece ordenado para fazer de christãos theologos, que de gentios christãos. Sobretudo o testifica o mesmo uso de que nos lembramos os velhos, em que a nativa lingua portuguêsa não era mais geral entre nós que a brasilica. É do mesmo

(1) Vieira, *Sermões;* ediç. de 1907, t. V, p. 347.

sermão est'outro pittoresco trecho que nos pinta ao vivo o polyglottismo brasilico dos catequistas da Companhia: — «Quem me dera poder agora chamar por seus nomes as almas de todos aquelles que eu acompanhei quando fui á missão do Maranhão, e que nella trabalharam e morreram!... Todos os ouvia fallar na sua popria lingua. Aquella gentilidade bárbara, pelo conhecimento confuso que tem de Deus, dá-lhe o nome de *Tupan*, que significa *trovão;* assim, como a gentilidade politica chamava *Tonante* ao seu *Jupiter*. Ensinando pois os novos mestres da fé e novos discipulos das linguas, a cada um na sua propria, que o verdadeiro Creador do céu e da terra é um só, que faziam? Chegavam á nação dos Tupinambaranas, e diziam ao Tupinambarana: *Tupan oyepein;* chegavam á nação dos Juruúnas, e diziam ao Juruúna: *Tupan memê;* chegavam á nação dos Nhuanas, e diziam ao Nhuana: *Tupan gemegêm;* chegavam á nação dos Tapajós, e diziam ao Tapajó: *Tupan catamocem;* chegavam á nação dos Mamayanazes e dos Nheengaíbas, e diziam ao Nheengaíba e ao Mamayanaz: *Tupan amopererimperim* (1)».

---

(1) Vieira, *Sermões*, t. V, p. 357 (ediç. cit.).

Que não fosse esta diligencia sem custosos sacrificios, o mesmo VIEIRA o expõe impressionantemente, com o exemplo proprio, em outro sermão:

«Por vezes me aconteceu estar com o ouvido applicado á bocca do bárbaro, e ainda do interprete, sem poder distinguir as syllabas, nem perceber as vogaes, ou consoantes, de que se formavam, equivocando-se a mesma lettra com duas e tres semelhantes, ou compondo-se (o que é mais certo) com mistura de todas ellas; umas tão delgadas e subtis; outras tão duras e escabrosas; outras tão interiores e escuras, e mais afogadas na garganta que pronunciadas na lingua; outras tão curtas e subidas, outras tão extendidas e multiplicadas, que não percebem os ouvidos mais que a confusão... Se é trabalho ouvir a lingua que não entendeis, quanto maior trabalho será haver de entender a lingua que não ouvís? O primeiro trabalho é ouví-la; o segundo percebê-la; o terceiro reduzí-la a grammatica e a preceitos; o quarto estudá-la; o quinto (e não o menor, e que obrigou S. JERONYMO a limar os dentes) o pronunciá-la. E depois de todos estes trabalhos, ainda não começastes a trabalhar,

porque são disposições sòmente para o trabalho (1).»

A todos estes trabalhos se votaram abnegadamente os JESUITAS que no século XVI vieram exercer no Brasil a sua acção missionária.

Entre os *linguas* que naquella época se notabilizaram, nenhum egualou o famoso IRMÃO PEDRO CORREIA, um dos primeiros noviços admittidos no Brasil para a Companhia de JESUS.

Foi no século, escreve SIMÃO DE VASCONCELLOS na Chrónica (2), «da geração nobre dos Correias de Portugal. Passou-se ao Brasil naquelles principios da Capitania de S. Vicente, e foi nella o mais poderoso dos moradores. Gastou muitos annos da sua vida accomodando-se ao modo de viver do logar, salteando e captivando Indios por mar e por terra, de que enriquececia sua casa; não entendendo a grande injuria que nisso fazia ás creaturas racionaes, por natureza livres; antes parecendo-lhe fazia serviço a DEUS, com capa de que entre christãos poderiam reduzir-se a Christo. Chegou áquella capitania

---

(1) Id. Sermão do Espirito Santo, t. V. p. 377.

(2) VASCONCELLOS, Chronica da Companhia de JESUS no Estado do Brasil, liv. I, n.º 179.

o P. LEONARDO NUNES no anno de 1549, e ouvindo PEDRO CORREIA sua doutrina e as razões pelas quaes estranhava aquelle modo de viver de saltear e captivar os Indios, como era homem capaz e bem entendido, fez nelle tanta impressão que deliberou, não só deixar o officio, mas com elle o mundo, e dedicar-se todo a um perpetuo sacrificio, entrando em Religião. Julgava que só desta maneira poderia pagar seus peccados. Tractou com o P. LEONARDO, foi delle com effeito recebido na Companhia, e foi semelhante sua conversão á de um S. PAULO, porque foi insigne o zelo com que tractou os Indios dalli em diante, padecendo, pela liberdade de seus corpos e vida de suas almas, fomes, sêdes, frios, calmas, malquerenças, perigos do mar e da terra e todo o genero de trabalhos. Foi ouvido muitas vezes dizer que não poderia alcançar perdão dos grandes males que tinha obrado contra os brazis, senão empregando-se todo em seu serviço até morrer [1]».

E foi realmente até morrer. Pelo serviço dos seus Indios, foi aos arraiaes dos Tamoyos, dos Tupiniquins, dos Carijós; em toda a parte acolhido com a docilidade, que de

---

(1) VASCONCELLOS, op. cit., 1, I, p. 101 e 102.

todos conseguia triumphantemente a eloquencia rara com que lhes fallava em suas proprias linguas.

Anchieta lhe dá testemunho de que, «em elle começando a fallar, suspendia os animos ».

« Entrava, diz Vasconcellos, pelas casas dos Indios, como se entrasse pelas suas, ainda que fossem gentios. A prègação era commummente de noite, e succedia começar antes do meio della e acabar alta manhã, sem que alguem dormisse.»

Por occasião de uma extensa caminhada que iniciou em 24 de Agosto de 1554 em companhia do Irmão João de Souza, com o triplice fim de reduzir a nação dos Igbirairas, conseguir pazes dos Carijós com os Tupís, e persuadir a estes ultimos deixassem passar indemnes uns Castelhanos que regressavam ao Rio da Prata; tendo conseguido o segundo e o terceiro destes intentos, quando tudo parecia bem encaminhado para uma opulenta messe de conversões, de repente enganados os bárbaros pela calumnia proposital de outro Castelhano, a quem o P. Manuel de Chaves livrara da morte, mas cuja sensualidade se exasperara com a regeneração de uma India até então sua concubina; veiu

a perecer ás frèchadas, martyr do Apostolado e da pacificação das tribus, a cujos interesses votara com a sua eloquente pericia das linguas, a sua abnegação nunca desmentida (1).

Convertido e martyr bem pudera ser o

---

(1) O P. Simão de Vasconcellos descreve assim na sua *chronica* as circumstancias deste martyrio: — «como (o Castelhano) era sagaz, manhoso e destro na lingua brasilica, metteu em cabeça aos simples Indios, que os Irmãos vinham por espias dos Tupis, seus contrarios, e que convinha tirar-lhes as vidas muito á pressa, antes que experimentassem em si as frechas e dentes de seus inimigos. Não foram necessarias mais palavras a gente tão bárbara e variavel; saem a terreiro, appellidam gente, batem os pés, os arcos e as frechas, sinaes de amotinados, e arremettem ao caminho em busca dos dois servos de Deus. Tinham elles chegado, bem fóra do successo, a uma campina, rezando suas devoções, a pé e com seus bordões em as mãos, quando ouviram alaridos e vozes que atroavam os montes vizinhos, e de improviso vem-se cercados de bandos de seus mesmos hospedes e juntamente de um chuveiro de suas frechas. Encontraram primeiro com o Irmão João de Souza, com um cestinho de pinhões pendurado do braço (viatico que devia ser do caminho) o qual, vendo os bárbaros, conheceu seu damnado intento; e, posto de joelhos, invocando os santos nomes de Jesus e de Maria foi trespassado de suas crueis frechas, até que, caindo desmaiado em terra, deu o espirito ao Creador. Tudo via o Irmão Companheiro, Pedro Correia, e, emquanto durava aquelle espectáculo sanguineo prègava em alta voz reprehendendo tão grande desatino, com aquella sua costumada eloquencia, que abrandara os mais duros penedos. Porem, não eram já ouvidas suas palavras... Passado o peito e entranhas, não pode ter-se em o bordão, caindo de joelhos, levantadas as mãos ao ceu, rompeu aquella alma ditosa as ataduras da carne mortal e voou á terra dos viventes». (Chron., 1, I, n.os 176 e 177).

titulo de um dyptico consagrado á memoria desse *lingua* admiravel das Catequeses do Brasil. De facto o dyptico existe equivalentemente, executado por um pincel de mestre nos dois bellos quadros históricos de BENEDICTO CALIXTO, expostos na Egreja de Santa Cecilia, em S. Paulo.

Catequeses parenéticas, dialogadas e missionárias.

Quando disse acima que a catequese do Missionário JESUITA no Brasil, effeituada pela palavra e pela penna, se exerceu pelas mais variadas formas, assignalei uma das suas feições mais caracteristicas: *a acção polymorpha:*

Catequese parenética, na prègação propriamente dicta, em que eram assiduos nos pulpitos, não só durante as Quaresmas e por occasião das Festas solemnes, mas em todos os Domingos do anno (1);

catequese dialogada, da qual nos refere ANCHIETA que no Collégio da Bahia se fazia a Indios e Negros uma vez por dia, e duas vezes nos Domingos e Festas (2);

catequese missionária, nas missões propriamente dictas, que por toda a parte se

(1) Na Bahia, refere ANCHIETA que além das prègações na Egreja do Collégio, as faziam os JESUITAS com egual assiduidade na Sé. (Cfr. Annua de 1584, p. 3).

(2) Archv. Soc. J.; Brasil 8, fol. 3 V.

multiplicavam, por vezes com tão assombroso resultado, como em Itaparica, anno de 1561, nas duas festas da Cruz, a 3 de Maio e 14 de Setembro, na qual o 2.º Bispo do Brasil, D. PEDRO LEITÃO e o Provincial LUIZ DA GRÃ presidiram a 753 baptismos, como pouco depois no Bom Jesus, o mesmo PADRE GRÃ fez administrar em um só dia o Sacramento christianizador a 892 gentios [1];

catequese escripta de que são modelo admiravel os compendios do VENERAVEL PADRE JOSÉ DE ANCHIETA em linguas portuguêsa e tupy, dignos ambos elles de emparceirarem ao lado dos que nos deixaram S. FRANCISCO XAVIER, o Padre MARCOS JORGE e o P. IGNACIO MARTINS; da redacção em português possuo eu uma transcripção photographica do autographo, que é toda do proprio punho, do grande thaumaturgo; é uma maravilha de bom senso practico e tino pedagogico; as respostas, que o discipulo ha-de dar, são brevissimas, as mais das vezes uma só palavra; Catequese escripta

---

(1) Visitei em Janeiro de 1924 a Matriz de Vera-Cruz, no centro da ilha de Itaparica, e procurei em vão na vetusta Egreja, testemunha muda daquellas missões esplendidas, algum documento, que, por data ou relevo decorativo, recordasse aquellas eras. Nem sequer o trigramma do Santissimo Nome de JESUS se me deparou ali.

as perguntas de uma lucidez perfeita, sem hesitar para isso em prolongar a formula; só deixa mais extensão ao neóphyto quando a resposta pode ser uma lista, de feição sensivel, tangivel e por isso intelligivel ao bárbaro ou á creança; insiste com maior desenvolvimento nos assumptos que mais deviam interessar a curiosidade dos indigenas; é sem duvida por estas e outras excellencias que VIEIRA lhe teceu o elogio acima transcripto e por certo lhe procurou o mesmo VIEIRA seguir as pisadas, quando veio a enriquecer mais tarde a catequese escripta dos JESUITAS no Brasil nada menos que com seis catecismos em outras tantas linguas dos indigenas, «um na lingua geral da costa do mar, outro na dos nheengaíbas, outro na dos bócas, outro na dos juramiminos, e dois nas dos tapuyas (1);

Catequese poética, musical e dramática.

catequese poética, musical, dramática, e até *choreográphica*, pois de todas estas artes lançaram mão os JESUITAS para instruirem os neóphytos. Ninguem venceu neste particular ao grande thaumaturgo do Novo Mundo, o já tantas vezes citado ANCHIETA. Com

---

(1) VIEIRA; *Defeza* apresentada ao Tribunal da Inquisição de Coimbra (*Obras ineditas*, Lisboa, 1854, t. I, p. 49).

razão o considera o Brasil como o creador da sua Litteratura.

Quando abaixo fallar da influencia social do JESUITA como educador, terei ensejo de citar algumas das suas estrophes ingénuas e bellas. Aqui reproduzirei apenas, de documentos coévos, algumas das scenas em que apparece, a um tempo pittoresco e emocionante, o aproveitar destas artes recreativas para a catequese missionária dos JESUITAS no Brasil do século XVI.

Seja a primeira a que descreve FERNÃO CARDIM da festa das Onze mil Virgens, celebrada no Collégio da Bahia no proprio dia em que desembarcou, regressando da visita a Pernambuco, o P. CHRISTOVAM DE GOUVEIA.

«A missa foi officiada com boa capella dos Indios com suas frautas, e de alguns cantores da Sé, com orgãos e cravo e descantes; e ella acabada, se ordenou a procissão dos estudantes, aonde levamos debaixo do pállio tres cabeças das onze mil virgens, e as varas levavam os vereadores da cidade e os sobrinhos do Sr. Governador. Saiu na procissão uma náu a vella, por terra, mui formosa, toda embandeirada, cheia de estudantes, e dentro della iam as onze mil virgens ricamente vestidas, celebrando seu triumpho:

de algumas janellas fallaram a Cidade, o Collégio e uns Anjos, todos mui ricamente vestidos; da náu se dispararam alguns tiros de arcabuzes; e o dia de antes houve muitas invenções de fogo. Na procissão houve danças e outras invenções devotas e curiosas. Á tarde se celebrou o martyrio, dentro da mesma náu: desceu uma nuvem do céu, e os mesmos Anjos lhe fizeram um devoto enterramento. A obra foi mui devota e alegre. Concorreu toda a cidade, por haver jubileu e prègação; houve muitas confissões e commungaram perto de quinhentas pessoas (1)». Não nos diz CARDIM quem fosse o poeta que compôs o auto das Onze mil Virgens. Numa collecção manuscripta de poesias de ANCHIETA, de 206 paginas, conservada no archivo da Companhia, de que possuo reproducção photográphica, existe um *auto* sobre este assumpto, representado na Capitania do Espirito Santo. É possivel que um seja apenas a adaptação do outro; poderia, contudo, ter sido composto de proposito para a occasião, como o foram as *cantigas pastoris*, de que nos falla o mesmo Padre, em que os indios das margens do Rio de Joanes festejaram

(1) FERNÃO CARDIM, op. cit., ediç. supra, p. 47.

poucas semanas depois o Visitador. É certo que no Collégio estava então o P. Manuel de Barros, primoroso humanista a quem podiam ter escolhido para redigir e ensaiar o auto.

Na visita do sul, houve festejos análogos na Conceição (8 de Dezembro) do mesmo anno de 1583; mas a *catequese poética, musical e dramática* aproveitou ahi um diálogo escripto em Portugal pelo desenfastiado collaborador e victima da nossa *História Trágico-Maritima*, o P. Alvaro Lobo, o qual versando nessas rimas a *Ave Maria*, vae fazendo um commentario de cada palavra della, insinuando assim a lição ao mesmo tempo pelos olhos e pelos ouvidos, no apparato dos riquissimos vestuarios, no concerto das vozes e dos instrumentos, e no cadenciado das danças e trocados.

Cedamos ainda uma vez a palavra ao minucioso e pittoresco narrador dessas scenas exóticas.

«Vespera da Conceição da Senhora, por ser orago da aldeia mais principal, foi o Padre Visitador fazer-lhe a festa; os indios tambem lhe fizeram a sua, porque duas léguas da aldeia, em um rio muito largo e fermoso (por ser o caminho por agua) vieram alguns

indios Murubixabas [1], com muitos outros, em vinte canoas bem equipadas, e algumas pintadas, enramadas e embandeiradas, com seus tambores, pifaros e frautas, providos de mui fermosos arcos e frechas mui galantes, e faziam a modo de guerra naval, muitas ciladas em o rio, arrebentando poucos e poucos, com grande grita e, perpassando, pela canôa do Padre, lhe davam o *Ereiupe* [2], fingindo que o cercavam e captivavam; neste tempo um menino, perpassando em uma canôa, pelo Padre Visitador, lhe disse em sua lingua: *Pay, marápe guarinime nande popeçoari?* a saber: — « em tempo de guerra e cerco, como estás desarmado? » — e metteu-lhe um arco e frechas na mão. O Padre assim armado, e elles dando seus alaridos e urros, tocando seu tambores, frautas e pifaros, levaram o Padre até a aldeia, com algumas danças que tinham prestes... O dia da Virgem... acabada a Missa houve Procissão solemne pela aldeia, com dança dos indios a seu modo e á portuguêsa, e alguns mancebos honrados tambem festejaram o dia dançando na procissão e representaram um diálogo sobre cada

---

(1) Quer dizer: *principaes*.

(2) Modo habitual de saudação entre aquelles indios, que significa: *vieste?*

palavra da Ave Maria; e esta obra, dizem, compoz o PADRE ALVARO LOBO, que até ao Brasil chegam suas obras e caridade [1].»

Não quero deixar esta materia da utilização das músicas e enscenações festivas, dos versos e representações theatraes para amenizar a catequese missionária, sem uma ultima transcripção, de curiosissima côr local, sobre os festejos de S. Sebastião no Rio de Janeiro, durante a mesma visitação do P. CHRISTOVAM DE GOUVEIA.

«Trouxemos no navio, diz CARDIM, uma reliquia do glorioso S. Sebastião, engastada em um braço de prata... Uma das oitavas á tarde se fez uma celebre festa. O Snr. Governador, com os mais portuguêses fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos, com seus tambores, pifaros e bandeiras foram á praia. O Padre Visitador, com o mesmo Governador e os principaes da terra e alguns Padres nos embarcámos numa grande barca bem embandeirada e enramada; nella se armou um altar e alcatifou a tolda com um pallio por cima; acudiram algumas vinte canôas bem esquipadas, algumas dellas pintadas, outras empennadas e os remos de

---

(1) FERNÃO CARDIM, *op. cit.*, p. 49 e 50.

varias cores. Entre elles vinha MARTIM AFFONSO, commendador de Christo, indio antigo *Abaeté* e *Moçacara, scilicet* grande cavalleiro e valente, que ajudou muito os Portuguêses na tomada deste Rio. Houve no mar grande festa de escaramuça naval, tambores, pifaros e frautas, com grande grita de indios; e os Portuguêses da terra com sua arcabuzaria e tambem os da fortaleza dispararam algumas peças de artilharia grossa; e com esta festa andamos barlaventeando um pouco a vela e a santa reliquia ia no altar dentro de uma rica charóla, com grande apparato de velas accesas, música de canto de orgam, etc.

Desembarcando, viemos em procissão até á Misericordia, que está junto da praia, com a reliquia debaixo do pallio; as varas levaram os da Camara, cidadãos principaes, antigos e conquistadores daquella terra. Estava um theatro á porta da Misericordia, com uma tolda de uma vela, e a santa reliquia se pôs sobre um rico altar, emquanto se representou um devoto diálogo do martyrio do santo, com coros e varias figuras muito ricamente vestidas; e foi asseteado um moço atado a um pau; causou este espectáculo muitas lágrimas de devoção e alegria a toda a cidade, por representar muito ao vivo o mar-

tyrio do santo, nem faltou mulher que viesse á festa; por onde, acabado o diálogo, por a nossa egreja ser pequena, lhe prèguei no mesmo theatro, dos milagres e mercês que tinham recebido deste glorioso martyr na tomada deste Rio, a qual acabada, deu o P. Visitador a beijar a reliquia a todo o povo, e depois continuamos a procissão e dança até nossa egreja. Era para ver uma dança de meninos indios, o mais velho seria de oito annos, todos nuzinhos, pintados de certas côres aprasiveis, com seus cascaveis nos pés, e braços, pernas, cinta e cabeças com varias invenções de diademas de pennas, colares e braceletes; parece-me que se os viram nesse reino, que andaram todo o dia atraz elles. Foi a mais aprasivel dança que destes meninos cá vi. Chegados á Egreja foi a santa reliquia collocada no sacrário, para consolação dos moradores que assim o pediram (1).»

Muitas outras industrias poderiam ainda documentar a acção polymorpha do missionário JESUITA no Brasil em ordem a tornar efficaz a sua *catequese*.

Das tres phases do Apostolado, das tres funcções do Apóstolo: *ir*, *catequisar*, *chris-* **3.a Phase: CHRISTIANIZAR.**

---

(1) Id., ibid., p. 53 e 54.

tianizar, a que acima nos referimos, resta a terceira:

Christianizar não consiste exclusivamente no *Baptizantes* do texto evangélico. Lá diz acertadamente o catecismo, naquelle singelo dialogar de perguntas e respostas:

— *Que coisa é ser christão?* —

— *É ser baptizado e professar a lei de Christo.*

Com relação ao baptizar, eloquencia bastante é a dos algarismos já citados, onde fallamos dos 735 baptizados de Vera Cruz em Itaparica, e dos 892 do Bom Jesus, uns e outros presididos por um só homem, o Padre Luiz da Grã, e em um só dia, o da conclusão solemne da respectiva missão. Baptizadores infatigaveis, os Jesuitas do seculo XVI renovavam em Terras de Santa Cruz os prodigios de Xavier nas Indias, e podiam assim entregar, aos seus irmãos dos dois séculos seguintes, um Brasil, com um terço da população indigena regenerada nas aguas redemptoras, afim de que, por sua vez, os seus successores nos séculos XVII e XVIII, continuando indefesamente a obra iniciada, fornecessem á História o espectáculo de uma nação de mais de oito milhões e quinhentos mil kilometros quadrados unificada na religião como foi uni-

ficada no territorio, na soberania e na tradição éthnica, pela força admiravel da *Colonização Portuguêsa*.

Mas o que no Missionário representa um esforço incomparavelmente mais complexo e triumphante que o baptizar, é o realizar a christianização no seu segundo e mais difficultoso elemento: *professar a lei de Christo.*

— *Ir* — foi muito porque foi triumphar das distancias; — *catequisar* — foi mais, porque foi triumphar das intelligencias; mas — *christianizar* — foi tudo, porque foi triumphar das vontades; e a vontade, por isso mesmo que é livre, oppõe ao missionário rebeldias ora silenciosas ora explosivas, que só consegue debellar quem realiza o ideal pleno do missionário de zelo intenso e santidade abnegada.

Rebeldias de vontades transviadas encontravam-nas a granel os Missionários da Companhia de JESUS no Brasil do século XVI. Cannibalismo, oppressão, sensualidade, contra tudo oppuzeram a tenacidade do seu zelo.

Quanta vez não expuzeram as vidas para irem soltar da mussurana (1) o desgraçado

(1) Era o nome tupi da corda a que prendiam os prisioneiros em ceva.

indio posto a cevar, para, depois de prostrado em terreiro pela tangapema [1] do rival, ser esquartejado, cosinhado e comido entre vozearia desentoada, hymnos ferozes e danças béllicas!

Quanta vez não exprobraram desassombradamente o adultério, a polygamia, a concubinagem, nem sempre com o resultado de vingança que vimos na morte violenta do Ir. Pedro Correia, senão, pelo contrário, com o arrependimento sincero dos culpados, que ás vezes cimentavam desde então indissolúveis amizades com os convertedores.

Já não fallo da lucta contra a oppressão por todas as suas formas, mòrmente contra os captiveiros injustos, porque é assumpto de que hei-de occupar-me ainda, a proposito da *Acção Social* e da *Acção patriótica* do Jesuita, na História da Colonização do Brasil.

Resultados obtidos.

Em todo este trabalho de christianização, a acção do Missionário exerceu-se com uma efficácia que a muitos leitores causará surpreza. Não falta quem julgue mal empregada com os indios a diligencia dos missionários,

---

(1) Clava de que se servia o guerreiro encarregado de dar ao *indio da corda* o golpe de morte.

tendo os mesmos indios como incapazes de passarem àlém de uma rasteira medianía em matéria de christianismo. Pois bem: as antigas *Chrónicas* do Brasil e as *Cartas Annuas* da Companhia, conservadas nos archivos da Ordem, contêm respostas triumphaes a esse preconceito.

Homens que pouco antes davam pasto, nos banquetes anthropophágicos, aos seus instinctos de cannibaes, viam-se transformados pelo christianismo, não só em domadores dos seus hábitos sanguinários; senão em almas compassivas, capazes de sacrificar-se, com todas as delicadezas do sentimento pelos que viam soffrer.

É esplendida a scena da náu espanhola da armada de Diogo Flores, soccorrida pelos indios recem-convertidos, os quaes acudiram com jangadas a salvar os náufragos, nuns baixios a oito leguas da Bahia. Commandante e tripulação, arribados pouco depois á Bahia, não acabavam de exaltar os JESUITAS portuguêses pelos sentimentos de commiseração e generosidade em que educavam os seus neóphytos.

Numa carta de ANCHIETA ao segundo Geral da Companhia, DIOGO LAYNEZ, que tenho, photographada do autógrapho, na minha col-

lecção, encontram-se exemplos admiráveis de castidade, que denotam nos convertidos um grau superlativo de virtude christã. Descrevem-se ahi scenas commovedoras, como as daquellas indias que, sollicitadas para o mal, «*defiendense, no solamente repugnando con la voluntad, pero con clamores, manos y dientes;* da outra, a quem o tentador perguntava de quem era escrava, e respondia: *de* DIOS *soy; es mi señor; á El te conviene hablar* (1).

Ainda um documento desta intensidade do espirito christão, que attingiam os novos convertidos no Brasil: é um quadrozinho encantador, digno de que o eternize, no verso ou na tela, a alma mais vibratil de poeta ou de pintor. Numa carta de 1556, conta ANCHIETA para mostrar o caso que faziam os meninos indios das obrigações que lhes ensinavam, e a generosidade espontanea de que eram capazes, que, encontrando elle num Domingo um menino a tecer uma cestazinha, e tendo o reprehendido, no dia seguinte o pequeno appareceu na aula com a cestinha, confessou em publico a sua falta, diante dos companheiros e, para se penitenciar, quei-

---

(1) *Archiv. Loc.* J.; Ann. de 1560, 1 de Jun. Ao M. R. P. DIOGO LAYNEZ.

mou ali mesmo a cesta, por iniciativa propria.

Encerremos este primeiro parágrapho acerca do Apostolado da Companhia no Brasil, sob o aspecto da catequese missionária, com algumas palavras sobre a razão mais profunda, o verdadeiro segredo da sua efficácia. **Apostolado do exemplo.**

Refiro-me ao exemplo de suas vidas; refiro-me á abnegação, ao fervor, ao espirito de oração, numa palavra: á santidade!

É velho proloquio de sabedoria popular, ainda entre pagãos, que *longum iter per praecepta; breve et efficax per exempla.*

Aquelles homens prègavam mais com a acção do que com a palavra.

Tenho entre os manuscriptos photographados da minha collecção uma carta de ANCHIETA, dirigida aos Irmãos enfermos de Coimbra, da qual me dizia ha pouco o meu distincto amigo, illustre Presidente do Instituto Geográphico e Histórico da Bahia, DR. THEODORO SAMPAIO, que não vira ainda documento onde tão ingénua e fielmente se estampasse *a vera effigies* moral do grande missionário. Darei della alguns extractos (1):

(1) Pareceu-me não conservar a orthographia nem as abreviaturas archaicas do original, para mais facilidade da leitura; mas não alterei nem uma só palavra.

Uma carta de Anchieta.

« A muito longa conversação que tive por essas enfermarias me faz, carissimos, não me poder esquècer de meus Amigos coenfermos, desejando de os ver curar com outras mèzinhas mais fortes das que lá tendes, porque sem dúvida, segundo o que cá tenho visto e experimentado em mim, conheço quão enganado vivia emquanto usei dessas tão exquisitas mèzinhas, as quaes tenho para mim que servem mais de accrescentar a doença e mimo, que de sarar ou dar algum pedaço de paciencia... Isto vos digo de mim que quando lá estava me queixava antes que a doença apontasse e bastava sómente parecer que havia signal de doença para nunca deixar de enfadar enfermeiros e médicos, que já não sabiam que inventassem, porque não podiam elles tantas mèzinhas achar que não brotassem mais raizes de doenças, as quaes lá pareciam quasi irremediáveis senão com a morte, e cá ás vezes não faço conta de coisas porventura mais grandes das que lá me faziam ser mimoso. Noutras cartas vos escrevi já da minha disposição, a qual depois que vim para cá, cada dia se accrescentou de maneira que nenhuma differença se faz de mim a um são, ainda que ás vezes não deixa de haver algumas reliquias das doen-

ças passadas, eu porem não faço mais conta dellas como se não fossem *in rerum natura*. Até agora estive sempre em Piratininga, que é a primeira aldeia de indios que está pelo sertão dez leguas do mar, como em outras vos escrevi, na qual sarei, porque a terra é mui boa; e porem não tinha eu xaropes, nem purgas, nem os mimos da enfermaria; muitas vezes — e é quasi o mais continuado — era nosso comer folhas de mostarda cosidas e outros legumes da terra, e outros manjares que lá não podeis imaginar; junto com entender em ensinar grammática em tres classes differentes, de pela manhã até á noite que ás vezes estando dormindo me vão despertar para me perguntarem; no qual tudo me parece que sarava; e assim é, porque desde que fiz conta que não era enfermo, logo comecei a ser são. E podereis ver minha disposição pelas cartas que lá escrevo, as quaes parecia impossivel eu poder escrever estando lá; e mais quem toda a quaresma comia carne, como vós sabeis; agora a jejuo toda. O mesmo vos digo do Irmão Gregorio, o qual, ainda que não é tão valente como eu, por ser de mais fraca compleição, todavia elle não me quer dar a vantagem, e tem para si que é tão bem disposto como eu; e ao menos sei

vos dizer que para um negócio de importancia, em que foi necessário irem daqui a Piratininga depressa, que é caminho mui aspero, e creio que o peor que ha em muita parte do mundo, de atoleiros, subidas e mattos, o escolheram a elle, como mais valente, havendo outros sãos em casa; e assim foi, dormindo de noite com a camisa empapada em agua, e sem fogo, entre mattos, *et vivit, et vivimus, fratres,* tendo piedade de vos ver gastar tanto tempo em mèzinhas *quæ ad modicum, imo ad nihil valent.* Neste tempo que estive em Piratininga, que foi mais de um anno, servi de alveitar algum tempo, de medico daquelles indios, e isso foi succedendo ao Irmão Gregorio, o qual por mandado do P. Nóbrega sangrou alguns indios, sem nunca o ter feito senão então, e viveram alguns de que se não tinha esperança, porque outros muitos daquellas enfermidades eram mortos. Partindo-se o Irmão Gregorio de lá, fiquei eu, em seu lugar que foi o mais do tempo, e sangrei muitos duas e tres vezes e cobraram saude, e juntamente servia de deitar emplastros, alevantar espinhelas e outros officios de alveitar... Alem disto, apprendi cá um officio que me ensinou a necessidade que é fazer alpargatas, e sou já bom mestre, e tenho

feito muitas para os Irmãos, porque não se pode cá andar pelos mattos com sapatos de coiro. Isto tudo é pouco para o que Nosso Senhor vos mostrará, carissimos, quando cá vierdes... Finalmente, carissimos, sei vos dizer, que, se o P. M. Miron quizer cá mandar-vos todos os que ficáveis appelados e meio doentes meio sãos, a terra é muito boa, os ares muito sãos; as mèzinhas são trabalhos e tanto melhores quanto mais conformes a Christo. Tambem vos digo, meus carissimos, que não abasta sair de Coimbra com quaesquer fervores, que se murchem logo antes de passar a linha, ou se esfriem depois com desejos de tornar a Portugal. Ha mistér, fratres, trazer os alforges cheios, que durem até acabar a jornada, porque sem dúvida os trabalhos de cá, que tem a Companhia, são grandes e hão de mistér virtude em cada um, que se possa fiar delle a honra da Companhia; porque acontece andar um Irmão entre os Indios seis, sete mêses sem confissão, nem missa em meio da maldade, onde convem e é necessário ser santo para ser Irmão da Companhia (1).»

O "Apóstolo do Brasil".

Quem escrevia estas palavras traçava, sem

(1) Da minha colleção, Phot. do autogr. (Arch. Soc. J. — Epp. NN., 95, fol. 87 V).

o querer, na concisão de uma sentença lapidar, o seu proprio panegyrico: — *é necessario ser santo para ser Irmão da Companhia.* —

E realmente, nada faltou ao quarto Provincial do Brasil para que a fé lhe circumdasse a fronte com a triplice aureola de Santo, de apóstolo e de thaumaturgo [1].

Desde a seriedade precoce e fervorosa piedade, de que, menino ainda, deu provas em S. Christovam de Laguna, nas Canárias, quando vivia em casa de seus nobilissimos paes: desde o austero recolhimento e castidade angelical que soube guardar em meio do reboliço e mundanidade dos estudantes seus contemporaneos em Coimbra; desde a gravissima enfermidade que lhe resultou no santo noviciado, dos rigores da sua penitencia e do prolongado da sua oração, enfermidade da qual o restabeleceu miraculosamente um abraço de seu venerando Superior, o Padre Mestre Simão Rodrigues; bem podia antever o psychólogo criterioso os degraus de Santidade que José de Anchieta disporia em seu coração, durante o curso todo da vida, para subir á mais elevada perfeição.

---

(1) Cfr. Luiz Gonzaga Cabral — Discurso official na inauguração da Estatua de Anchieta, 1922.

Quando em 13 de Junho de 1553, com vinte annos apenas, desembarcou na Bahia, após uma travessia em que dera exemplo das mais heroicas virtudes, abria-se-lhe neste Brasil o canteiro bemdito onde cultivaria até á morte a flora peregrina da vida sobrenatural.

O açucenal, que desde a infancia aprumava naquella alma as suas hastes indicadoras do céu, e abrira nevadas as pétalas de seus calices perfumados, pullulou, nas plagas do novo mundo mais denso, mais immaculado, mais aromático. Obrigado a permanecer três mêses em refens no meio dos Tamoyos, quando com elles se negociavam as pazes, ANCHIETA, em todo o viço da mocidade, separado do P. NÓBREGA, sózinho, sem sacramentos, rodeado de perigos e seducções, nada fiando de si mesmo, redobra de orações, multiplica jejuns e disciplinas, cinge-se de áspero cilicio e occupa as horas de forçado lazer, compondo aquelle admiravel poema, no qual celebra as glorias da VIRGEM MARIA, em mais de 6.000 versos latinos, escriptos com aquella facilidade e Virgiliana elegancia, que já em Coimbra lhe tinha valido entre os companheiros a alcunha de canário, graciosamente allusiva ás Canárias, sua pátria. Sem pen-

na, sem papel, sem tinta, era vê-lo, o angelical mancebo, envolto na sua pobre roupêta, inclinado para a lamina espalmada da práia, pouco antes beijada pelas vagas, e ao som cadenciado das mesmas vagas, escrever com o bordão na areia os versos que depois confiava á prodigiosa memória até se armazenar nella o poema inteiro.

Novo Orpheu! deviam de inclinar-lhe suas franças os arvorêdos da redondeza para escutar-lhe o canto inspirado; e as aves, que outras vezes a seu convite desferiam alegres trinos, deviam de contê-los, como envergonhadas de não encontrarem notas capazes de emparceirarem com as da sua lyra virginal.

E elle, o cantor da Virgem, enlevado no meditar de novas melodias, erecto como a haste do lyrio branco, com o rosto delicadamente alvo a sair da gola da roupêta como um calix de açucena, symbolizava bem a castidade intemerata de sua alma purissima.

Outras vezes iam achá-lo, dobrados os joelhos, de mãos postas, com o rosto esbrazeado, o olhar penetrando os céos, os labios amorosamente sorridentes, todo elle enlevado em Deus, não raro levantado dois ou mais côvados da terra, no êxtase da oração, no

arroubo do àlém, no abraço da Divindade (1).

Era o Santo! Mas o Santo realizava em si a lição do Santo dos Santos, CHRISTO JESUS, *ego sanctifico me ipsum pro eis:* Sanctifico-me, mas para sanctificar os outros. Era o Santo, preparando o Apóstolo.

Mas onde encontrar paleta, nem tintas, nem pincel, para esboçar sequer o retrato de ANCHIETA missionário? ANCHIETA convertedor? ANCHIETA salvador?

Se me fôra dado arripiar estes quasi quatro séculos que nos separam delle, postar-me-hia á espreita da sua passagem, quando «se internava á busca das nações bravias, curvado sob o aliás minguado peso das alfayas que conduzia para o sacrificio dos altares, arrimado a um tosco bordão, rôta a pobre roupêta, descalço, a magoar os pés nas pedras da estrada, affrontando as chuvas e os sóes, recebendo de mão esmoler o parco alimento com que subsistir, andando com tanta pressa pelas costas do mar, pelas monta-

---

(1) Um destes êxtases com levitação, lhe succedeu diante de testemunhas, na ermida de Nossa Senhora da Escada, que eu tive a consolação de visitar em pessoa, indo lá de Itacaranha perto da Bahia em 1918. (Cfr. *Vida de Anchieta*, pelo P. PEDRO RODRIGUES, Annais da Bibl. Nac. do Rio, t. XIX, p. 12).

nhas fragosas, pelas brenhas e mattos, que os mesmos brazis, curtidos por aquellas charnecas, acostumados a mattejar, não podiam alcança-lo! (1) »

Se eu pudesse mostrá-lo, ao chegar a qualquer casa da Companhia, ganhando o coração dos irmãos porteiro e enfermeiro, para obter delles a promessa de nunca o pouparem, quer de dia, quer de noite, sempre que se tratasse de soccorrer um enfermo ou moribundo!...

Se pudesse surprehendê-lo tomando o repouso da noite vestido, sobre um banco junto da porta da rua, para mais prompto acudir ao primeiro chamado!...

Se pudesse contar as terras que evangelizou, os selvagens que amansou, os catechúmenos que baptizou; se o visse ouvir as confissões de pessoas de todas as classes, desde os Prelados e Governadores, até aos andrajosos deitados sobre a terra solta de suas tabas!...

Não! não é um vão titulo, por certo essa gloriosa antonomásia, de apóstolo do Brasil, com que ANCHIETA é conhecido por todo o mundo Cathólico!

---

(1) DR. BRASILIO MACHADO — Conf. Anch. cit., p. 121.

Mas o Santo, e o Apóstolo, foi tambem o thaumaturgo.

Não sei que o houvesse mais assombroso na Egreja de DEUS.

JESUS dissera a seus Apóstolos que elles fariam obras ainda mais maravilhosas que as delle, seu Mestre Divino; e os Apóstolos bem podiam prenunciar a mesma progressão aos que viessem depois delles.

XAVIER nas Indias Orientaes e ANCHIETA nas Occidentaes foram, pode dizer-se, os superlativos do thaumaturgo.

Quanto a ANCHIETA, dir-se-hia que DEUS o constituira seu logar-tenente sobre a natureza nesse Brasil maravilhoso.

Renovaram-se aqui frequentissimas as scenas do *Poverello* com as avezinhas suas irmãs. Umas vezes, chamadas para substituirem o toldo em pirogas que vogavam á torreira do sol, acodem numerosos os bandos, e de azas estendidas e garrida plumagem desdobram sobre a embarcação mais luzido esparavél do que o tiveram nunca as galeotas reaes. Outras vezes, eram as féras e outros animaes malfazejos que, depunham a ferocidade ou a astucia, submissos como se entenderam suas ingénuas reprehensões.

Penetrando com o olhar as distancias, ou

mergulhando-o no futuro, tornava-se-lhe presente o longinquo e o porvir.

Sobre as vagas do mar, ou ao léu das correntes nos rios, repetiam-se, á sua ordem as pescas milagrosas de Tiberiades, e ao império da sua voz, espavoridas fugiam as enfermidades; e a propria morte, não raro, restituia a vida ás suas victimas (1) ».

Nem se cuide que este nível elevado de santidade foi privilégio exclusivo de ANCHIETA. O que FERNÃO CARDIM escrevia em 1585 sobre o Collégio do Rio de Janeiro, encontra-se nas Relações contemporaneas não menos explicito sobre as demais casas da Companhia no Brasil:

« Quanto ao espiritual, diz elle, se parece (este Collégio) na observancia, bom concerto e ordem com qualquer dos bem ordenados de Portugal; e estes Padres velhos são a mesma edificação e desprezo do mundo; e esta fructa colheram cá pelos matos, sem practicas nem conferencias, e são um espelho de toda a virtude, e muito temos os que de lá viemos para andar, se havemos de chegar a tanta perfeição e solida e verdadeira vir-

---

(1) LUIZ GONZAGA CABRAL, loc. cit., p. 26 — Cfr. SIMÃO DE VASCONCELLOS, Vida do P. Joseph de Anchieta; — item, os demais biógraphos de ANCHIETA.

tude da Companhia (1) ». MANUEL DA NÓBREGA e IGNACIO DE AZEVEDO causavam, pelo fervor do seu espirito a admiração do proprio ANCHIETA, e a presença e tracto de qualquer delles ateava a chamma sagrada nás casas que visitavam (2).

Encantador protótypo de ingénua candidez foi aquelle celebrado IRMÃO DOMINGOS, a quem pela sua mesma simplicidade deram a alcunha sympathica de *ovelhinha*, em italiano *pecorella*.

---

(1) CARDIM, op. cit. p. 57 (ediç. do Rio, 1902).

(2) O nome glorioso de IGNACIO DE AZEVEDO convida-me a dar por commentário ao que vou dizendo da santidade dos JESUITAS Portuguêses no Brasil, um extracto do seu martyrologio. Certamente se algum titulo honorifico de Santidade pode ser coroa da Companhia no Brasil, nenhum como o supremo heroismo do martyrio, nem entre as pedrarias daquella coroa alguma ha que possa exceder os rubis do sangue derramado pela fé. Em 1554 morreram mártyres ás mãos dos Carijós os Irmãos PEDRO CORREIA, escolastico, e JOÃO DE SOUZA, coadjutor; em 1570 mártyres ás mãos dos Calvinistas o Padre IGNACIO DE AZEVEDO, com trinta e nove companheiros (estão todos elevados ás honras dos altares); em 1571, mártyres tambem ás mãos dos Calvinistas o PADRE PEDRO DIAS com mais doze companheiros; em 1608 trucidado pelos Tocurijus, de Ibiapaba o P. FRANCISCO PINTO; em 1628 martyrisados pelos caaroans os Padres ROQUE GONZALEZ, JOÃO DE CASTILHO e AFFONSO RODRIGUEZ; em 1633 estrangulado em Pernambuco pelos Calvinistas em odio da confissão sacramental o P. ANTONIO BELLAVIA; em 1643 morto pelos Aruans de Marajó o P. LUIZ FIGUEIRA; em 1761 victima de Sebastião José de Carvalho o P. GABRIEL DE MALAGRIDA.

«Neste servo de Deus, escreve na sua *Chrónica* Simão de Vasconcellos, andava em questão qual florescia mais, se a simplicidade, ou a obediencia». Fôra lhe mandado «ter cuidado em um jumentinho e ir com elle a todas as partes» onde fosse preciso buscar o «sustento da casa», que era pobrissima. Bastava significar-lhe o Superior: — Irmão Domingos, ide á lenha para a cosinha —, sem mais demora, a pé descalço, roupêta a meia perna, e sem barrete, nem sombreiro ordinariamente, aparelhava o seu jumentinho e ia ao matto a carregar lenha; e da mesma maneira á fonte a carregar de agua. Não era necessário para elle o descançar: tornava ao matto, tornava á fonte, pelo meio das ruas da Cidade, e tinha por glória trabalhar para os servos de Deus. Quando faltava comer na casa, que era muitas vezes, não desmaiava Domingos Pecorella; ornava o seu jumento; ia-se ás aldeias dos indios, e entrava com elles com tal graça, fallando-lhes pela propria lingua, em que era perito, que estes lhe faziam a carga do mais estimado de seus haveres, farinha, caça do matto, batatas, bananas, carás, que é o que possue esta gente quando mais rica; e era naquelle tempo o comer de mais estima dos Padres. Era tal a humildade simples e a simplicidade humilde

deste bom Irmão, que chegava a ter-se por obrigado a servir ao proprio jumento. Assim curava delle, assim se compadecia do seu trabalho, como se fora creatura racional. Chegava a descuidar de si para cuidar o asninho. Pareceu-lhe algumas vezes que vinha carregado sobre suas forças; e logo compadecido tirou parte da carga das costas do jumento e a pôs ás suas, e caminharam ambos carregados; e aos que lhe perguntavam porque tomava aquelle trabalho, respondia cheio de compaixão: — Porque esta pobre creatura não pode mais; e que se diria de mim se viesse ella rebentando com a carga, e o IRMÃO DOMINGOS folgando? Alem das referidas, era perfeito em todas as virtudes religiosas: puro, pobre, manso, devoto, mortificado, soffredor de trabalhos e de grande zelo. Não lhe soffria o coração ver falta alguma, que não estranhasse; e avisava logo ao que via faltar, com santo amor e simplicidade.

Como era perito na lingua brasilica, fazia pelas aldeias grande fructo nos Indios, com aquelle seu modo chão e simples, de que elles gostavam (1)».

---

(1) VASCONCELLOS — *Chrónica,* l. I. n.º 188 (ediç. de Lisboa, 1865, p. 105).

Com este lindo retrato ao natural, traçado pelo pincel de VASCONCELLOS, dou por encerrado o ligeiro esboço da virtude do Missionário JESUITA no Brasil, factor poderoso da sua acção efficaz nas *Catequeses*.

CAPITULO SEGUNDO

O APOSTOLADO E A CARIDADE

— O BEMFEITOR —

SUMMARIO — A Companhia de Jesus e a Beneficencia — *Omnibus omnia* — Constructores — Esmoleres — Enfermeiros — Nas grandes epidemias — Protecção a orphãos, viuvas e donzellas — Beneficencia na ordem intellectual e moral; transição.

O exercicio da caridade é elemento constitutivo de todo o verdadeiro apostolado.

A Companhia de Jesus e a Beneficencia.

Logo que JESUS CHRISTO deputou os seus primeiros missionários, no mesmo ponto os investiu em cargo de beneficencia: *curate infirmos et dicite illis: appropinquavit in vos regnum* DEI (1): — curae os enfermos e dizei-lhes: está proximo o reino de DEUS.

Esta alliança da catequese sobrenatural com os beneficios, ainda de ordem temporal, é uma das feições mais attrahentes da physionomia da Egreja.

Nesse pullular de seiva evangélica, que deu á mesma Egreja a maravilhosa variedade das diversas Ordens e Congregações Religiosas, apparecem, ao lado dos Prègadores, dos Educadores, dos Ascetas, dos Contemplativos; os Hospitalarios, os Guerreiros, os Arroteadores de terras, os Redemptores de captivos, os Alberguistas de peregrinos, e es-

(1) LUC., X, 9.

sa pleiade de mulheres heroicas que, reagindo contra as repulsas de naturezas delicadissimas, se põem ao serviço de todas as chagas da Humanidade.

A Companhia de Jesus é primariamente uma Ordem Missionária e Educadora; mas por isso mesmo, em todas as phases da sua História, em todas as latitudes do seu *habitat*, não descurou nunca o mistér da beneficencia, exercido pelas formas mais variadas, e nas circumstancias mais diversas e imprevistas.

Para Portugal em particular, seria uma volumosa e interessantissima obra, a história da intervenção bemfazeja dos Jesuitas em todas as grandes calamidades nacionaes: pestes, fomes e guerras.

É curioso observar que, na epoca em que Pombal preparava já o exterminio da Companhia, veiu o terremoto de Lisboa obrigar o ministro a adiar por algum tempo o golpe premeditado.

É que os Jesuitas, como o tinham feito sempre em todas as calamidades nacionaes, tinham occupado o seu posto habitual com tão incansavel abnegação, que, expandindo-se povo e auctoridades em manifestações enthusiasticas de reconhecimento para com os filhos de Santo Ignacio, o Rei mandou levan-

tar a pena de exilio com que SEBASTIÃO JOSÉ já afastara de Lisboa dois religiosos da Companhia.

No Brasil, os Missionários JESUITAS leram pela mesma cartilha, desde que puzeram pé em Terras de Santa Cruz.

A' semelhança do Apóstolo das Gentes, fizeram-se ali *tudo* para todos, afim de os ganhar todos para JESUS CHRISTO: *Omnibus omnia factus.*

Omnibus omnia.

Que bem o expressou VIEIRA, commentando outro *omnia* da Escriptura, e fallando á lettra desta universalidade do Missionário! «Escolheu DEUS a JEREMIAS para uma missão muito semelhante ás nossas... e disse-lhe: *ad omnia quæ mittam te ibis.* Ó que grande e divina palavra! *ad omnia!* Este *ad omnia* deve ser a empreza e o timbre de todo o verdadeiro Missionário, como o foi de S. Paulo: *Omnibus omnia factus ut omnes facerem salvos.* Todo para todos, e para todos tudo. Não só para os catequisar gentios, nem só para os baptizar catechúmenos, nem só para os doutrinar christãos; mas para os sustentar famintos, para os vestir nús, para os curar enfermos, para os resgatar captivos, para os sepultar mortos; como mestres, como tutores, como paes, como pastores, como mé-

dicos, como enfermeiros, e como servos e escravos seus em tudo; para viver perpetuamente e morrer com elles e por elles, e tambem ás mãos delles, como algumas vezes tem acontecido. Tudo isto significa aquelle *ad omnia*, e tudo isto pode e deve fazer todo o Missionário, ainda o que fôr falto da lingua, como tão santa e discretamente disse S. Francisco Xavier. Estava na ilha de Moro, e escrevendo a Gôa, diz assim: «Acho-me nesta ilha, onde não sei a lingua dos naturaes, mas nem por isso estou ocioso, porque baptizo os innocentes, que não ha mistér lingua, e aos demais procuro ajudar e servir com obras de caridade, que é lingua que todos entendem (1)».

Nesta lingua que todos entendem, começaram a prègar os Jesuitas, logo desde a sua primeira entrada no Brasil, tornando-se os Bemfeitores de portuguêses e brasis, de ricos e de pobres, de christãos e de gentios, não só nos ministérios espirituaes, mas tambem nos trabalhos materiaes, com que podiam beneficiar um povo, no alvorecer da sua vida nacional.

Constructores. Um século mais tarde, em 1662, dizia

---

(1) Vieira, *Sermões* (ediç. do Porto, 1907), t. V, p. 353.

Vieira na Capella Real de Lisboa que os proprios Padres eram os que aos Indios e com os Indios edificavam as suas egrejas, cujas paredes eram de barro, as columnas de pau tosco e as abobadas de folhas de palma; depois accrescenta: e somos «nós os mestres e obreiros daquella architectura, com o cordel, com o prumo, com a enxó e com a serra, e os outros instrumentos, que tambem nós lhe damos, na mão [1]».

Pois o mesmo fizeram, mais de um século antes, em 1549, Nóbrega e seus companheiros.

«Passado o mês de abril, informa Simão de Vasconcellos, mudou de sitio o Governador (Thomé de Souza), para distancia como de meia legua de Villa Velha, lugar que tinha demarcado e começado a fundar para a cidade... e foi força mudarem-se tambem os nossos Religiosos; e no mesmo tempo em que os moradores edificavam casas, fazer as suas e egreja no logar onde hoje se vê a de Nossa Senhora da Ajuda, invocação que então lhe puzeram; e foi a primeira que no Brasil teve a Companhia.

Esta obraram com proprias mãos e suo-

---

(1) Vieira, *Sermões* (ediç. cit.), t. II, p. 38.

res... Elles eram os mestres das taipas, iam ao mato, cortavam as arvores, traziam as madeiras ás costas e o mais necessário... iam á fonte pela agua, e ao mato pela lenha, para o que andavam á ligeira, em corpo; que não havia entre tanta pobreza tractar de veste ou mantéu; e tal vez nem sapatos havia, nem camisa (1).»

---

(1) O P. Vasconcellos ainda podia dizer a respeito da Egreja da Ajuda: *no logar onde se vê.* Infelizmente hoje temos que dizer: *onde se via:* Num plano recente de arruamento da Cidade do Salvador, levado a effeito em 1912, foi demolida a Egreja da Ajuda, reliquia preciosa dos primeiros dias da Capital Colonial. Na festividade que por despedida ali se celebrou, orou com rara eloquencia o extraordinario orador que foi o P. Dr. Antonio de Menezes, da Companhia de Jesus, tão prematuramente arrebatado aos innúmeros labores a que se devotava infatigável esse peregrino e multiforme talento. Em substituição da Egreja demolida, foi construida outra da mesma invocação, a pequena distancia do primitivo local, num estylo inspirado nos motivos manoelinos da época das descobertas. Felizmente, para de algum modo compensar a desastrosa demolição, a competencia artistica e o illustrado zelo das tradições nacionaes do illustre Presidente do Tribunal de Contas da Bahia, Conselheiro Junqueira Ayres, conservou escrupulosamente dentro da nova Egreja as melhores recordações da antiga, entre as quaes o mesmo pulpito em que Vieira pronunciara o mais vehemente dos seus discursos, a oração deprecatória contra as armas de Hollanda.

Na extremidade do espaço triangular em frente da nova fachada, lindado por duas ruas da Capital está reservado o local onde vae ser collocada a herma do Padre Manuel da Nóbrega, primeiro fundador e constructor da Ajuda.

Dar o trabalho de suas mãos já é apreciável bemfeitoria na ordem material, e bom exercicio da caridade, alliado ao da mortificação. Mas estes officios de pedreiro, carpinteiro, e architecto eram excepcionaes para os Padres, posto que se tenham repetido em muitos outros pontos do território brasileiro, alem da Ajuda na Bahia.

Não assim o exercicio da caridade por meio da esmola. Esse era constante na portaria dos Collégios, Noviciados, Seminários e Residencias; e nas viagens pelas numerosas e distanciadas missões do sertão.

Esmoleres.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA, na sua *História da América Portuguêsa*, sublinha marcadamente essa benemerencia dos JESUITAS no Brasil: «Varões verdadeiramente apostólicos, diz elle, dignos das muitas possessões que teem nesta região, cujas rendas dispendem religiosa e piamente no culto das suas Egrejas, na sustentação dos seus religiosos e *de infinitos pobres, a quem soccorrem com quotidiano alimento, e outras tão precisas, como liberaes esmolas* (1).

Enfermeiros.

Mais sollicita se revelava, contudo, essa caridade, para com os enfermos.

---

(1) ROCHA PITTA, op. cit., liv. III, n.º 5.

É esta, afinal, uma tradição sagrada entre os filhos de Santo Ignacio. O proprio Fundador deixára aos Superiores da sua Ordem as mais delicadas normas de proceder neste particular.

Preoccupado com a saúde dos estudantes, mandou reunir em Roma uma junta dos medicos de maior nomeada, para saber delles as resoluções opportunas afim de atalhar as consequencias dos aturados estudos que estabelecera.

Quando ainda a pobreza dos primeiros tempos mal chegava para acudir ás exigencias do conforto religioso das suas communidades, não hesitou em arcar com a despesa extraordinária da acquisição de uma *Quinta* nas cercanias de Roma, onde tomassem allivio os estudantes no seu feriado semanal.

Austero mantenedor da pobreza da Companhia, abria duas excepções nesse rigor: a *Egreja* e a *Enfermaria;* naquella, nada recusava, para o esplendor do culto Divino, a riqueza dos paramentos, ou a opulencia das pratas; nesta, exigia que, para o bem estar dos doentes, se olhasse com ternura e generosidade ao seu inteiro conforto. Antes, accrescentava o Santo, se para acudir á Egreja e á Enfermaria não chegarem os recursos

da casa, vendam-se embora cálices e custódias, para que não faltemos aos doentes com carinho verdadeiramente materno.

A largueza de vistas e a delicadeza de sentimentos que estas normas suppõem, encontra-as o historiador a cada passo, ao folhear os inéditos dos archivos da Companhia relativos á Provincia do Brasil e á Vice-provincia do Maranhão.

Cardim refere-se, com pormenores curiosos, a estas caridades practicadas logo desde a travessia de Portugal para o Brasil.

«Eram os doentes, diz elle, de nós ajudados no temporal com medecinas e outros mimos, conforme as suas necessidades, e nossa pobreza e possibilidade; com elles houve não pequena matéria de merecimento e não pequena consolação, porque com as diligencias que se lhes faziam, foi Nosso Senhor servido que só um morresse, excepto outro que caiu ao mar, sem lhe podermos ser bons.» E pouco abaixo, alludindo ás provisões que para estes casos havia, dá-nos esta curiosa lista seguida de uma commovedora observação sobre a caridade dos que na Companhia se encarregavam da matelotagem: «O primeiro que caiu foi o Padre Visitador, das mesmas febres tão agudas e rijas que nos

parecia que não escapava daquella; foi sangrado três vêzes, enxaropado e purgado, provido de todas as gallinhas, alcaparras, perrexil, chicorias e alfaces verdes, e coisas doces e outros mimos necessários, que parecia estarmos em o Collégio de Coimbra; e tudo se deve á caridade do IRMÃO SEBASTIÃO GONÇALVES, que com grande amor, mais que de pai e mãe, provê a todos os que se embarcam para estas partes [1]».

Na Carta Annua de 1584, a cujo autographo já outras vezes me referi, informa ANCHIETA que no Collégio da Bahia se construira uma nova enfermaria, de tal modo conjugada com a Capella interior, tambem feita de novo, que, por uma larga janella communicando os dois vastos salões, podiam os doentes assistir ao Santo Sacrificio da Missa; e que no Collégio de Pernambuco se fez um lago para recreação dos estudantes e uma extensa latada, de quarenta columnas de tijolo por banda.

Em todos estes pormenores se descobrem as tradições da mesma delicadeza de sentimentos e largueza de vistas que assignalei acima no Santo Fundador da Companhia.

---

(1) CARDIM, op. cit., p. 13.

Aquella preoccupação de deixar, nas cidades e villas do Brasil, vastas e commodas installações para os enfermos, principalmente pobres, já no seculo XVI a revelavam os Jesuitas, como havia de revelá-la no século XVII Antonio Vieira.

Em presença de D. Affonso VI e da Rainha-Mãe, D. Luiza de Gusmão dizia o grande Orador:

«Nas cellas de taipas pardas (acharam os que nos prenderam e desterraram) uma tabúa ou rede em logar de camas; porque as que levamos de cá se dedicaram a um hospital, que o não havia (1).»

Tambem no Rio de Janeiro, para supprir a falta de Hospital, agenciou o Padre José de Anchieta a installação da primeira Misericordia no Brasil, que bem pode a capital federal gloriar-se de ter encontrado no assombroso Thaumaturgo o seu Fr. Miguel de Contreiras.

Ha porem mais do que isto. Em um Manuscripto da Bibliotheca Nacional de Roma, contendo em lingua castelhana as fundações dos Collégios do Brasil encontro que em 1574 se começou a cumprir a ordem do Provin-

(1) Vieira — *Sermões*, t. II, p. 40.

cial, que era então o P. IGNACIO DE TOLOSA, de se estabelecer um hospital em cada aldeia (1).

Nas grandes epidemias.

Mas esta caridade para com os doentes expandia-se mais que nunca nas grandes epidemias, tão frequentes naquellas eras de hygiene rudimentar.

Da Capitania do Espirito-Santo foram heroicos Bemfeitores os PADRES DIOGO JACOME e PEDRO GONÇALVES, por occasião da epidemias de bexigas de 1565. «Viu-se ali, diz o Chronista da Companhia, um espectaculo lastimoso; porque as casas egualmente serviam de hospitaes de enfermos que de cemiterio de mortos... Aquelles vos chamavam a vozes; estes, com o cheiro pestifero, de quatro em quatro, uns sobre os outros, pôdres e corruptos. O P. DIOGO, mettido entre elles, de dia e de noite, com seu companheiro PEDRO GONÇALVES, eram os sangradores, os cirurgiões, os medicos, e juntamente os Párocos e recoveiros, e em tudo sós; porque, á presença de tão grande miséria, apenas achavam quem ajudasse a levar um defunto a sagra-

(1) Este manuscripto foi publicado em 1897 no tomo XIX dos Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro (pp. 75 a 138).

do; ou porque todos eram enfermos, ou porque os que o não eram assim fugiam da corrupção e mau cheiro delles, como da mesma morte. Tal houve que em meio do caminho fugiu, deixando o peso do defunto todo em as mãos dos Padres, que cairam de fraqueza com elle (1)».

A annua já citada, de 1584, assignala por toda a parte doenças contagiosas, na Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, e mais graves ainda no Rio, debelladas pela diligencia, abnegação e espirito organizador dos Superiores da Companhia. Exhaustivo foi tambem o trabalho dos JESUITAS por occasião da fome de 1564 na Bahia, tão vivamente descripta pelo P. SIMÃO DE VASCONCELLOS (2).

Em 1584 arribou ao Rio de Janeiro uma armada de PHILIPPE II que seguia para o estreito de Magalhães. Eram mais de dois mil os soldados, na maioria, enfermos; desembarcavam a montões de todas as náus; o hospital para nada chegava.

Conseguiram os da Companhia despertar á generosidade muitos moradores, que transformaram em enfermarias parte de suas ca-

---

(1) VASCONCELLOS, *Chronica*, l. III, n.º 70.
(2) Idem, ibidem, l. III, p. 25.

sas, algumas das mais nobres e opulentas. Mas como ainda não bastassem essas offertas, metteram-se em brios os Padres; dispuzeram com uma rapidez, que parecia milagrosa, a construcção de pavilhões ligeiros. Com o exemplo dos Jesuitas mettiam-se em brio não só os officiaes mechanicos mas os proprios moradores *honrados*, como então se dizia. Surdiram do solo, como por encanto, as construcções espaçosas e bem arejadas, e em pouco tempo os que se tinham improvisado hospitaes, eram vivendas de convalescentes. Não acabava o Commandante de pasmar e louvar a industria e caridade dos Jesuitas Portuguêses; e, depois de muitas provas de reconhecimento, espantou a cidade com uma particularmente significativa para aquelles tempos.

Fôra condemnado á morte um dos soldados castelhanos; intervieram em favor do reu os Padres de S. Francisco, o Governador, a propria esposa do Commandante; tudo debalde. Interpõem supplica no mesmo sentido os Padres da Companhia e o Commandante defere o pedido com estas palavras: — Aos homens que com sua caridade e abnegação salvaram da morte a tão grande parte da nossa frota, não é possivel negar-lhes o que

elles pedem. Está concedida a vida ao criminoso (1).

Protecção a orphãos, viuvas e donzellas.

Ainda restaria, para ser completo este resumo do Apostolado da Caridade exercido pelos JESUITAS do Brasil no seculo XVI, fallar da protecção dada a orphãos, viuvas, donzellas, cuja virtude estava em perigo, pobreza envergonhada e tantissimas outras necessidades, de que os archivos nos conservam innumeras memorias, taes como os *dotes*, reunidos em peditorio dos Padres pelos *Engenhos* e *casas de Commercio* de Pernambuco, para realizar os casamentos de muitas moças pobres.

Beneficencia na ordem intellectual e moral; transição.

Acima porem, de todos estes beneficios de ordem material, estão os bens intellectuaes e moraes que o Brasil deveu aos da Companhia como a Mestres e Educadores.

E embora, numa Religião fundada parcialmente para consagrar-se á formação da mocidade, essas bemfeitorias façam parte da sua *influencia profissional;* contudo, porque objectivamente constituem no mais rigoroso sentido uma *influencia social,* pareceu-me deixá-las para a *II Parte* deste Estudo.

Antes de a iniciar, resumamos:

---

(1) *Annua* de 1584 (Ms. cit., p. 161).

A influencia profissional do JESUITA é, por vocação, uma influencia de *Apostolado; Apostolado da catequese,* pelo qual são *Missionários; Apostolado da caridade,* pelo qual são *Bemfeitores.*

Ainda neste só quadro profissional, vimos quanto a acção bemfazeja dos Religiosos da Companhia trasbordou no Brasil para àlém do departamento estrictamente sobrenatural, entrando em cheio pelo terreno dos auxilios temporaes.

Vê-lo-hemos muito mais, ao estudarmos a sua *influencia social* e *patriótica;* pelas quaes se completa a *influencia integral do* JESUITA *na Colonização portuguêsa do Brasil.*

SEGUNDA PARTE

INFLUENCIA SOCIAL

— O CIVILIZADOR —

CAPITULO TERCEIRO

A CIVILIZAÇÃO E A PEDAGOGIA

— O EDUCADOR —

SUMMARIO — Elementos constitutivos e elementos instrumentaes das sociedades — **A.) O ensino.** Simultaneidade das Capellas e das Escolas — A Escola Primária — Pombal e a catástrophe do ensino — Discipulos dos Jesuitas — Os fundadores da Litteratura Brasileira — Anchieta poeta e dramaturgo — Autógraphos preciosos — Excerptos inéditos — Valioso dado historico — Continuadores insignes — Os mangues — **B.) Educação propriamente dicta** — Papel moralizador do Jesuita — Interpretações optimistas sobre anthropophagia — Reformando colonizadores — Exaggeros de historiadores sobre colonos — Pedagogia interna; base religiosa.

A *influencia social*, para ser completa e efficaz, deve exercer-se sobre os elementos constitutivos da sociedade, e sobre os seus elementos instrumentaes.

Elementos constitutivos e elementos instrumentaes das sociedades.

Os primeiros são os seres racionaes destinados a viverem no convivio da civilização — as *pessoas* —; os ultimos são todos os mais seres, de que aquelles podem utilizar-se como instrumento da mesma civilização — as *coisas* —.

A influencia civilizadora sobre as *pessoas* deve ser a realização de uma *pedagogia* integral; e ha-de ser obra do *Educador* criterioso; a influencia civilizadora sobre as *coisas* deve ter como resultado o *progresso* quanto possivel plenário, e exige a orientação de um *Guia* seguro, no utilizar tão variados elementos do mesmo progresso.

O JESUITA, no Brasil do século XVI, desempenhou esse duplo papel de *Civilizador*.

Foi primeiramente *Educador*, isto é, *Mestre* da *intelligencia* e *formador* do *carácter*.

A.) O ENSINO Simultaneidade das Capellas e das Escolas.

Como *Mestres*, consagraram-se os JESUITAS ao *ensino*, desde o desembarque da primeira leva que a Companhia enviou com o Governador THOMÉ DE SOUZA.

Ainda não estava concluida a Egreja de Nossa Senhora da Ajuda, que elles construiram, como vimos, com suas proprias mãos, e já a escola estava franqueada, aos meninos da nova Cidade do Salvador. « Este é, observa VILHENA DE MORAES, o facto caracteristico da missão jesuitica na América latina, e talvez único na história do mundo: a creação da escola sempre contemporanea da fundação da propria cidade, ou a ella precedendo, como em S. Paulo aconteceu, de modo a não se encontrar, no decorrer dos tempos, povoação alguma de certa importancia que não tivesse o seu Collégio ».

Esses Collégios variavam segundo o numero e qualidade das materias que nelles se cursavam. Mas, assignalada a differença entre o desenvolvimento de então e de hoje nos varios ramos do saber, podiam classificar-se parallelamente aos de agora em cursos *superiores*, *medios e inferiores*.

Os altos estudos comportavam *theologia*, com exegese, moral e casuistica; para carreiras ecclesiásticas; e *philosophia*, com as correspondentes aulas de sciencias naturaes e exactas, quaes as abrangia o empirismo rudimentar da cosmologia de então, para os que aspiravam a mais elevada cultura nas carreiras liberaes profanas.

Os estudos médios comprehendiam *grammática, humanidades* e *rhetórica*, com o ensino auxiliar de erudição histórica, geográphica e artistica. A base dessa cultura, que hoje chamariamos gymnasial, eram as linguas clássicas, mòrmente o latim; e era em funcção deste que se cultivava a própria lingua vernácula; a experiencia mostrou com quanta vantagem para o elegante manejo della.

Os estudos inferiores davam-se nas aulas primárias, chamadas *escolas de ler e escrever*, onde, ao lado de uma primeira erudição rudimentar, se ensinavam *contas*, e se iniciavam as crianças na *musica* vocal, raramente tambem na instrumental.

A Escola Primaria.

Tem sido por vezes lançado em rosto á Companhia de Jesus o descaso da escola primária. Se a observação se referisse aos Collégios dos Jesuitas na Europa durante os primeiros séculos da existencia da Ordem,

diriamos com o illustre auctor da *Formação intellectual do* JESUITA:

« Os JESUITAS dedicavam-se sobretudo ao ensino secundário e superior. Mas desdenhavam elles o ensino primario? Longe de o desdenharem, consideravam-no muito nobre e o ministravam em não poucas das suas escolas; mas nem todos se podem occupar de propósito de todos os ramos da instrucção. É o dizer expresso de SANTO IGNACIO: — Ensinar a ler e escrever seria tambem obra de caridade, se a Companhia tivesse abundancia de sujeitos, que para tudo bastassem; mas, por falta delles, não temos costume de o fazer por modo ordinário (1) ». Tractando-se porem de terras de missão, e em especial do Brasil, quando não estivessem ahi os documentos dando á accusação o mais solemne desmentido, bastava para demonstrar-lhe a inanidade este singelo raciocinio. Por muitos annos (pode dizer-se sem hyperbole: durante seculos) não houve quasi outros mestres em terras de Santa Cruz, àlém dos JESUITAS; os seus Collégios de cultura humanista formavam ali toda a população illustrada da Co-

(1) F. RODRIGUES — *A Formação intellectual* do JESUITA, p. 174. — A Citação de SANTO IGNACIO DE LOYOLA é das *Constituições*, p. IV, cap. XIII, O.

lónia. Ora, como era possivel cursar as bellas lettras sem saber ler e escrever? Mas ha mais: Sabemos que raros eram os Indios que ascendessem até ás aulas do Curso Medio, e contudo os JESUITAS abriram por toda a parte aulas em que ensinavam os Indios. De que seriam essas aulas se não eram de ler e escrever? Mas os documentos são numerosos e irrespondiveis.

Do Collégio da Bahia refere ANCHIETA numa das suas cartas Annuas (1), que em 1584 eram 80 os meninos do A.B.C. e que nessa aula rudimentar os ensinavam a cantar e tocar instrumentos de corda e sopro, com tanto aproveitamento, que eram de grande admiração aos portuguêses (2). No mesmo documento se refere que as crianças das nossas aulas primárias saiam primorosamente formadas na calligraphia e que tinham frequentes desafios de arithmética, nos quaes se distribuiam bons premios. A influencia destas aulas primárias teve até no Brasil um outro resultado curioso, do qual encontro noticia num dos manuscriptos da minha col-

---

(1) *Archiv. MS. Soc.* JESUS, Brasil 8; fol. 4.

(2) *Tantamque nostrorum industria in his habent dexteritatem ut maximam Lusitanis admirationem incutiant.* (Id. ibid.).

lecção; e foi: metter em brios os das escolas superiores, que, não querendo ficar vencidos pelos pequeninos nas execuções musicaes que apresentavam ao publico, resolveram dedicar-se a este estudo. Na Bahia por exemplo, levados por esse estimulo é que os académicos do Collégio de Jesus cantaram completas em polyphonia, acompanhada por instrumentos de corda, nas Sexta-Feiras da Quaresma.

Ainda uma observação interessante, relativa ás escolas primárias do Brasil. O modo precário como os Indios se forneciam de sustento, dia a dia, antes que pelos aldeamentos a Companhia tivesse dado uma organização estável a muitas tribus christãs, exigia quotidianamente as horas bastantes para fazer as provisões. Afim de que este cuidado não impedisse a instrucção dos meninos Indios, em muitas escolas dos Padres deixava-se-lhes a tarde para a caça e pescâ e duplicavam-se de manhã as aulas: *Pomeridianis enim* (horis) *singuli victum quæritantes, aut venationi intendunt aut piscationi; nisi enim laboraverint, non manducabunt*(1).

---

(1) Anchieta, *Epist. MDLVI;* Coll. Rom.; Epist. Bras., 1556.

Tambem em Ilheus foi dos JESUITAS a primeira aula de ler e escrever que ali houve (1); e das aldeias do Espirito Santo, S. Antonio e S. João, nas cercanias da Bahia, diz CARDIM que «em todas havia escolas de ler e escrever, aonde os Padres ensinam os meninos Indios, e a alguns mais hábeis tambem ensinam a contar, cantar e tanger; tudo tomam muito bem, e ha já muitos que tangem frautas, violas e cravo e officiam missas em canto de orgam, coisa que os pais estimam muito. Estes meninos fallam português, cantam a doutrina pelas ruas e encommendam as almas do purgatório (2)».

Mas nenhuma escola me parece merecer ao Historiador menção tão honrosa como a de Piratininga, inaugurada em dia da Conversão de S. Paulo, donde veiu ao Collégio o nome de S. Paulo, derivando-se mais tarde a denominação, da casa para a Cidade e da Cidade para o Estado.

Ahi foi mestre de A. B. C. o grande JOSÉ DE ANCHIETA, como já o fôra na escola primária da Bahia, annexa ao Collégio daquella cidade. Não é por certo pequena honra, para

---

(1) *Annua de 1584* (loc. cit.).

(2) CARDIM, op. cit.

os que no Brasil se consagram a este humilde mas fundamental ensino, terem tido tão glorioso predecessor e modelo. Nessa escola de Piratininga é que ANCHIETA « passou por vezes noites inteiras a tirar copias, para os discipulos poderem, á falta de livros, estudar as lições [1] ».

Pombal e a catástrophe do ensino.

Quando o decreto pombalino da expulsão dos JESUITAS do Brasil teve a sua cruel execução, havia em todo o territorio 510 membros da Companhia de JESUS, dos quaes 316 sacerdotes. « Descontados dentre estes, escreve VILHENA DE MORAES, os que se dedicavam á catequese dos selvicolas, temos ainda assim um não-despiciendo contingente de obreiros da instrucção. De facto, das 113 residencias pelas quaes estavam repartidos, *nove eram collegios*, havendo a mais um *seminário* em Belem (da Cachoeira) e um *noviciado* (na Bahia) [2] ».

Accrescendo a estes collégios e seminários, as numerosas escolas de lêr e escrever disseminadas pelas muitas estações missionárias da Companhia no Brasil, comprehen-

---

(1) P. LUIZ GONZAGA CABRAL, S. J. — *Patria e Religião*, p. 8 (Nictheroy, Typ. Sta. Rosa, 1922).

(2) VILHENA DE MORAES — Memoria apresentada ao 1.º Congresso de História Nacional, p. 60 (Rio, 1914).

der-se-ha sem difficuldade que, ao haverem de pronunciar-se sobre prejuizos causados á instrucção em Portugal e Colonias pela extincção da Companhia de JESUS, dois illustres escriptores brasileiros fossem buscar para termo de comparação, duas metáphoras enérgicas, que representam respectivamente dois dos mais terriveis desastres portuguêses na ordem politica e na ordem material: á expulsão dos Jesuitas chamou o DR. EDUARDO PRADO — *um novo Alcácer-Kibir* —; e o DR. CANDIDO MENDES DE ALMEIDA — *um segundo terremoto* — (1).

Melhor porem que citar o número e a reputação das escolas da Companhia, é demonstrar a excellencia dellas, pelo processo preconizado no Evangelho: *ex fructibus eorum cognoscetis eos*. Não ha mais seguro argumento para julgar da influencia dos mestres do que apresentar os fructos colhidos pelos discipulos.

Discipulos dos Jesuitas.

O auctor do *Brasil Religioso*, P. FERNANDO DE MACEDO, da Companhia de JESUS, tão prematuramente arrebatado pela morte aos que, entre os intellectuaes brasileiros, muito

(1) Citados por VILHENA DE MORAES; op. cit., pp. 54 e 55.

esperavam da sua escrupulosa diligencia em colher nos archivos informações do passado, escreveu-me, pouco antes de fallecer, enviando-me, com suas annotações criticas, uma interessante lista de alumnos celebres dos JESUITAS no Brasil. Completei-a com alguns apontamentos pessoaes e conferi-a com a de VILHENA DE MORAES na *Memoria* ao Congresso Nacional de História de 1914, e sobretudo com os riquissimos materiaes pacientemente colleccionados pelo illustre auctor da *Formação intellectual do Jesuita* (1).

É um catalogo glorioso, que poderá ser decuplicado por quem possa consagrar algum tempo a essas interessantes investigações.

Historiadores: FR. VICENTE DO SALVADOR (1564-1639), SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1660-1738) e FRANCISCO DE SOUZA, o maravilhoso auctor do Oriente Conquistado, todos três alumnos dos JESUITAS na Bahia; e o grande Chronista dos Bandeirantes, PEDRO TAQUES, discipulo da Companhia no Rio;

Cathedraticos: o DR. MIGUEL LUIZ TEIXEIRA e o Carmelita FR. ANTONIO DA PIEDADE, estu-

---

(1) FRANCISCO RODRIGUES, op. cit., *Passim*, principalmente pp. 440 a 452 — Consulte-se tambem J. M. PEREIRA DA SILVA, *Varões illustres do Brasil*, p. 459.

dantes do Collégio de JESUS na Cidade do Salvador;

Poetas: GREGORIO DE MATTOS (1623-1696), BERNARDO VIEIRA RAVASCO (1697), SOARES DA FRANÇA (sec. XVIII), todos três do Collégio da Bahia; CLAUDIO MANUEL DA COSTA, ALVARENGA PEIXOTO, MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA, O PADRE CALDAS, NUNES DA SILVA, JOSÉ BASILIO DA GAMA e SANTA RITTA DURÃO, discipulos da Companhia no Collégio do Rio de Janeiro;

Juristas: JOSÉ MONTEIRO DE NORONHA, do Collégio do Pará e ALEXANDRE DE GUSMÃO, primeiro ministro de D. João V, do Collégio de Santos;

Scientistas: BARTHOLOMEU LOURENÇO, irmão do precedente, o iniciador da aviação, alumno do Seminário de Belem da Cachoeira e MONTEIRO DA ROCHA, a figura primacial da Faculdade de Mathemática em Coimbra, de quem Pombal teve que lançar mão para dar verdadeiro relevo á Universidade reformada; foi alumno do Collégio do Rio de Janeiro;

o conhecido *polygrapho* ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS foi discipulo dos Padres no Seminário de Nossa Senhora da Lapa (Rio);

Oradores: BOTELHO DO ROSARIO, do Collégio de Pernambuco, FR. MANUEL RODRI-

GUES, do Seminário de Belem da Cachoeira, APRESENTAÇÃO CAMPELLO, do mesmo Seminário, PADRE JOÃO CALMON, do Collégio da Bahia, P. ANTONIO DA FONSECA, do de Pernambuco, IGNACIO MOREIRA, LOURENÇO RIBEIRO, ANTONIO DE OLIVEIRA, FERNANDES DE AZEVEDO, EUZEBIO DE MATTOS e OLIVEIRA SERPA, todos do Collégio da Bahia; e finalmente um nome que vale por todos: o grande PADRE ANTONIO VIEIRA, que, tendo vindo para o Brasil na idade de oito annos, toda a formação litterária e scientifica recebeu dos JESUITAS no Collégio de JESUS da Bahia. Com razão conclúe VILHENA DE MORAES que « bastaria o nome de VIEIRA para cobrir de glória os Collégios dos JESUITAS, ainda quando outros vultos não houvessem produzido da grandeza dos que acima nomeámos (1) ».

Os fundadores da Litteratura Brasileira.

Mas o magistério dos JESUITAS no Brasil não se exerceu somente pela pedagogia, por assim dizer, téchnica dos seus Collégios e Escolas. Mestres pelo ensino oral, os JESUITAS foram-no tambem pelo ensino escripto. Elles foram os verdadeiros fundadores da Litteratura Brasileira.

« Se quisessemos procurar, diz COELHO

---

(1) VILHENA DE MORAES, op. cit., p. 45.

NETTO, as primeiras manifestações litterárias no país, teriamos de seguir os padres contemplativos (*sic*) da Companhia de JESUS: NAVARRO, ANCHIETA, poetizando na solidão, em lingua tupy, infiltrando na alma bárbara a suave religião de que eram representantes; teriamos de visitar os primeiros Collégios dos JESUITAS e de contentar-nos com as informações, verdadeiras logographias, de LUIZ DA GRAN, FERNÃO CARDIM, GANDAVO e GABRIEL SOARES (1)». Os dois ultimos citados por COELHO NETTO não são JESUITAS; mas era-o, e pae de todos os mais, o grande MANUEL DA NÓBREGA, cujas cartas constituem os primeiros documentos de informação histórica nesses primórdios da litteratura-escripta brasileira. Quatro annos depois da chegada de NÓBREGA (1549), desembarcou, a 13 de Julho de 1553, o mais glorioso de seus filhos, ao qual tantissimas vezes me tenho referido e hei-de referir-me ainda, JOSÉ DE ANCHIETA, a quem SYLVIO ROMERO cognominou com razão: «*o mais antigo vulto da litteratura brasileira* (2)».

---

(1) COELHO NETTO — *Compendio de Litteratura Brasileira* (2.ª ed. 1913) p. 41.

(2) SYLVIO ROMERO — *Historia da Litteratura Brasileira;* vol. I, p. 118.

« Aqui, — e vou repetir as palavras por mim pronunciadas ao inaugurar-se solemnemente a estatua de ANCHIETA na cidade que hoje tem o seu nome — aqui, inclinemo-nos reverentes ante esse homem assombroso, que, embora estrangeiro pelo berço e loquela, soube compenetrar-se da legislação de SANTO IGNACIO, o qual exige de seus filhos o amor, a adaptação e a sincera communhão de ideias com a nação a cujo proveito consagram o seu zelo [1]. »

Anchieta poeta e dramaturgo.

ANCHIETA, nascido nas Canárias, mas intellectualmente filho de Coimbra, cultivou com esmero no Brasil as linguas portuguêsa e tupy. Deixou-nos sobre esta última a *Arte da lingua mais usada na costa do Brasil*, bem como em latim a *Ars Grammatica linguæ brasilicæ* e o *Dictionarium linguæ brasilicæ*. Com relação á lingua portuguêsa, por meio das numerosissimas escolas de ler e escrever que abriu e dirigiu, generalizou entre os indigenas a práctica da nossa lingua... Mas ha mais e melhor: ANCHIETA foi no Brasil — já o dissémos acima — o creador da litteratura pátria. A sua poesia duplamente ins-

(1) Regra 10.ª dos *Communs;* cfr. Regras 42 e 43 do *Summário das Constituições.*

pirada, por ser o despretencioso reflexo das circumstancias locaes, documenta os primórdios da História Brasileira, e entorna harmonias no alvorecer da sua nacionalidade.

Os autos do P. José de Anchieta fazem delle, sem favor, o Gil Vicente das terras de Santa Cruz, com a vantagem que, á levidão e graça do dizer vicentino, accrescentou a doçura do verso, indubitavelmente mais musical.

Sirvam de exemplo as estrophes a Santa Ignês, na vinda da sua imágem, em deliciosos versos de cinco syllabas com predominio da accentuação na terceira, esse verso tão predilecto dos que trovavam nas epocas prè-quinhentistas, e que Junqueiro resuscitou na sua versificação opulenta. Descobertas em um códice manuscripto e em boa parte autógrapho de Anchieta pelo meu illustre irmão de hábito o Rev. P. Francisco Rodrigues, foram essas estrophes inseridas por elle na sua esplendida obra — *A formação intellectual do* Jesuita —. Digam-me se ha encarecimento em affirmar que esses versos, de uma ingenuidade inspirada, nada tem que invejar ás mais mimosas páginas dos *Simples* (1).

---

(1) P. Luiz Gonzaga Cabral S. J. — *Patria e Religião* (Nictheroy, 1922), pp. 9 e 10.

Cordeirinha santa,
De Jesus querida,
Vossa santa vida
O diabo espanta.

Por isso vos canta
Com prazer o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Cordeirinha linda,
Como folga o povo,
Porque a vossa vinda,
Lhe dá lume novo.

Nossa culpa escura
Fugirá depressa,
Pois vossa cabeça
Vem com luz tão pura.

Vossa fermosura
Honra é do povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Santa pàdeirinha
Morta com cutello,
Sem nenhum farello
He vossa farinha.

Ella he menzinha
Com que sara o povo
Que com vossa vinda
Terá trigo novo!

O pão que amassastes
Dentro em vosso peito
He o amor perfeito
Com que a Deus amastes.

Deste vos fartastes,
Deste dais ao povo,
Porque deixe o velho
Pelo trigo novo.

Não se vende em praça
Este pão da vida,
Porque he comida
Que se dá de graça.

Ó preciosa massa,
Ó que pão tão novo,
Que com vossa vinda
Quer Deus dar ao povo!

Virginal cabeça
Pela fee cortada
Com vossa chegada
Já ninguem pereça.

Vinde mui depressa
Ajudar ao povo,
Pois com vossa vinda
Lhe dão lume novo.

Vós sois cordeirinha
De Jesus fermoso,
Mas o vosso esposo
Já vos fez rainha.

Tambem pàdeirinha
Sois do vosso povo,
Pois com vossa vinda
Lhes dais trigo novo.

Não he dalentejo
Este vosso trigo,
Mas Jesus amigo
He vosso desejo.

Morro, porque vejo
Que este nosso povo
Não anda faminto
Deste trigo novo.

Ó que doce bolo
Que se chama graça!
Quem sem ella passa
He mui grande tolo,

Homem sem miolo,
Qualquer deste povo
Que não é faminto
Deste pão tão novo (1).

Mestre na *cantiga* ingénua, antes que nenhum outro poetasse, e por isso fundador do lyrismo no Brasil, ANCHIETA foi tambem o primeiro mestre no genero dramático dos *autos* e *mystérios*, e por isso verdadeiro fundador do theatro nacional, em terras de Santa Cruz.

Já acima deixei assignaladas algumas das representações scénicas descriptas por FERNÃO CARDIM. Direi agora do texto dellas.

Autográphos preciosos

Possuo, entre as photographias de autógraphos da minha collecção, bom número desses *autos*, alguns dos quaes offerecem esta curiosa particularidade: terem fallas entremeadas nas três linguas, portuguêsa, castelhana e tupy. Mas — circumstancia para sublinhar, em escriptos de um auctor hespanhol por nascimento, e mais, em época na qual a lingua dos dominadores se tinha generalizado entre nós — os titulos, as notas

---

(1) *Apud* F. RODRIGUES, op. cit. (Porto, 1917), p. 228.

de scenário, as rubricas de marcação, tudo isso é sempre em português.

Num extenso auto, representado na então villa de Victoria, ha um diálogo entre a Villa e o Governo, em que aquella falla castelhano e este português. O papel dado ao Governo mostra como ANCHIETA contava com as autoridades da Metrópole para darem força á acção moralizadora dos Missionários.

Vão, a titulo de curiosidade, uns excerptos desse diálogo ainda inédito:

Excerptos inéditos

A villa da Victoria

...Ay dolor!
Que no ay batallador
Que á los vicios guerra dé!
No ay caridad ni fé!
Falta el divino temor!
Triste de mi! que haré?

(*posta de joelhos*)

A vós, mi DIOS, lloraré,
y con suspiros del pecho,
Justicia demandaré
pues Victoria me nombré,
Que me guardeis mi derecho.

Entra o Governo (passeando)

Suspiros entranhaveis e gemidos,
que são signaes bem certos de tristeza,
combatem gravemente meus ouvidos
e pedem minha ajuda com presteza.

Suspeito, e com razão, que está torvada
a gente desta terra minha amiga,
e que terá perdida a paz antiga,
por não querer de Deus ser governada.

Victoria (*só comsigo*)

Llorad sin descansar, mis tristes ojos,
mi pena, mi dolor, mi desventura,
porque esta es la mas breve y cierta cura
para dar refrigerio a mis enojos.

Governo

Onde suspiram? quem chora?
Parece voz de donzella...
Oh! que matrona tão bella!
Quero me ir a ver com ella.

(*e fallando com ella, se assenta*)

Senhora! vossos gemidos
me fizeram cá chegar
Quisera vos consolar,
que não soffrem meus sentidos
deixar-vos tanto penar.

Vosso honesto parecer,
vossa grave honestidade,
me dão mui claro a entender
que deveis princeza ser
de mui alta dignidade.

Dizei-me vosso appelido,
que muito saber desejo
Não vos torve meu despejo,
porque em mim tenho entendido
que em vós ha mais do que vejo.

VICTORIA

Pues que lo quereis saber,
soy la villa de Victoria,
cuya dignidad y gloria
pienso ya deve de ser
venida á vuestra memoria.

Soy antigua en el Brasil,
mis hijos y moradores
siempre fueron vencedores
con esfuerzo varonil
de los indios tragadores.

En mi se plantó la lei
de DIOS que todo crió,
con su santa fé alumbró
JESU-CHRISTO, Sumo Rei,
los Brasiles que escogió.

GOVERNO

Não debalde cá em meu peito
em o ponto que vos vi
gran credito concebi,
tendo-vos um tal respeito
qual sinto dentro de mi.

E ouvindo vossos gemidos
tive de vós compaixão;
qual é, Senhora, a razão
de terem vossos sentidos
tanta desconsolação?

VICTORIA

Pues mi nombre aveis sabido,
que soy villa de *Victoria*,
por si, se queda entendido
que ser mi pueblo *vencido*
es afronta de mi gloria.

Refere em seguida como os vicios foram os que venceram aquella que devia ser invicta, pois tem o nome de Victória. O Governo, mostrando-se prompto a auxiliar o triumpho da moralidade, falla com tão acertada doutrina, que a Villa attribue aos cabellos brancos do seu interlocutor a pruden-

cia de taes conselhos. Ao que responde o Governo:

Destas cãs não façaes conta
porque não basta ser velho;
bem posso tomar conselho
do mancebo sem affronta,
e tomá-lo por espelho.

Quem tem virtude e saber,
Seja de qualquer idade,
este tal tem magestade
para poder bem reger
todo o mundo com verdade.

Uma das scenas do *auto* introduz a figura da Ingratidão, que serve de pretexto a uma lição severa sobre a correspondencia que devemos ter aos beneficios de Deus e dos homens.

Não raro a feição humoristica vem desannuviar as frontes, quando a seriedade da lição moral entrava a dar ao diálogo um certo ar de sermão. É, por exemplo, chistosa a farpazinha, habil e inesperadamente mettida nos indios inclinados ás bebidas inebriantes, em um *auto*, tambem inédito, por occa-

sião das prendas levadas ao presépio de Belem:

« Senhor, estes cinco réis
são do peixe que vendi;
não vos trago mais aqui
porque ontem tudo o mais
dei por vinho que bebi. »

E logo outro actor acode a attenuar a culpa do precedente, accusando lealmente a responsabilidade própria:

« Eu fui o seu companheiro
e por mim foi enganado,
perdoae nosso peccado,
pois que vós sois o cordeiro,
que pagaes pelo culpado (1). »

Antes de deixar este assumpto quero aproveitar o ensejo para recolher aqui um interessante dado histórico de que não teve conhecimento Simão de Vasconcellos, nem, quanto pude averiguar, nenhum dos outros auctores que escreveram acerca do martyrio **Valioso dado histórico.**

---

(1) *Archiv. Soc. Jes.* — Op. NN. num. 24; p. 111, 114, 143, 144.

do B. Ignacio de Azevedo e seus trinta e nove companheiros. Anchieta, como contemporaneo do successo, tem irrefragável auctoridade na sua terminante affirmação. Encontrei entre os Manuscriptos inéditos, que estou citando, uma poesia em castelhano, do proprio punho de Anchieta, dirigida ao Bemaventurado, na qual refere a conversão ao catholicismo de Jacques Sourie, o capitão calvinista que commandou a carnificina da náu Santiago. Destaco apenas uma estrophe:

Á la fé, de corazon
se redujo en la vejez,
porque tu, con oracion,
ganaste de Dios perdon
al enemigo francês (1).

Continuadores insignes.

O movimento litterário, iniciado por Anchieta, foi gloriosamente continuado por seus Irmãos de hábito.

Os séculos XVII e XVIII não entram directamente no assumpto por mim escolhido para esta monographia; mas as bellezas de

(1) Ibid., p. 57.

estylo que encontramos copiosissimas nos escriptores da Companhia em todas as épocas da *História da Colonização Portuguêsa no Brasil,* ao mesmo tempo que mantem os Jesuitas no logar de honra entre os *Mestres* da vernaculidade na América Lusitana, demonstram que este primeiro elemento da sua *Influencia social:* a *acção civilizadora* pela *pedagogia,* não foi o apanágio de um homem só, ou o caso esporádico de alguns poucos membros da corporação, mas a resultante de uma escola própria, cujos fructos educativos brotam lògicamente da formação intellectual que receberam.

Citar exemplos fôra expor-me á tentação de não poder limitar-me.

Baste recordar Vieira, onde podiamos colher a granel as joias litterárias de maior preço, abrindo ao acaso os quinze escrinios de seus sermões, e os outros cofres não menos opulentos das cartas e mais escriptos desse polygrapho portentoso.

Mas porque não fique sem sua documentação propria esta subdivisão da minha these, e para que possa o leitor vingar-se de mim, descansando da aridez do meu pobre deserto no oasis de uma formosissima pagina alheia, transcreverei ao menos poucas linhas

do Chronista da Companhia de JESUS no Brasil, o meu conterraneo Portuense, P. SIMÃO DE VASCONCELLOS.

Entre as elegantes descripções, com que o Reconcavo de Todos os Santos, a Bahia de Guanabara e tantos outros recortes do littoral brasileiro ficaram gravados nas paginas da sua obra, mais gráphica e coloridamente do que podera fazê-lo em tela o desenho e a pintura do melhor lapis e do melhor pincel; destacarei do panorama da Bahia as formosas e exactissimas linhas relativas a um pormenor apparentemente insignificante: os *mangues*. Ei-las:

Os mangues. «As agoas deste grande lagamar, ou pequeno Oceano, da Barra para dentro, parecem de cristal. Da nau mais alongada da praia experimentei que, olhando para o fundo das areias, via nelle os seixos e as conchas branquejando a modo de pedaços de prata. As margens e ribeiras dos rios por ordinário estão galanteadas da verdura dos mangues, mui engraçados, não só por verdes, mas por aquellas singulares laçadas com que a natureza vigorosa os enredou; porque do mais alto de seus braços lançam vergonteas a beber nas aguas, e nestas, como luxuriando, dos braços fazem pés, arreigam em o fundo, criam rai-

zes e tornam a brotar ao alto troncos diversos e diversos ramos.

Não dão estas árvores fructo algum; recompensam porem a falta delle com vários prestimos em proveito maior dos moradores; porque aquelles braços, que dissemos lançam do alto a prender outra vez em as aguas, formam cada um cinco e seis raizes antes que cheguem á vasa, as quaes naquelle espaço que lhe chegou a agua das marés, se cobrem com tanta quantidade de ostras, umas sobre outras, que tal vez é bastante um só pé destes para encher um cesto. Debaixo destas mesmas raizes se cria tanta copia de caranguejos, que sendo muitos milhares os moradores, principalmente serventes e escravos, a todos dão pasto quotidiano e gostoso, só dos que andam pelas margens dos Rios. Com a folha destas árvores pisada se fazem os cortumes de toda a courama do Brasil, muito mas brevemente que com o somagre do reino, e com a casca tambem pisada se dá a tinta vermelha e engraçada que tem os mesmos coiros. De seus troncos se fazem as melhores e mais incorruptiveis madeiras para todos os altos das casas, como são caibros, enchimentos e pilares; com que vem a ser esta árvore infructifera a de maio-

res préstimos. De pescado é toda esta paragem de mar e rios abundantissima; suas espécies são innumeráveis, gostoso todo e sàdío; nem é menor a cópia de generos de marisco, regalo de ricos e fartura de gente ordinária (1).»

B.) A EDUCAÇÃO PROPRIAMENTE DICTA.

Com o que neste Capítulo levo dicto, não ficou ainda assim esboçada senão parcialmente a physionomia do *Educador*.

A *Civilização*, no seu mistér *pedagógico* não comprehende somente o *ensino*, senão tambem — e mais ainda — o que em rigor merece o nome de *educação*.

Pelo *ensino* forma-se a *intelligencia;* pela *educação propriamente dicta* forma-se o *cardacter*.

Ora, se o JESUITA do século XVI, na sua *influencia social* de *Civilizador*, se esmerou no Brasil pela formação intellectual, mais ainda se esmerou pela formação *moral*.

Quasi podia dispensar-me de tractar aqui este ponto, pois na PRIMEIRA PARTE, onde estudei a *Influencia profissional* do JESUITA, isto é, o seu *apostolado*, já a demonstração ficou feita. Que outra coisa foi o *Christiani-*

---

(1) SIMÃO DE VASCONCELLOS — Chronica, liv. I, n.º 29.

zar, senão *educar a vontade, educar o coração, educar o carácter?*

Ahi vimos o que pôde a palavra, o conselho, a santa importunação daquelles evangelizadores, para a regeneração moral das várias raças que formavam o Brasil colonial; ahi vimos o alto grau de perfeição christã a que fizeram chegar muitos dos que antes balouçavam naufragos na mareta das mais lodosas paixões; ahi vimos a efficácia que para isso teve o exemplo de santidade e de heroismo que deram ao Brasil os JESUITAS que Portugal lhe mandou como elemento principal de civilização, afim de implantarem a verdadeira pedagogia christã, ainda mais como *Educadores,* que como *Mestres* (1).

Completarei contudo, em poucas palavras, o assumpto, assignalando esta influencia moral do *Educador,* no seu elemento de *reacção,* contra os vicios.

JOÃO RIBEIRO, na *História do Brasil,* exactamente onde se consagra ao estudo da *sociedade,* assim como neste capitulo estou analyzando o aspecto *social,* tem o seguinte titulo suggestivo: *Elemento moral — o* JESUITA.

(1) Cfr. *Supra,* 1.ª parte, capitulo 1.º, pp. 103 a 112.

Esboça ali o auctor, num quadro de traços talvez ainda mais negros que os da realidade, a sociedade colonial de então, a qual, diz elle, «florescia pela *decomposição das raças*». Penso que seria mais exacto dizer que — apontava em botão no enxerto de todas ellas —.

Profliga com rigor a connivencia, ou ao menos o opportunismo, dos governantes, não deixando indemne de censura nem «*o grave e circumspecto* THOMÉ DE SOUZA».

Papel moralizador do Jesuita.

Qualquer que seja a divergencia que possa haver sobre esse julgamento severo, o papel moralizador do JESUITA desenha-o JOÃO RIBEIRO com mão firme e critério desapaixonado. Citemos:

«O JESUITA, porem, era inflexivel. Não cedia, nem condescendia. Combatia todos os escandalos e maldades, as perseguições inuteis aos indios, as relações illicitas e ás vezes monstruosas que destruiam o respeito mútuo... Deste modo procuravam levantar os costumes e levantar a descendencia desses homens que aqui lançavam os fundamentos da nova civilização (1).»

---

(1) JOÃO RIBEIRO — História do Brasil, 5.a ediç. (1914), p. 118, 119.

Nos indios, o mais abominável vicio que primeiro houveram de combater foi o da anthropophagia.

Alguns auctores contemporaneos quizeram attenuar o cannibalismo opprobrioso dessas usanças sanguinárias, reduzindo os banquetes de carne humana ás proporções de um mero symbolismo. Segundo elles o indio não buscava ahi a satisfação de uma gula repugnante; aproveitava apenas um acto de rigor, que corresponderia ao actual fusilamento militar, para um ritual representativo da solidariedade de todos no triumpho da tribu, pela communhão de uma parcella minima da victima. Não nego este segundo motivo, posto que mais grosseiramente apprehendido pelo aspecto apenas da valentia e vingança, sem o luxo de noções de symbolismo solidarista de que mal eram capazes; mas essas interpretações, dadas a quatro séculos de distancia, não podem resistir á documentação terminante fornecida pelos que eram testemunhas de vista.

Interpretações optimistas sobre anthropophagia.

Poderia multiplicar citações. Baste por todas esta de VASCONCELLOS, a que não falta o pittoresco da côr local.

« Contava um Padre da nossa Companhia, grande lingua brasilica, que penetrando uma

vez o sertão, chegando a certa aldeia, achou uma india velhissima no último da vida; catequisou-a naquelle extremo, ensinou-lhe as coisas da Fé, e fez cumpridamente o seu officio. Depois de haver-se cansado em coisas de tanta importancia, attendendo á sua fraqueza e fastio, lhe disse, fallando a modo seu da terra: — Minha avó, se eu vos dera agora um pouco de assúcar, ou outro bocado de conforto de lá das nossas partes do mar, não o comerieis?

Respondeu a velha, catequisada já: — Meu neto, nenhuma coisa da vida desejo: tudo já me abhorrece: só uma coisa me pudera abrir agora o fastio, se eu tivera uma mãozinha de um rapaz tapuya de pouca idade, tenrinha, e lhe chupára aquelles ossinhos, então me parece tomára algum alento. Porem eu (coitada de mim!) não tenho quem me vá frèchar um destes [1]!

Francamente este fastio, que só viria a ceder com a mão tenrinha de um rapazote de poucos annos, não se parece nada, com um symbolismo litúrgico de communhão solidarista; nem aquelle suspiro, de não ter quem lhe fosse ao matto frèchar um daquelles, tem

---

[1] Vasconcellos — Chronica, l. I, n.º 49.

nada que ver com a vingança de belligerantes após o combate.

O que apparece aqui — e muito mais para quem lê os numerosissimos documentos a este análogos — é a paixão inveterada, o gosto pervertido, e por isso mesmo a difficuldade de arrancar tão revoltante abuso.

Mas arrancou-se. Os Jesuitas triumpharam do bárbaro á força de paciencia, de amabilidade, de bom exemplo, por vezes tambem de rasgos ousados até á temeridade.

« Estavam um dia os Indios, escreve Simão de Vasconcellos, celebrando a morte de um tapuya, em um terreiro perto de nossos aposentos. Ouviam os Padres os gritos descompostos, os assobios, o bater de pé e arcos, que atroavam os montes visinhos. — Que faremos? diziam — cegar-nos-hemos? Taparemos os ouvidos e boccas? Seremos como consentidores de tão enorme offensa de Deus cada dia? Para que queremos as vidas? Não são bem empregadas em caso tão notável, tão próprio do zelo de Christãos, quanto mais de Religiosos? — Dizendo isto, remette Nóbrega e seus companheiros; vão-se ao terreiro, bradam ao céu, allegam grandes queixas, reprehendendo asperamente e com império mais que humano aquel-

las infames cerimónias e detestáveis carnicerias. Ficaram pasmados os matadores; e, emquanto paravam suspensos, chegam-se os Padres ao corpo que jazia morto entre as velhas que de costume o haviam de partir e cozer, arrancam-no das unhas daquelles lobos carniceiros e daquellas harpias crueis. Aqui ficaram mais attónitos á vista de resolução tão estranha; porem então não houve algum que se atrevesse a oppôr-se aos Padres, que o levaram e o foram enterrar em um logar escondido dentro de sua cerca (1).»

Reformando Colonizadores.

Tambem aos Portuguêses se estendia esta influencia educadora do JESUITA para corrigir-lhes os vicios e desmandos.

Nas villas de S. Vicente e Santos, vivia, antes de lá chegarem os da Companhia, bom numero de colonos, de todo esquecidos de seus deveres christãos.

Casados e solteiros davam depravado exemplo de sensualidade, dentro de suas mesmas casas, com as Indias suas captivas. Em tempo em que a fidelidade aos preceitos da Egreja era, entre Portuguêses, ponto de honra, não se estranhava ali a transgressão habitual desses preceitos. «Vivia-se, diz VAS-

---

(1) VASCONCELLOS — Chronica, l. I, n.º 51.

CONCELLOS, de rapto dos Indios e era tido o officio de assaltá-los por valentia, e por elle eram os homens estimados... Este era o estado das coisas daquella Capitania, quando chegou a ella o Padre LEONARDO NUNES. Lançou ferro no porto da villa de S. Vicente; e tanto que foi sabida a nova, que eram chegados dois Religiosos da Companhia não se pode explicar o grande alvoroço de todos. Concorreram á embarcação; foram levados com applauso de grandes e pequenos; uns lhes beijavam o bordão, outros a roupêta, outros lhes pediam a bençam, como de homens vindos do céu para remédio seu (1)».

A transformação operada pelo Missionário foi realmente assombrosa, e o Chronista da Companhia descreve-a interessante e minuciosamente. Mas não quero deixar sem ponderação, que, se a acção do JESUITA foi proporcionada á sua abnegação, bondade e zelo; tambem os convertidos tinham apresentado ao convertedor predisposições favoráveis á acção da graça.

Da recepção que fizeram a LEONARDO NUNES se deprehende que, se os vicios delles eram grandes, lá estava, contudo, a fé a sus-

---

(1) VASC. op. cit., l. I, n.º 66.

citar no fundo d'alma o desejo do remédio para aquelles males.

Este olhar desapaixonado, que, se por um lado não deixa de verberar a perversidade onde a encontra, por outro não se recusa a ver attenuantes onde o culpado as tem, é imprescindivel para que o historiador não seja injusto em suas apreciações.

Exaggeros de Historiadores para com os colonos.

Foi moda que se generalizou, entre certos escriptores das coisas do Brasil, ver só os abusos do colono, utilizando para esse libello diffamatório as queixas dos JESUITAS que reclamavam para o Governo da Metropole contra os obstáculos oppostos, pela depravação e cubiça dos brancos, á sua acção moral e educadora.

Aquellas reclamações eram justificadas, mas, ao lado dellas, depara-nos a correspondencia dos Missionários da Companhia rasgados elogios, narrações reconfortantes, benemerencias insignes dos Portuguêses residentes no Brasil.

Deixar estas no olvido, para fazer a História só com aquellas, é cerzir com verdades parciaes uma colossal mentira.

NÓBREGA e seus companheiros de apostolado, VASCONCELLOS e seus continuadores no redigir a História não esqueciam as atte-

nuantes, e sabiam reconhecer a docilidade de muitos, que, invectivados por vezes duramente pelos Missionários, ainda assim se lhes rendiam arrependidos, cimentando, a partir dessas horas de rigor, filho de zelo sincero, amizades fortes, que duravam emquanto durava a vida (1).

Aos vicios dos Portuguêses daquelles primeiros tempos assignalava o mesmo NÓBREGA, entre outras attenuantes, a falta de clero secular e da jerarquia ecclesiástica, ainda não iniciada no Brasil. Alguns clérigos que havia, eram dos que mais influiam o mau exemplo com o escandalo de suas vidas. Por isso, numa primeira carta para o PADRE MESTRE SIMÃO RODRIGUES, escrevia elle. «Dos Sacerdotes ouço coisas feias. Parece-me que devia Vossa Reverendissima lembrar a Sua Alteza um Vigario Geral, porque sei que mais moverá o temor da justiça que o amor de DEUS». Numa segunda carta para o mesmo, datada de 9 de Agosto de 1549, já pede mais que Vigario Geral. «É muito necessario cá um Bispo, diz —; e vindo, não seja dos que *quærunt quæ sua sunt, sed quæ* JESU CHRIS-

(1) Vejam-se numerosos exemplos na *Chronica da Companhia de* JESU no Estado do Brasil, passim, v. g. T. I, pp. 51 a 54.

TI. Venha para trabalhar e não para ganhar (1) ».

Pedagogia interna: a base religiosa.

Os que assim se occupavam e preoccupavam com a educação moral, dos que lhes eram menos próximos, facil é de ver o que fariam por aquelles de cuja educação tinham expressamente acceitado o compromisso com a abertura dos seus Collégios.

Na *Carta Annua* de 1584 congratula-se ANCHIETA com os fructos de fidelidade ao dever, piedade e applicação, dos alumnos da Companhia no Brasil; e não ha dúvida que então, como hoje, a pedagogia dos JESUITAS é primariamente destinada a formar o *homem moral:* ainda mais que a cultura do espirito, visa a cultura do carácter.

Ora, para a realização deste desiderato, uma só força é efficaz: a força religiosa.

Utopias racionalistas quizeram crear bases novas para a formação dos homens e das sociedades. Quasi dois séculos de desenganos crueis acabaram de desacreditar essas utopias insensatas.

Muito bem o disse — e fallando sobre a éthica nacional brasileira — o pranteado

---

(1) NOBREGA, Carta ao P. M. SIMÃO, da Bahia, 9 — VIII — 1549.

scientista Dr. Egas Moniz Barreto de Aragão, numa das brilhantes conferencias do Centenário da Independencia.

Alludindo á chimera de fazer da chamada Sciencia a base da educação moral, exclama:

«Pode-se ser um grande scientista e ao mesmo tempo um homem sem carácter.

Não se conhece um código de moral baseado na Mathemática, na Physica, ou na História natural. A sciencia não consegue fornecer as qualidades moraes; o que ella faz em geral é desenvolver extraordinariamente o amor-próprio e o orgulho... Só ao elemento religioso é dado influir no carácter da collectividade e do individuo. E a esse elemento devemos o nosso verdadeiro carácter nacional (1).»

Os Jesuitas assim o entenderam, assim o practicaram, e por isso, nas relações da civilização com a pedagogia, mais ainda do que *Mestres* quizeram ser e foram *Educadores*.

Esta foi a sua *influencia civilizadora so-*

---

(1) Dr. Égas Moniz Barreto de Aragão — *A dynamica Religiosa, dos tempos coloniaes até á Republica, garantidora do carácter nacional;* (na *Revista Ecclesiástica* da Archidiocese da Bahia, an. XV, n.º 6 a 12, p. 39).

bre as pessoas — pedagogia integral que ensina as intelligencias e educa os corações —.

Resta completar esta segunda parte, acenando, ao menos rapidamente, a sua *influencia civilizadora sobre as coisas* — utilização omnimoda dos seres fornecidos pela natureza ou modificados pela industria, em ordem ao verdadeiro *progresso* —.

CAPITULO QUARTO

A CIVILIZAÇÃO E O PROGRESSO

— O GUIA —

SUMMÁRIO — Influencia civilizadora sobre as coisas — Materia-prima para instrumentos de civilização — Arroteadores; precursores do hinterland — Culturas: S. Paulo, Bahia, Olinda — Iniciadores das maravilhas do Paraguay — Estradeiros — Constructores — Aldeantes — Equidade desapaixonada de Mem de Sá; o P. Nóbrega — Em favor dos Colonos — Em favor dos Indios — Fautores de Indústrias — Mineralogistas, Botanicos, Zoólogos — Productos medicinaes — Resumo.

A scena de sublime singeleza, em que, no capitulo primeiro do Génesis, se nos descreve a entrega effectiva, feita por DEUS, a ADÃO innocente, de todos os seres, nos três mundos vastissimos, *inorganico, vegetal* e *sensitivo,* para que sobre elles exercesse seu dominio; e o complemento encantador dessa mesma scena, em que, no capitulo segundo, é convidado por DEUS o mesmo ADÃO a ser elle quem imponha o nome aos mais nobres dentre esses seres, poderia aptamente ser escolhida para quadro symbólico do ponto de partida de todo o *progresso* (1).

Influencia civilizadora sobre as coisas.

Diante do homem desfila, em cada inicio de civilização, a intérmina multidão das coisas, para que o homem exerça sobre cada uma, o seu dominio e as vá rotulando com seus próprios nomes, para assignalar-lhes o destino, utilizando-as todas para a marcha

(1) *Genesis,* c. I, vv. 28 a 30; c. II, vv. 19 e 20.

ascensional da humanidade. A realização successiva, methódica, efficaz deste plano é o *progresso*. Orientar criteriosamente esta destinação das *coisas*, para proveito, desenvolvimento e prosperidade das *pessoas*, é ser *guia* no progresso.

Na História da Colonização Portuguêsa no Brasil é luminosamente manifesto este papel desempenhado pelo JESUITA.

Materia prima para instrumentos de civilização.

Estendia-se diante delle um país de maravilhas: immenso, rico, futuroso; mas inexplorado, informe, abandonado durante millénios á indolencia e incúria de raças selvágens: — terra opíma; mas por arrotear: — valles férteis e serranias opulentas; mas inúteis, por falta de viação: — pedreiras, mattas, elementos constructores de toda a ordem; mas desaproveitados, pois os únicos abrigos eram ocas de taipa telhadas de pindóba, ou tabas erguidas em estacas e cobertas com folhas de dendé — portos naturaes nas enseadas do mar, ou planaltos arejados de clima primaveril, onde puderam installar-se cidades e villas como as da Europa; mas as tríbus seguiam dispersas, vagueando errantes pelas márgens dos rios, ou nos labyrinthos impérvios da floresta-vírgem; — depois, havia excepcionaes materias-primas para toda

a sorte de industrias; mas nem sequer eram suspeitadas por aquelles que viviam sem exigencias de civilização, satisfeitos com o alimento diário que o arco lhes frèchava na matta, ou a puçá [1] lhes recolhia nos grandes rios.

Isto para não fallar nas riquezas que o solo lhes occultava em bétas metalliferas ou crystallizações preciosas, que a floresta lhes aprumava em madeiras de lei, que as franças das arvores lhes debruçavam em fructas saborosas, que os calices das flôres lhes desapertavam em corollas exóticas, que os troncos lhes gottejavam em balsamos raros, que as raizes, os caules, as folhas, as ervas, a flora inteira lhes presenteava em productos medicinaes.

Se a todas estas maravilhas do mundo vegetal ajuntarmos as curiosidades do reino animal, umas voando como os sabiás e os beija-flôres, outras trepando como os bugios e os sagüis; estas colleando como as jararácas e as surucucús, aquellas engatinhando como os jaguares e as onças de pelle mosqueada; comprehenderemos como os Padres

---

(1) *Puçá*, era o nome tupy da rede de pesca usada pelos *brasis*.

e Irmãos da Companhia, tendo embora como fim primário do seu apostolado o bem espiritual dos neóphytos, estendiam tambem a sua actividade á influencia social, com que, ainda nas coisas materiaes, lhes procuravam todo o bem estar. Por isso se fizeram arroteadores e engenheiros de estradas; constructores, architectos e decoradores; aldeantes e guias dos novos municipios; introductores e mestres de todas artes e officios; reveladores da fauna e flora brasilicas e das suas riquezas mineraes; exploradores da sua geographia, ethnographia e linguistica; propagandistas perante a Europa das bellezas e excellencias do Brasil, e reciprocamente introductores na sua nova Pátria de tudo o que de àlém-oceano podia trazer aos amados *brasis* todos os elementos do *progresso.*

Arroteadores; precursores do hinterland.

Documentemos concisamente numa congérie rápida, mas, quanto a brevidade o permitta, repleta, esta faina de *influencia social,* pela qual os JESUITAS Portuguêses foram, para o Brasil, verdadeiros *guias* do *progresso.*

Um só exemplo bastaria — o de Piratininga — para assignalar no JESUITA o arroteador de terrenos baldios, o importador das culturas europeias, o instigador do brio agricola nas novas populações, e até o previ-

dente acclimatador da planta humana em meio propicio.

Elegantemente condensa EDUARDO PRADO esta documentação numa página das Conferencias Anchietanas. É a seguinte:

« Hoje, os planeadores da colonização africana descobriram as vantágens da occupação do chamado *hinterland*, isto é, a conveniencia do estabelecimento dos colonos europeus nos planaltos do interior, em zonas onde a altitude, corrigindo o ardor do clima, vivifica os pulmões numa atmosphera fresca e tonificante-do-organismo.

Os JESUITAS comprehenderam ha três séculos isto que só hoje descobrimos.

Culturas; S. Paulo, Bahia, Olinda.

As collinas de Piratininga eram um admirável campo dessa grande experiencia feita a instancias e por esforços daquelles incomparáveis colonizadores. É curiosa e natural a admiração, com que nos séculos XVI, XVII, e XVIII fallam do clima de S. Paulo os escriptores do tempo, echos dos colonos da nova povoação. Havia aqui o clima quasi egual da Europa. Fallam todos na abundancia do trigo, das uvas, de que se fazia um vinho saboroso « bebido antes de ferver de todo »; fallam-nos das peras, das maçãs, dos pêssegos, e das mais fructas europeias.

A pequena cerca que os JESUITAS plantaram em S. Paulo, junto á sua Egreja, é um logar celebre na história das plantas do Brasil. Foram ali pela primeira vez cultivadas as especies indigenas, novas para os colonos, ao lado das velhas plantas clássicas trazidas da Europa, plantas ligadas á história das raças, á sua vida, á sua poesia, e que estas raças transplantam nas suas migrações com as suas tradições e os seus altares.

Diz-nos ANCHIETA que havia no seu tempo um poço de boa agua no claustro, e que na cerca havia rosas, cravinas, lyrios brancos e romãs. Do parapeito dessa cerca, sobre o despenhadeiro, dominava a vista o horizonte, e ANCHIETA podia ver para o norte estendida aquella terra dos futuros paulistas, terra, dizia elle, « de grandes campos, fertilissima de muitos pastos e gados, de bois, porcos e cavallos, etc. e abastada de muitos mantimentos ».

Nella, diz ainda ANCHIETA, dezenove annos depois da fundação de S. Paulo, « se dão uvas e se faz vinho, marmelos em grande quantidade e se fazem muitas marmeladas, romãs e outras arvores de fructo das terras de Portugal (1) ».

---

(1) EDUARDO PRADO — *Conferencias Anchietanas*, p. 49.

Mas o exemplo de S. Paulo está longe de ser o unico. Os arroteadores transformavam por toda a parte a gleba onde assentavam arraiaes, com a varinha mágica da sua sollicitude agricola. Aqui, nesta Bahia onde estou escrevendo, e donde desappareceram ha muito esse pomares exóticos de verdadeira terra de promissão, bem ao nosso lado, no actual coração da Cidade, nesse Terreiro de JESUS, onde a Egreja da Companhia e o Collégio dos JESUITAS são hoje a Basilica Metropolitana e a Faculdade de Medicina, tinham os Padres transformado em poucos annos o torrão da cerca por tal forma, que FERNÃO CARDIM, testemunha de vista, escrevia em 1583: «A cerca... está cheia de arvores de espinho (larangeiras, tangerineiras e limoeiros), parreiras de Portugal, as quaes, se as podam a seus tempos, todo o anno estão verdes, e com uvas, ou maduras, ou em agraço. A terra tem muitas fructas: ananazes, pacobas, e todo o anno ha fructas no refeitorio... Legumes não faltam, da terra e de Portugal: bringellas, alfaces, couves, abóboras rábãos e outras hortaliças (1)».

---

(1) CARDIM — *Narrativa epistolar* (ediç. da *Revista trimestral do Instituto H. e G. Brasileiro*, t. LXV, 1902, pag. 16). É curioso observar, a proposito da introducção das arvores de

Em Pernambuco, Olinda, tiveram os JESUITAS uma quinta para adaptação de culturas do Reino; e por toda a parte procuraram de principio dar estabilidade aos Indios com seus aldeamentos, fixando-os ao solo, ensinando-lhes a practica das lavouras; e não é sem duvida a menor gloria dos JESUITAS Portuguêses o terem sido as aldeias dos indios christãos, no Brasil, as que serviram de modelo áquelle paraiso da innocencia agricola que se chamou: as Reducções do Paraguay.

Escutemos EDUARDO PRADO:

Iniciadores das maravilhas do Paraguay.

«As tres grandes maravilhas dos JESUITAS na América foram o Brasil, o Canadá e o Paraguay. Do Brasil, primeiro theatro dos seus trabalhos, partiram os primeiros JESUITAS, subiram o Prata e foram civilizar o Paraguay; esses JESUITAS, hespanhoes, italia-

---

espinho na Bahia, que nenhuma fructa é hoje mais afamada na capital deste Estado que a laranja, a qual até na Europa tem seu renome (laranja da Bahia). De todas as qualidades, porem, a mais apreciada na cidade do Salvador é a laranja do Cabúla (arrabalde). Ora, foram os Portuguêses e principalmente os JESUITAS, que importaram a laranja para o Brasil onde a laranjeira não era planta indigena; e é de notar que a melhor plantação de laranjaes foi a da Quinta do Tanque, predio rustico do Collégio da Companhia, situado exactamente nas proximidades do actual Cabúla.

nos, irlandezes e portuguêses, haviam já practicado no Brasil, na escola de NÓBREGA e de ANCHIETA, e para o Paraguay levaram o seu sublime espirito. Foram mandados por ANCHIETA em 1587, quando exercia o cargo de Provincial. Foi, pois, o Apóstolo do Brasil, em certo modo, o fundador das Christandades JESUITICAS do Paraguay [1].

Mas o JESUITA, guia do progresso pelo arrotear das terras brasileiras, foi-o tambem pela importante rêde de *estradas* de penetração, que foi traçando pelos marcos milliários das suas residencias. Baste recordar, no caminho, da Bahia a S. Francisco, chamado o *Caminho do meio,* as residencias de Cannabrava, Nossa Senhora do Soccorro, Sacco de Morcegos, Natubá e Manguinho; e, no Estradeiros.

(1) EDUARDO PRADO, op. cit., pg. 53. — A indicação de «irlandesês», dada neste trecho por EDUARDO PRADO, deverá talvez ser mudada em escossêses. Com effeito, o fallecido P. FERNANDO DE MACEDO S. J., geralmente tão escrupuloso em esmiuçar noticias para o seu *Brasil Religioso* (Bahia, Imprensa Official, 1920), dá-nos segundo a *Histoire du Paraguay,* de Charlevoix, a lista dos que ANCHIETA mandou ao Paraguay, a pedido do Bispo de Tucuman, D. FRANCISCO VICTORIA O. P. — «Em consequencia desse pedido, diz elle, foram mandados... do Brasil, no anno de 1587, pelo P. ANCHIETA, os Padres LEONARDO ARMINIO, italiano, com o cargo de Superior, JOÃO SALONIO natural de Valencia (Hespanha), THOMAS FIDS, escossês, ESTEVAM DA GRAN e MANUEL DE ORTEGA, portuguêses.» — MACEDO, op. cit. p. 41.

chamado *Terceiro Caminho*, as residencias do Rio de Rodelas, Curral de Bois e Carurú. Estes marcos milliários não eram sòmente assignaladores mudos do traçado primitivo daquellas artérias terrestres; eram poisos de hospitalidade, como as albergarias da edade média; eram postos de civilização, donde muita vez saía o engenheiro improvisado, que sem curso de Pontes e Calçadas, ia dirigindo os trabalhos para successivamente se melhorar a commodidade daquellas estradas rudimentares (1).

Constructores. Segue-se recordar os JESUITAS constructores. Bem podemos apontar com ufania para os maravilhosos edificios do Terreiro de JESUS na Bahia, do Morro do Castello no Rio, de Olinda em Pernambuco e do Seminário de Belem na Cachoeira. Este ultimo mereceria particularissima referencia, mòrmente por encontrarmos ali a dirigir a construcção, traçando-lhe os desenhos e vigiando-lhe a execução, aquelle peregrino engenho do P. ALEXANDRE DE GUSMÃO que, àlém de *constructor*, foi mais que nenhum, *o* JESUITA *decorador;* elle, por suas proprias mãos, recortou, em-

(1) Cfr. Consulta do Conselho Ultramarino, nos *Annaes da Bibl. Nac. do Rio*, t. XXXI, p. 25.

butiu e bordou de marfim, os «excellentes artefactos do retabulo, fabricado de fina e manchada tartaruga», como nos diz Rocha Pitta (1). Mas essa obra pertence ao século XVII, bem como, segundo toda a probabilidade, a decoração da opulentissima Sacristia do Collégio de Jesus da Bahia.

Muito mais que arroteadores, estradeiros, architectos e decoradores, foram os Jesuitas *aldeantes*. Aldeantes.

Já acima tive ensejo de referir-me aos *aldeamentos;* ha porem um nome português, grande entre os maiores, apezar da pequenez monosyllábica dos seus elementos, que fôra ingratidão não pô-lo em foco ao fallar de tal assumpto.

A sua acção está ligada ao que pudera chamar-se: *o momento histórico dos aldeamentos.*

Inseparavel do nome de Manuel da Nóbrega, o do terceiro Governador do Estado do Brasil, Mem de Sá, tem direito ao logar de honra, em um Capitulo em que se historía a influencia da Companhia de Jesus no Brasil.

Para maior interesse e até para maior en-

---

(1) Rocha Pitta, *op. cit.*

canto do estylo, cedo a palavra ao P. SIMÃO DE VASCONCELLOS:

Equidade desapaixonada de Mem de Sá; o Padre Nóbrega.

«A primeira coisa que fez este bom Capitão, saltando em terra, foi recolher-se em um cubiculo dos Religiosos da Companhia de JESUS, e tomar ahi, por oito dias, os exercicios espirituaes de nosso SANTO Patriarcha IGNACIO, á instrucção do Padre MANUEL DA NÓBREGA, consultando com DEUS, e com seu instructor (que conhecia por zeloso e santo) os meios mais suaves, com que poderia conseguir o intento d'ElRei seu senhor, e o seu; que era o mór bem do Estado, e conversão dos Indios: e, para todas as acções que depois obrou ficou daqui animadissimo, começando em primeiro lugar por sua pessoa, com vida exemplar, que uniformemente continuou até expirar.

Em favor dos colonos.

O primeiro negócio que pôs em execução foi o dos Indios. Soube que estes tinham no tempo de seus antecessores assentado pazes com os Portuguêses, e que, não obstante ellas, viviam sem moderação nos ritos de seu gentilismo, matando, e comendo seus contrários, vivendo a modo de feras, espalhados pelas brenhas e fazendo guerra uns a outros, seguindo o ditame de seu appetite sòmente, com prejuizo grande dos que já tinham abra-

çado a Fé, e de toda a rèpública. Consultou os meios do remédio; e resolveu que era necessário pôr freio áquellas demasias com leis efficazes; e mandou promulgar as seguintes, sob graves penas. Primeira, que nenhum de nossos confederados ousasse, d'alli em diante, comer carne humana. Segunda, que não fizesse guerra, senão com causa justa, approvada por elle e os de seu conselho. Terceira, que se ajuntassem em povoações grandes, em forma de rèpúblicas, levantassem nellas Igrejas, a que acudissem os já Christãos a cumprir com as obrigações de seu estado, e os catechúmenos a doutrina da Fé; fazendo casas aos Padres da Companhia para que residissem entre elles, a fim da instrucção dos que quizessem converter-se.

Promulgadas estas leis, foi coisa digna de espanto o como se alvorotou todo o vulgo, instigado, parece, das traças do inferno, e do medo covarde. Diziam, que todas estas leis vinham traçadas pelo Padre Nóbrega, que eram violentas, imprudentes, e podiam vir a ser causa da destruição da rèpública. «Que Governador fez nunca tal (accrescentavam) querer prohibir a gentios seus antigos costumes? Quem pode prohibir a um tigre que se ceve em carne humana? Quem quizer

tirar-lha dos dentes, não ha de incorrer seu rigor? Pois não menos incorrerá nossa rèpública no de tantos milhares de arcos, que pode armar contra nós n'esta prohibição. Que se nos dá façam guerra uns a outros? Não vemos que nesta está nossa paz, porque divertido poder tão grande não possa unir-se contra nós?

Pois obrigá-los que se ajuntem em povos grandes, não vem a ser o mesmo que ajuntarmos nós grandes exércitos sobre nossas cabeças? Que façam Igrejas, e casas aos Padres, isto não é violentar a liberdade desta gente? desgostá-los? mettê-los em ira contra os Portuguêses? O Governador que tal faz, não tem experiencia: ha de arrepender-se, e queira Deus que, quando queira, possa».

Todas estas murmurações chegaram a ser propostas ao Governador: porem oppôs-se contra ellas o valor de Nóbrega. Respondia, que os Governadores passados tinham feito assaz em chegar com os bárbaros ao estado presente: e que sendo agora já confederados, e tributários ao Rei de Portugal, seria affronta do nome Português soffrer que á vista das rèpúblicas estejam offendendo ao Creador em acções condemnadas por direito da natureza, como é a de comer um homem a outro. Que

os tigres não offendem a lei da razão em semelhantes actos, porem os homens sim; e neste crime devem e podem ser refreados: d'outra maneira o que nelles é barbaria, fica em nós sendo impiedade, ou mêdo. E da mesma maneira, se devem impedir as injustiças que comettem, fazendo guerra levemente, a outros nossos confederados que vivem confiados em nossa protecção. Deixem, deixem prohibir essa gula, essas guerras; ajuntem-se embora em povos; que temos um Deus grande, que não pode deixar de estar da parte dos que acodem por sua honra e santa lei. Que os primeiros que aventuravam as vidas vinham a ser os Padres da Companhia, pois haviam de habitar entre elles: que se houvessem por esta causa de levantar-se, sobre suas cabeças em primeiro lugar havia de cahir o rigor: e pois que elles desarmados não temiam seus arcos mais ao perto, não tinham que temer ao longe tantos armados Portuguêses. O coração do Governador era pio, de grandes esperanças em Deus: mandou executar seu bando em rigorosa observancia; e com effeito, se foram reduzindo os bárbaros a quatro poderosas aldeias, de S. Paulo, de Santiago, S. João, e Espirito Santo; e começaram a viver com mais poli-

cia, acommodando-se aos novos preceitos, fazendo Igrejas, e admittindo Padres [1].

Havia contudo um Indio, grande Principal, por extremo soberbo, e arrogante, assim pela multidão de seus arcos, como pelo sitio aspérrimo, e defensável em que vivia: chamava-se entre os seus CURUMPEBA, que em nosso fallar vem a dizer: «Sapo bufador».

«Sapo bufador lançava grandes arrogancias contra os Portuguêses, dizia que eram covardes, que não se atreviam a provar suas forças, que não se lhe dava de seus mandatos, que havia conservar seus antigos ritos, matar, e comer em terreiro seus inimigos; e que o mesmo faria aos Portuguêses, quando qui-

---

(1) O DR. THEODORO SAMPAIO, Presidente do Instituto Geográphico e Histórico da Bahia, que melhor que ninguem tem averiguado com intelligente visão e paciencia benedictina todas as antiguidades da História da mesma Bahia, dá-nos em uma Conferencia, pronunciada por occasião das festas do Centenário da Independencia, a localização exacta das quatro aldeias de que nos falla neste trecho SIMÃO DE VASCONCELLOS.

«Aqui perto, diz, no Monte Calvario, que hoje chamamos o Carmo, havia uma aldeia de selvágens; é a primeira na doutrina, ás portas da cidade da parte do Norte. Em seguida, á parte do Sul, vem a aldeia de S. Sebastião, no sitio onde está S. Bento; mais adiante a de Santiago, onde é hoje a Piedade; e a seguir, pelo dorso do monte, em direcção á antiga povoação do Donatário, a aldeia do Simão, chefe indigena, que occupava o sitio das immediações do actual forte de S. Pedro e do Passeio Público, sobre a Gambôa.» (*apud* Rev. Eccles., n.º do Centenário, ann. XV, n.ºs 6 a 12, pag. 50).

zessem impedir-lhe acções tão generosas.» Vieram estas arrogancias ás orelhas do Governador, MEM DE SÁ; entendeu que era este bárbaro de máu exemplo aos mais; determinou executar nelle tal castigo, que servisse de abater os fumos e tão grande soberba, e metter em espanto os que quizessem imitá-lo. Escolheu soldados resolutos, deu-lhes ordens secretas, e quando menos imaginou achou sobre si o arcabuz dos Portuguêses aquelle arrogante; porque dando de repente em suas aldeias, enchendo os ares de estrondo, fogo e pelouro, metteram em confusão os que descuidados dormiam, e quando quizeram pôr-se em defensa, estavam prevenidos seus arcos, entradas suas casas, mortos e feridos os que podiam fazer-lhes resistencia: os mais fugindo pelo escuro da noite se foram aos mattos; deixando só, e desamparado o pobre Sapo Principal, o qual desencovado donde pretendeu esconder-se, foi tomado ás mãos, posto em prisões apertadas, e trazido á cidade, onde nem já bufava, nem mordia, nem se inchava do vento de sua natural fantasia. Foi presentado ao Governador, e mettido em áspera e comprida prisão. Divulgou-se a fama do castigo, serviu de exemplo e terror a todos. Quaes ovelhas, que vi-

ram com seus olhos o lobo fazer carniçaria do que seguiam por mestre do rebanho, cheias de mêdo, vão como espantadas metter-se em seus curraes, não ousam sahir, nem dentro delles se dão por seguras: assim ficaram todos os demais Indios, á vista do castigo severo d'aquelle maioral.

Em favor dos Indios.

No mesmo tempo em que mandara lançar bando das leis de rigor contra os Indios, promulgou outras em favor dos mesmos: que fossem postos em sua liberdade todos aquelles, que contra justiça estavam em servidão, feitos escravos de Portuguêses: e na execução desta lei, mostrou finezas em defensão dos Indios.

Esteve rebelde a este decreto um homem poderoso da terra: repugnava largar de si os que já tinha por escravos; cercou-lhe a casa de soldados, chegou a dar ordem que fosse batida, e lançada por terra; e se executara sem dúvida, se convertido a melhor parecer não obedecera o poderoso. Viam os Indios esta egualdade no Governador, que tão constante era, para enfrear seus excessos, como para desafrontar seus aggravos, e levavam em bem suas resoluções (1).»

---

(1) Simão de Vasconcellos — *Chronica da Companhia de* Jesu *em o Estado do Brasil.* — 1. II, nn. 49 a 54.

Não hesitei ante o extenso da citação por se conter nella o facto decisivo que mais que nenhum garantiu a existencia dos *aldeamentos*, que em muitas partes do Brasil attingiram a organização maravilhosa e quasi *municipal* das Reducções (1).

Fautores de industrias.

Duas palavras agora sobre o JESUITA fautor de indústrias. Apenas chegado á Bahia o P. NÓBREGA escrevia ao P. M. SIMÃO RODRIGUES: « Serão cá muito necessárias pessoas que teçam algodão, que ha muito; e outros officiaes... o IRMÃO ANTONIO PIRES pede alguma ferramenta de carpinteiro, porque elle é nosso official em tudo. VICENTE RODRIGUES, porque é ermitão pede muitas sementes (2) ».

---

(1) Para estes aldeamentos, o motivo apostólico juntava-se ao social. O P. ANCHIETA, em carta de 1 de Junho de 1560, lamenta muito o não ter a organização dos aldeamentos alcançado ainda no Sul a perfeição que attingira na Bahia, pois com a protecção efficaz de MEM DE SA', contribuiam ali poderosamente aquelles grandes núcleos de população para a facilidade da catequese e para os fructos de vida christã. — «Asi que no es de dudar, sinó que se haria mucho fruto se estuviesen juntos; de lo que se tiene agora (*sic*) experiencia en la Baya, onde ajuntados en unas grandes aldéas, por mandado del Gobernador, aprienden muy de gana la doctrina y dan mucho fruto».

Photgr. de autographo (do *Arch. Soc. Jes.; Epp.* NN., 95; pg. 97, V).

(2) Carta ao P. M. SIMÃO (na ediç. da Chronica publicada em Lisboa, 1865, vol. II, p. 298).

No Espirito Santo, o P. Diogo Jácome introduziu o costume de se occuparem ali os da Companhia em obras manuaes. « Á sua conta tomou elle, refere Vasconcellos, o (officio) de torneiro, e, todo o tempo que lhe sobejava, lavrava rosários de contas, que repartia aos que necessitavam, com interesse que por si e por elle rezassem a Deus e á Virgem Senhora Nossa. E a exemplo deste zeloso official apprenderam muitos dos Nossos, qual a pedreiro, carpinteiro, sapateiro, etc., com que ajudavam os Collégios e edificavam os povos (1) ».

E o Padre Anchieta numa carta escripta em castelhano para o Geral Diogo Laynez diz: *casi ninguna arte ay de las necesárias para el uso comun de la vida que los hermanos no sepan hazer: hazemos vestidos, sapatos, principalmente alpargatas, de un hilo como cañamo que nosotros tiramos de unos cardos echados en el agua y curtidos* (2).

Nessa mesma carta falla de se occuparem em S. Vicente os da Companhia, àlém dos officios citados, em « *barbear, curar heridas, sangrar, hacer casas y cosas de barro* ».

---

(1) Vasconcellos, op. cit., liv. III, n.º 69.

(2) Anchieta; em Epp. NN. 95; pag. 105 (*Manuscript. photogr. da minha collecção*).

No officio de ferreiro foi insigne o Irmão Matheus Nogueira, raro exemplo de sacrificio, pela constancia e ardor de seu pesado trabalho, apesar de constantes enfermidades.

Relacionada com a indústria do algodão a que se referia Nóbrega, em um dos trechos citados, está a indumentária, introduzida pouco a pouco pelos Jesuitas, entre aquelles Indios, cuja absoluta nudez tanta estranheza causara ao primeiro que escreveu sobre as terras de Santa Cruz, Pero Vaz de Caminha, o escrivão da armada de Pedro Alvares Cabral, o qual deu ao Brasil esta honra única, de ter chronista no próprio dia da sua apparição na História.

Ha uma interessante passagem, em carta do P. Nóbrega para Padre Mestre Simão, em que reclama para os seus convertidos as primeiras peças de indumentária.

«Tambem faça Vossa Reverendissima algum peditório de roupa, para entretanto cobrirmos estes novos convertidos, ao menos uma camisa a cada mulher, pela honestidade da Religião Christã, porque vem todas a esta cidade á missa aos domingos e festas, que faz muita devoção, e vem rezando as orações que lhes ensinamos, e não parece ho-

nesto estarem nuas entre os christãos na Igreja, e quando as ensinamos. E disto peço ao Padre Mestre João tome cuidado, por ser elle parte na conversão destes gentios, e não fique senhora, nem parenta a que não me importune para coisa tão santa e a isto se haviam de applicar todas as restituições que lá se houvessem de fazer; e *isto agora somente no começo, que elles farão algodões para se vestirem ao deante* (1).»

Sublinhei propositalmente esta clausula final por ser caracteristica do tino, previdencia e apreço da educação dos indios pelo trabalho e pela indústria.

Materia infinita fôra, se houvesse de documentar largamente a acção do Jesuita no Brasil, como *revelador da sua geographia, ethnographia, linguistica, e das suas riquezas em minério, flora e fauna.* Recordarei apenas um dos solemnes considerandos da Moção approvada na segunda sessão plenária do Congresso de História Nacional de 1914, já citado por mim nesta monographia.

Resa assim:

« Considerando que os escriptores Jesuitas foram dos primeiros que elaboraram com

---

(1) Nóbrega, Carta citada (ediç. supra), p. 298.

as descripções chorográphicas, as biographias e as chrónicas monásticas, os elementos primordiaes em que se baseia o estudo da geographia, da história e da ethnographia do Brasil...»

Mineralogistas, Botanicos e Zoologos.

Para ampla e elegantissima documentação sobre o minério, flora e fauna brasileiras, de que os JESUITAS se fizeram panegyristas nas suas cartas e nos seus volumes, são valioso repositório os dois livros de SIMÃO DE VASCONCELLOS intitulados *Noticias das coisas do Brasil*, que o auctor antepôs á sua *Chrónica*.

Não foi porem necessário esperar pelo século XVII para encontrarmos quem reduzisse a uma só obra os muitos conhecimentos mineralógicos, botanicos e zoológicos que andavam dispersos por muitas cartas dos JESUITAS acerca do Brasil. Em pleno século XVI, entre os primeiros JESUITAS evangelizadores da América Portuguêsa, nada menos que aquelle assombroso ANCHIETA, que parecia chegar para tudo, escreveu uma *História Natural do Brasil*, que, por espaço de quasi tres séculos, ficou em manuscripto, e que veiu a ser editada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1812. O insigne naturalista AUGUSTO SAINT HILAIRE «exta-

siou-se diante della e proclamou a José de Anchieta por um dos homens mais extraordinários do seu tempo (1) ».

Productos medicinaes.

Uma observação ainda sobre um aspecto que, mais que nenhum outro, parece ter chamado a attenção dos Jesuitas nas investigações sobre a História Natural Brasileira: *os seus productos medicinaes.*

A cada passo nas informações mandadas a Roma ou a Lisboa pelos Missionários, apparecem estas preoccupações, filhas da caridade e amor daquelles corações inteiramente votados a fazer bem. As obras destinadas á imprensa revelam a mesma sollicitude. Anchieta, Cardim, Vasconcellos não perdem ensejo de assignalar as propriedades therapeuticas dos fructos, das folhas, dos caules, das ervas.

Por occasião do exilio imposto aos Jesuitas pelo Marquês de Pombal, o Dezembargador Francisco Antonio Berquó da Silveira, relatando o sequestro feito aos bens do Collégio de Jesus na Bahia, allude ás receitas de certos medicamentos de que os Padres possuiam o segredo. Entre ellas ha

(1) Apud Borges de Barros — *A' margem dos Assumptos* — Bahia, 1916, p. 25.

uma intitulada *Triaga Brasilica,* da qual diz não faltar na cidade quem désse três ou quatro mil cruzados pela receita; e accrescenta: — « É certo que o fundo principal da dicta Botica era este remedio, pelo grande gasto que tinha, por ser prompto o seu effeito (1) ».

É pena que o Dezembargador nem sequer nos dissesse para que mal era tão prompto o effeito daquelle remédio! Ao menos o segredo dos Jesuitas ia só até á confecção da receita mas sabia-se para que doenças era efficaz a *Triaga Brasilica.*

O nome dá a suspeitar uma universalidade, ao menos relativa, para combater incommodos próprios do Brasil.

O que fica averiguado, tanto pela constante procura, como pela largueza de retribuição offerecida a trôco da receita, é a excellencia da *Triaga;* e portanto a diligencia dos que a descobriram e prepararam, e o interesse que aos Jesuitas merecia a saúde corporal daquelles por cujo bem espiritual labutavam.

De quantas outras medicinas não são devedores aos Jesuitas os que soffrem? Não foram elles que revelaram ao mundo a Quina,

---

(1) *Annaes da Bibliot. nac. do Rio,* t. XXXI.

conhecida durante muito tempo pelo nome de Mèzinha dos Padres da Companhia?

Resumo.

Mas encerremos já esta *segunda parte*.

Os JESUITAS, que tinham exercido no Brasil a sua *influencia profissional* de *Apóstolos* pela *catequese*, como *Missionários* e pela *caridade*, como *Bemfeitores;* exerceram tambem a *influencia social* de *Civilizadores,* formando a intelligencia como Mestres e o carácter como *Educadores*, e utilizando todos os recursos que, ou encontraram em o Novo Mundo, ou para o Novo Mundo trasladaram, como verdadeiros *guias do progresso*.

TERCEIRA PARTE

INFLUENCIA NACIONAL

— O PATRIOTA —

CAPITULO QUINTO

O PATRIOTISMO E O BRASIL COLONIAL

— O MEDIANEIRO —

SUMMÁRIO — Evolução natural de uma boa acção colonizadora — **I.) O Jesuita e o nacionalismo dos colonizadores no Brasil** — Patriotismo dos Jesuitas Portuguêses — Saudade sem nostalgia — Conselheiros — Medianeiros — Auxiliares da victória — O gentio do Paraguassú — Os francêses do Rio — **II.) O Jesuita e o nacionalismo dos colonizados** — Apreço da terra — Da lingua — Dos habitantes — O problema dos captiveiros.

Quando, na Introducção desta Monographia, annunciei a trilogia de influencias, em que se intégra a acção colonizadora de uma nacionalidade preparando a formação de outra nacionalidade; influencia profissional, influencia social, influencia nacional; affirmei que esta ultima, a acção nacional — se effeitúa lentamente, no equilibrio criterioso e probo das forças estáticas e dynâmicas, mantendo a fidelidade ao nacionalismo dos colonizadores, e ao mesmo tempo pugnando pelos direitos dos colonizados, preparando assim, sem impaciencias prematuras e compromettedoras, mas com a segurança suavemente natural e vitalmente evolutiva dos desenvolvimentos orgânicos, uma nova pátria, forte na sua unidade e esplendida na sua pujança (1).

Evolução natural de uma bôa acção colonizadora.

Tal foi, e tal devia ser, o nacionalismo

(1) *Supra* — Introducção, pag. 63.

do JESUITA no Brasil colonial: Patriotismo, que, num equilibrio criterioso e probo soubesse respeitar os direitos do nacionalismo duplo, de colonizadores e colonizados, entre os quaes a sua mesma vocação o collocava na situação delicada do *Medianeiro.*

Em primeiro lugar o *Nacionalismo dos Colonizadores:*

O Jesuita e o nacionalismo dos Colonizadores no Brasil.

Têm sido accusados os JESUITAS — e de que é que elles não foram accusados? — de um cosmopolitismo descaroável, que, fazendo delles uns sem-pátria, os torna insensiveis aos affectos da nacionalidade.

Felizmente cada um é o que o fazem os seus próprios actos, o não o que o fingem os encómios dos panegyristas ou os impropérios dos calumniadores.

A História de Portugal — para não fallar senão do que mais se relaciona com o nosso assumpto — dá um triumphante desmentido á despudorada diffamação.

Patriotismo dos Jesuitas Portuguêses.

Os JESUITAS apparecem sempre na vanguarda de todas as grandes manifestações nacionaes, onde quer que, em serviço da Pátria, é precisa a palavra vibrante de um tribuno, o criterioso parecer de um conselheiro, a actividade infatigável de um negociador, a heroica dedicação de um abnegado.

Por vezes poderia até censurar-se-lhe a demasia; nunca a indifferença. É sabido que, sob o jugo de Castella, nem sempre souberam os JESUITAS *Portuguêses* ter mão em si, para não excederem os limites de abstenção politica prudentemente marcados pelo Instituto de STO. IGNACIO; e, depois que a Pátria recuperou em 1640 a sua autonomia, D. JOÃO IV, D. PEDRO II, e D. JOÃO V occuparam JESUITAS, por serviço da mesma Pátria, em missões de Conselho e Diplomacia, bem mais do que convinha á sua vocação de Religiosos. Por demais o experimentaram á sua custa os Padres ANTONIO VIEIRA, ANTONIO DE MACEDO e MANUEL FERNANDES (1).

Era tão evidente, este patriotismo dos JESUITAS *Portuguêses*, que os adversários da Companhia para poderem preencher o seu quadro com algum mau serviço á Pátria, resolveram falsificar retrospectivamente a História, e crear a lenda que responsabilizava

---

(1) VIEIRA, alem das missões secretas, que lhe confiou D. João IV para Paris e Haya, houve de emprehender duas viagens diplomáticas á Inglaterra, e uma á Itália. O PADRE ANTONIO DE MACEDO foi como addido de embaixada á Suécia. O PADRE MANUEL FERNANDES chegou a estar designado, quasi por imposição de D. PEDRO II, deputado ás côrtes, de que o livrou, sem que fôsse necessária a severa intervenção da Companhia, a inabalavel tenacidade da sua própria recusa.

o PADRE LUIZ GONÇALVES DA CAMARA, educador de D. SEBASTIÃO, pelo desastre de Alcácer-Kibir. Mais uma das mentiras finalmente desvendadas pela critica! Com as páginas de MANUEL BENTO DE SOUZA e LUIZ GONZAGA DE AZEVEDO ficou trancada a passagem á illusão; fóra da verdade, já não fica logar senão para a má-fé. LUIZ GONÇALVES DA CAMARA é mais uma das grandes figuras de JESUITAS Patriotas, qual refulgira já séculos antes da rehabilitação, nas paginas de inconfundivel lhaneza traçadas pela penna de ANTONIO FRANCO (1).

Não saíam pois das suas tradições os JESUITAS *Portuguêses* no Brasil, ao participarem com toda a sinceridade do *Nacionalismo dos Colonizadores.*

Antes de todos, deu exemplo deste lealissimo patriotismo (como o confirmarei depois com factos de capital importancia na vida nacional) o primeiro Provincial do Brasil, PADRE MANUEL DA NÓBREGA, Português de lei como os que melhor o fôram, apesar da

---

(1) Cfr. DR. MANUEL BENTO DE SOUZA — *O Dr. Minerva,* p. 181 e seguintes. — P. LUIZ GONZAGA DE AZEVEDO, *O Jesuita — fases de uma lenda* — t. I, p. 158 e seguintes (Brux., 1913). P. ANTONIO FRANCO — *Imagem da Virtude,* t. I, l. 1.° capitulo XIV, p. 43 e seguintes.

affirmação duas vezes repetida pelo Dr. Morales de Los Rios, que o queria fazer hespanhol (1).

Acompanhavam-no neste sentimento de sincero affecto a Portugal os Religiosos seus súbditos, e é-me grato colher esta declaração da penna autorizada não de um Português, mas de um Brasileiro distintissimo, o Dezembargador Filinto Justiniano Ferreira Bastos, illustre Director da Faculdade de Direito da Bahia. « O amor (dos Jesuitas) á Metrópole, escreve o illustre professor, era ardente, puro, bem orientado e são.

Se a Metrópole via alargados os seus dominios pelas terras virgens da América, que muito era que extendessem seu affecto ao povo que as habitava? Não comprehenderiam bem esta verdade aquelles que viam sòmente no oiro, no poder e no mando a soberania de Portugal, mas os Jesuitas eram mais previdentes, liam melhor no futuro, porque não lhes embaraçava os nobres impulsos d'alma a satisfação da vaidade, ou o poderio da ambição. Amavam Portugal, a terra cheia de attractivos e caricias, como um « jar-

(1) *Revista do Instituto Hist. e Geogr. Brasil.* Tomo especial, parte 1.a (1915), pag. 1155.

dim da Europa á beira-mar plantado». Amavam Portugal como o reino em que a fidelidade a JESUS-CHRISTO distinguia os seus monarchas. Amavam Portugal, cujos heróes não còravam de curvar-se diante da Cruz, procurando dilatar os dominios do império sob o estandarte da Fé. Mas por isso mesmo é que os JESUITAS, amando a terra de seu nascimento, amavam a Colónia que engrandecia e punha em evidencia, perante as nações do globo, a gloriosa pátria lusitana (1) ».

Lusitanismo de Anchieta.

Esta generalidade com que o erudito Brasileiro falla do amor que os JESUITAS na Colónia votavam a Portugal, duplica o valor, se lembrarmos que nem todos podiam chamar-lhe: «o ninho meu paterno». ANCHIETA, por exemplo, era canarim, e as Canárias pertenciam á Hespanha. E contudo é insigne o lusitanismo de ANCHIETA. Verdade é que muito novo partira elle para Coimbra, que na realidade foi a pátria da sua intelligencia; mas a verdadeira razão é aquella nobre identificação, por affecto e interesse, em que STO. IGNACIO quer formados os seus fi-

---

(1) Dr. Prof. FILINTO BASTOS — Conferencia sobre Ordem, Liberdade e Patriotismo — em Rev. Eccles. da Bahia, n.º do Centenário (anno XV, nos. 6 a 12,) pag. 60.

lhos, nas terras em que a Providencia os chama a exercitarem o zelo.

O certo é que na correspondencia do grande thaumaturgo sente-se-lhe pulsar um coração bem português. Entre as numerosas e efficazes intervenções em favor da causa portuguêsa, ora nas guerras com o gentio, ora no repellir as invasões do estrangeiro, ANCHIETA é digno émulo de MANUEL DA NÓBREGA. Já assignalei acima como a lingua portuguêsa era, até nos seus escriptos polyglottas, a que representava o laço de unidade da composição, e a interpretação constante do movimento scénico nos *Autos*. Mas ha mais ainda: pulsava o seu coração tão a unisono com os successos da nação portuguêsa, que parece ter-se DEUS accommodado a essa disposição, até no communicar-lhe suas graças miraculosas. Na mesma hora em que nos plainos de Alcácer-Kibir se consummava a grande catástrophe do exército de D. SEBASTIÃO, estava JOSE' DE ANCHIETA na casa do Espirito Santo, «e sendo-lhe revelada, escreve o historiador ROCHA PITTA, em visão, esta tragédia, saiu da oração como fóra de si, exclamando com intimos suspiros e copiosas lágrimas, que se perdera a batalha; e computado depois pelas noticias

o tempo, foi no mesmo dia e hora que ella se dera (1) ».

Saudade, sem Nostalgia.

O amor que os JESUITAS do Brasil consagravam a Portugal tinha todas as delicadezas da saudade, sem ter nenhum dos nervosismos da nostalgia. Não eram daquelles que se estão sempre finando por um eido e duas ramadas que lá deixaram na terra; não eram dos que iam para a Colónia a encher o tempo, até poderem regressar, no goso tranquillo dos proventos que por lá arrecadaram; não. Partiam para o Brasil com o generoso e definitivo sacrificio de uma separação da pátria muito querida, bem resolvidos a não tornarem a ella, para, no desconforto de uma civilização mal iniciada, se consagrarem até á morte á conversão dos *seus brasis*. Não havia pois nostalgia no seu nacionalismo de portuguêses; havia sim, saudade, uma saudade calma, mais sorridente que lacrimosa, que se comprazia na recordação e na reviviscencia dos usos, das tradições, das alegrias do torrão natal.

É interessante, por exemplo, a complacencia com que os Padres, em suas cartas

---

(1) ROCHA PITTA — *História da América Portuguêsa* — I. III, n.º 70.

se referem ás festas e folguêdos *á portuguêsa*, que iam introduzindo por esse Brasil fóra, nas occasiões de regosijos religiosos ou civicos.

« Outra procissão, escreve Nóbrega, se fez dia de *Corpus Christi* mui solemne, em que jogou toda a artilharia que estava na cerca, as ruas muito enramadas; houve danças e invenções *á maneira de Portugal* (1).»

E Cardim, na sua *Narrativa epistolar*, refere-se a uma festa em honra do Visitador Christovam de Gouveia, celebrada em uma aldeia de Indios, na qual « determinaram á tarde *alegrar* o Padre, jogando as laranjadas, fazendo motins e serviços de guerra a seu modo e *á Portuguêsa* (2) ».

Até por vezes se nos depara aqui e ali uma reminiscencia dos bons pratos de Portugal, ou dalguma innocente goloseima do Reino, que nos faz sorrir de sympathia, muito mais por sair da penna daquelles homens austeros, em meio de escriptos versando os graves assumptos do seu apostolado.

Citemos algumas a êsmo : — « Fomos jan-

---

(1) Nobrega — Carta de 9 de Agosto de 1549 (Apud J. Accioli — B. do Amaral — *Memórias Historicas e Politicas da Bahia*, t. I, p. 332).

(2) Cardim *op. cit.* (ediç. cit.), pag. 27.

tar em uma fazenda do Collégio, onde um irmão, àlém de outras muitas coisas, tinha muito leite, requeijões, e natas *que faziam esquècer Alemtejo* (1) ». E em outra parte, fallando do Collégio da Bahia: « nunca falta um copinho de vinho de Portugal, sem o qual se não sustenta bem a natureza, por a terra ser desleixada e os mantimentos fracos (2) ». Referindo-se aos mimos com que os recebeu um sacerdote secular abastado, muito devoto da Companhia: « Á tarde, diz, nos levou a um rio caudal, que estava perto, mui alegre e fresco, e para que a agua, ainda que era fresca e bôa, não fizesse mal, mandou levar varias coisas doces, tão bem feitas, *que pareciam da ilha da Madeira* (3) ».

Mas o amor a Portugal, a fidelidade ao nacionalismo dos Colonizadores, não era nos Jesuitas um mero sentimento platónico, nem se limitava ás manifestações, aliás expressivas da sua saudade, ou das espontaneas reminiscencias das coisas de lá. Passava aos actos, e fazia delles *Conselheiros* prudentissimos de Governadores e Capitães, nas horas difficeis da Colónia; *Pacificadores*, quan-

---

(1) Id., ibid., p. 30.
(2) Cardim, op. cit., p. 17.
(3) Id., ibid., p. 25.

do a revolta punha em perigo a soberania portuguêsa; *Auxiliares*, poderosos da victória, nos momentos mais criticos para as nossas armas.

VASCONCELLOS observa que o Governador MEM DE SÁ consultava em tudo o PADRE NÓBREGA, e sem seu conselho nada emprehendia que fosse de consequencia [1]. Conselheiros.

Em 1564, quando ESTACIO DE SÁ, enviado para expulsar o francês do Rio de Janeiro, veiu receber, na Bahia o regimento de seu tio, encontrou naquelle documento esta clausula final: « que, podendo tomar conselho com o PADRE NÓBREGA, não obrasse coisa de importancia sem elle, pelo grande conceito que tinha de sua virtude e prudencia. Chegou o Capitão-mór, ESTACIO DE SÁ, á barra do Rio de Janeiro no mês de Fevereiro; e a primeira coisa que fez foi despedir dali um barco a S. Vicente, com cartas ao PADRE NÓBREGA, pedindo-lhe quizesse avistar-se com elle em pessoa por serviço de El-Rei, na conformidade que o Governador seu tio o dispunha em seu regimento, o mais presto que fosse possivel [2].

---

(1) *Chronica*, liv. II, n.º 49.
(2) Id., ibid., liv. III, n.º 53.

Medianeiros. O officio de *Mediadores*, exercitavam-no sem cessar os Padres, umas vezes de particular para particular, acabando com innúmeras desavenças, outras, dissipando ódios de familia contra familia; não raro tambem, intercedendo junto das autoridades em favor do povo.

No autógrapho de ANCHIETA, a que já outras vezes me referi, e de que possuo photographia na minha collecção (*Annua* de 1584), conta o Padre como foram acalmadas as graves dissidencias que tinham surgido entre o povo e o Capitão de Ilhéos; facto que por certo não contribuiu pouco para radicar ainda mais os laços de estreita amizade que ligavam os JESUITAS aos habitantes daquella Capitania [1].

Pacificadores. Subia de ponto esta mediação quando se tractava de verdadeiros rompimentos em armas, nos quaes tanta vez coube aos Religiosos da Companhia a glória e a consolação de serem *Pacificadores*.

Já no tempo de THOMÉ DE SOUZA, os indigenas, que conservavam *alta mente repostum* o aggravo das tyrannias do Donatário COUTINHO, cuidando que os novos colonos

---

(1) Cfr. VASCONCELLOS, op. cit., III, nos. 47 e 48.

portuguêses seriam imitadores daquelle, « suspenderam as contendas que entre si mantinham, e se uniram todos, fazendo causa commum contra os Portuguêses, de sorte que os primeiros três annos de THOMÉ DE SOUZA, não poude ter maiores progressos a nova Cidade, pelo continuado alarme em que a traziam as repetidas oppressões dos aborigenes. Mas o zelo dos JESUITAS e as persuasões de DIOGO ALVARES — e CATHARINA (PARAGUASSÚ) fizeram que em principio de 1553, os Tupinambás e os Tobajáras offerecessem a paz, sendo pelo tempo adiante imitados pelas outras tribus rebelladas (1) ».

Pertence tambem a este officio de *Pacificadores* aquella incomparável scena da reducção dos Tamoyos, que já mencionei acima, ao fallar da santidade de ANCHIETA (2).

Dois meses trabalharam juntos NÓBREGA e ANCHIETA, sem poderem chegar a um accordo, por serem inacceitáveis as condições de paz exigidas pelos Tamoyos, ensoberbecidos com a multidão dos seus arcos e com os incitamentos dos Francêses; quando NÓBREGA é chamado a S. Vicente com urgencia,

---

(1) Accioli — B. AMARAL — *Memórias historicas e Politicas da Bahia*, t. I, p. 247 — (edição da Bahia, 1919).

(2) Cfr. *Supra*, p. 88.

para negocios concernentes ao bem do Estado e da Religião; perseverou ANCHIETA três longos mêses, mêses de heroica fidelidade do castissimo jovem; mas ao mesmo tempo de paciente e habil diplomacia, que afinal lhe deu o triumpho, regressando a S. Vicente, portador das ambicionadas pazes (1).

Auxiliares da victória.

Mais longe foram os JESUITAS do Brasil no appoio effectivo dado á causa nacional contra os inimigos do nome Português. Não contentes de serem *Conselheiros, Medianeiros* e *Pacificadores;* foram muitas vezes *Auxiliares* poderosos *da victória.*

Defensores acérrimos da justa liberdade dos Indios, como veremos abaixo, não deixavam por isso os JESUITAS de appoiar a causa das armas portuguêsas contra os mesmos Indios, toda a vez que a razão estava da parte dos Colonizadores; prova evidente de que não os impellia a parcialidade ou o preconceito, senão sómente o direito e a justiça.

O gentio do Paraguassú.

Em 1558, o gentio feroz das Margens do Paraguassú armara cilada aos Indios já al-

---

(1) Cfr. CARLOS DE SAINTE FOY — *Vida do Ven.* P. JOSÉ DE ANCHIETA — edição portuguêsa da Escola Salesiana de Nictheroy, 1922 — pp. 62, 63 e 64.

deados e matara á traição três dentre elles, súbditos de El-Rei de Portugal.

A' exigencia de MEM DE SÁ para que entregassem os homicidas, responderam arrogantes que «fossem os Portuguêses lá buscá-los».

A opinião publica era contra o desaggravo por armas; Diziam que «o haviamos com gente senhora de muitos milhares de arcos, de mais de trezentas aldeias». O PADRE NÓBREGA, pelo contrario, «com grande confiança no céu prognosticava a victória». MEM DE SÁ «mandou formar exército». Elle mesmo tomou a frente e o commando. «Pelejou-se tempo considerável com vários successos de fortuna, até que por fim, enfraquecidos e diminuidos os bárbaros, voltaram as costas e deram a fugir pelas mattas». Seguiram-nos e perseguiram-nos os de MEM DE SÁ, rompendo brenhas, galgando altas serras, abrindo caminho «por arte de agulhão, apostados os vencedores ou a perder a vida ou a acabar de uma vez com aquella que chamavam gadelha e ronco do gentilismo da Bahia». O assalto definitivo foi tremendo e a escalada formosamente descripta por SIMÃO DE VASCONCELLOS lembra tão gràphicamente a do Castello de Lisboa por MARTIM MONIZ, que me pa-

recia estar relendo, naquella página, alguma das melhores de CASTILHO nos *Quadros Históricos*. No momento de arremetter, fallou aos Portuguêses o proprio MEM DE SÁ, e aos Indios alliados o Jesuita PADRE ANTONIO RODRIGUES, um dos melhores linguas daquelle tempo. A victória foi das que marcaram para a hegemonia dos Colonizadores. O regresso do Governador foi triumphal. As acções de graças, na Cidade do Salvador, solemnissimas e num delirio de patriotismo. Viram então os que tinham sido de voto contrário que não era temerária a confiança de NÓBREGA, «cuja prudencia e zelo ficou daqui em maior veneração, e com mais espanto, quando, depois de passados três dias appareceu, á vista da Cidade, embarcação de Paraguassú, e fez signaes de paz. A embaixada era, que traziam prêsos os delinquentes, causa de todas estas revoltas, para que nelles tomassem vingança como parecesse, e concedessem pazes á gente que restava, que se obrigava a guardar dalli em diante as leis promulgadas, e todas as mais condições que quizessem impôr-lhes (1) ».

---

(1) VASCONCELLOS, *Chronica, liv.* II, nn. 56 a 59.

Ao mesmo PADRE NÓBREGA se deveu a victória contra os Francêses no Rio de Janeiro. As circumstancias eram ahi, sem comparação, mais graves. Bem-no experimentou o Capitão-mór ESTACIO DE SÁ, na opposição que lhe faziam os mais e os melhores da Armada. « Diziam que o inimigo era innumerável, fortificado em casa própria, com mantimentos á mão, com embarcações tão ligeiras como o mesmo vento, com armas que jamais lhe podiam faltar, industriados na guerra pela gente Francêsa, cujos principios tinham experimentado; e que tudo o contrário achavamos em nós; porque eramos poucos, acommettiamos com o peito á frecha, em terra alheia, onde não sabiamos dos portos que podiam fazer a nosso intento, os mantimentos acabados, a terra impossibilitada a dar-nos outros, pelos assaltos continuos dos inimigos, as embarcações grandes e pesadas, a munição limitada ».

Os francêses do Rio.

Estas razões não podiam deixar de calar no animo de ESTACIO. Taes eram ellas, que ANCHIETA, testemunha da inabalável confiança de NÓBREGA, parece inclinar-se a crer, que mais se fundou essa confiança em revelação de DEUS, que em razões sòmente da prudencia humana. As suas palavras são as

seguintes: «O Padre Nóbrega, como tinha por traçada de Deus esta jornada, e grandissima confiança, por não dizer certeza, que se havia de povoar o Rio de Janeiro, pôs-se contra todos com grande confiança». E não ha duvida que a ousada firmeza das suas respostas ao Capitão-mór, cotejada com o resultado da empreza, dá grande força á supposição de Anchieta. — Padre Nóbrega, dizia Estacio de Sá, e que conta darei a Deus e a El-Rei, se lançar a perder esta armada? — E Nóbrega: — Senhor, respondeu, eu darei conta a Deus de tudo; e, se fôr necessario, irei á presença de El-Rei e responderei ahi por vós. — Nem se limitou a aconselhar com tal decisão ao Capitão-mór. Foi em pessoa desfazer prevenções aos officiaes e soldados; arrazoou com elles, recreou-lhes os animos levando-os por alguns dias á casa da Companhia em S. Vicente e á villa de Piratininga, onde lhes fez carinhoso agasalho; mostrou-lhes armados a seu modo os Indios das aldeias dirigidas pelos Jesuitas. Mais: «desceu das serras, e no maritimo correu as villas e logares»; animou a todos, encareceu-lhes a importancia da empreza, especificou-lhes qual devia ser o apresto, «publicou perdões de delictos em nome do Governador Geral pa-

ra os que embarcassem; e com sua industria e auctoridade ajuntou um soccorro considerável de Portuguêses, mestiços e Indios, de canoas e bastimentos» com o qual, se assegurou o próspero successo daquella victória, que veiu a ser definitiva para as armas portuguêsas (1).

Antes de deixar este assumpto poderia acenar para o auxilio efficassissimo prestado mais tarde pelos JESUITAS ás mesmas armas portuguêsas, no Norte contra os Hollandêses, no Sul outra vez contra os Francêses; poderia recordar que «nos páteos do Collégio do Rio de Janeiro, se dava a instrucção militar á famosa *companhia de estudantes*, que em 1710 se tornou tão benemerita, resistindo a DUCLERC e aos mil homens por elle commandados; e que no anno seguinte, após a fuga vergonhosa de CASTRO MORAES, fez ella frente, sob a chefia de JOSÉ DA COSTA FREIRE, ás tropas de DUGUAY-TROUIN (2)».

Mas porque esses factos se referem já aos séculos XVII e XVIII, lembrarei antes a interferencia dos JESUITAS em favor das armas

---

(1) *Idem, ibidem*, liv. III, nn. 62, 64.

(2) J. M. DE MADUREIRA, *A Companhia de* JESUS *no Brasil* (Rio de Janeiro, 1924), p. 18, citando VILHENA DE MORAES, *Influencia dos Jesuitas nas Lettras*, p. 43.

portuguêsas contra a Inglaterra, pouco depois de consumada a derrota da Armada Invencivel.

Citemos sobre o caso as palavras do infatigável e criterioso pesquizador de informações históricas, Dr. Braz do Amaral: — « Os inglêses, depois dessa victória naval, intentaram introduzir-se no Brasil, e Roberto Withrington, commandante de um armamento aprestado pelo Conde de Cumberland, apresando dois navios portuguêses, que vinham do Rio da Prata, resolveu atacar a Bahia, contra o parecer do seu immediato no commando. Não tinha então a mesma Bahia forças para oppôr a menor resistencia; mas o zelo do Padre Christovam de Gouveia, Visitador dos Jesuitas, fez que seus Missionários das immediações da cidade e do Reconcavo conduzissem comsigo uma multidão de Indios, seus neóphitos, com os quaes foi a mesma cidade livre da aggressão, comquanto Withrington já se tivesse apoderado de parte da Provincia. Rebatido, porem, com grave perda dos seus, retirou-se, contentando-se apenas com os destroços que praticara no Reconcavo (1) ».

---

(1) Dr. Braz do Amaral — *Notas ás Memorias de* Accioli, (Bahia, 1919), tomo 1, p. 252, Nota 45, 10.

Este procedimento dos JESUITAS no Brasil, que lhes merece o honroso titulo de *Patriotas*, pela fidelidade ao *Nacionalismo dos Colonizadores*, não teria integrado o seu Patriotismo no Brasil Colonial, a ponto de os constituir verdadeiramente *Medianeiros* se não tivessem ao mesmo tempo pugnado pelos direitos do *Nacionalismo dos Colonizados*.

Nacionalismo dos Colonizados.

Isto equivale a dizer que o *patriotismo* dos JESUITAS na Colonização Portuguêsa do Brasil, se lhes mereceu com justiça o nome de Portuguêses, mesmo aos que o não eram, não lhes mereceu menos o de Brasileiros.

Amaram o Brasil desde o dia em que nelle poisaram o pé: amaram-no com enthusiasmo, com delicadeza, com sacrificada dedicação, com sollicito interesse.

GUERRA JUNQUEIRO disse, na elegante dedicatória da *História da Colonização*, que o Brasil, a bem dizer, nunca foi Colónia, começou logo a ser Pátria. Ha uma profunda verdade nesta hypérbole apparente.

Os JESUITAS, mais que nenhum outro Colonizador, souberam olhar o Brasil como Pátria, desde que a elle aportaram. Tudo nesta Terra de Santa Cruz provocava no Missionário Português da Companhia de JESUS verdadeiros extremos de predilecção.

Apreço da Terra.

Quando mais tarde a perseguição pombalina arrancou ao Brasil os filhos de SANTO IGNACIO, ainda um destes se inspirava, durante os ócios forçados do seu homizío, nos encantos desta terra de maravilhas. O PADRE JOSÉ DE MELLO, natural do Porto, compôs em Roma o elegante poema latino *De rusticis Brasiliæ rebus* (Do Brasil agricola). E alguns decennios antes, o PADRE PRUDENCIO DO AMARAL, nascido no Rio de Janeiro, tinha escripto outro poema, *De Sacchari opificio* (Do fabrico de Assúcar).

Mas estes lampejos do occaso correspondiam afinal ao que já tinham sido os primeiros alvores da madrugada. Nas cartas manuscriptas dos primeiros JESUITAS do Brasil, como nas obras impressas dos que lhes succederam, ha lindissimas estrophes, ha cantos inteiros de poemas espontaneos, tanto mais encantadores, quanto menos reflectida era a intenção de pulsar a lyra, onde echôa o estro dos que amavam com ingénuo enthusiasmo as coisas do Brasil.

SIMÃO DE VASCONCELLOS antepôs á sua *Chrónica da Companhia de* JESUS *no Estado do Brasil*, dois extensos livros de *Noticias das Coisas do mesmo Brasil.* Ha naquellas páginas manifesta complacencia em referir minu-

ciosamente os usos da terra, em mostrar estima do que nella ha de bom, em esmerar as descripções dos seus panoramas, em tornar gráphica e quasi téchnica a pintura dos mais interessantes exemplares da sua fauna e flora. Recortarei de duas páginas sòmente do livro segundo, três graciosos excerptos de commentário áquellas palavras do Génesis: *protulit terra herbam virentem et facientem semen juxta genus suum* (1).

« A primeira coisa que admiram os que de novo vem a esta terra é o enfeite da sua perpétua verdura, quer de inverno, quer de verão, por estar sempre em uma eterna primavera, que recreia os olhos e convida as almas a louvar o Auctor da natureza; porque sem dúvida excede nesta formosura a todas as outras partes do orbe: a essas só enfeita de meias a natureza na primavera, emprestando-lhes a tapeçaria que no inverno lhes desarma... Ornato é da terra e abono das mãos do Creador ver aquellas mattas immensas, glória e corôa de todo o arvoredo do Universo, os pés na terra, as copas no céu, formando bosques deleitosos, brutescos sombrios, os mais agradáveis do mundo. Pelas maiores cal-

---

(1) *Genesis*, cap. I, vers. 11.

mas do verão penetrei o interior destas mattas, légoas inteiras, á sombra sempre, sem vista do sol, qual se fôra na maior frescura da primavera da Europa. Aqui admirei seus grossos troncos, sua procéra altura, a diversidade de seus géneros, a suavidade dos seus bálsamos, copaigbas, almacegas, salçafrazes; ali a composição dos seus sitios, ordem, travação; apenas em partes se vê distancia por que caiba um homem entre tronco e tronco; com tão sôffrega emulação, que se vão impedindo o logar uns a outros. Muitos vi abraçados corpo a corpo, outros prêsos com laçadas de cordas; e quando cuidáveis que eram de linho ou esparto, eram ellas outra casta de arvore a que chamam cipó... Das ervas altas porei aqui... uma especie mui galante, a que chamamos ananás. Seu fructo é a modo de pinha de Portugal, o gosto e cheiro a modo de maracotão o mais fino; suas folhas são semelhantes a erva babosa. A cabeça do fructo galanteou a natureza com um penacho ou grinalda de cores aprasiveis: esta, separada e entregue á terra, é principio de outro ananás semelhante, alem de que dentro do mesmo fructo nasce semente delle em quantidade. Suas bondades servem para gosto e medi-

cina; come-se em fructa e faz-se em conserva durável [1].»

Ao apreço da terra ajuntavam o da lingua. Comprazem-se em citar os termos tupys, e só na *Chrónica* de VASCONCELLOS se poderia colher delles um copioso léxico [2]. Da lingua.

Mas o patriotismo brasilico do JESUITA levava suas predilecções, como era de justiça, principalmente para os habitantes.

Os seus queridos brasis era fórmula tão habitual entre elles, que os escriptores modernos já alludem a ella, sublinhando-a sem citações, como expressão de todos sabida. Dos habitantes.

Tão promptos foram os Padres em externar, inconfundivelmente sincero, este affecto, que para logo ganharam a confiança dos Indios. Em 1549 numa carta de NÓBREGA ao P. Mestre SIMÃO RODRIGUES é interessante surprehender em flagrante a total ausencia de temor dos Indios, com o que os Padres entendiam poder contar com elles. Fallando da escolha de local para o primeiro domicilio da Companhia, diz: «Sòmente me pôs um in-

---

(1) VASCONCELLOS, *op. cit.*, liv. nn. 65, 68, 69.

(2) Vejam-se, por exemplo, nos mesmos livros das *Noticias*, os numeros 120 a 124 do liv. I, e 71, 85, e 98 do liv. II.

conveniente o Governador: não ficar dentro da cidade, e poder haver guerra com o gentio ». Responde o Padre á difficuldade com varias razões e conclúe: « Mòrmente que eu creio que ainda que façam mal a todos, a nós guardarão, pela affeição que já nos começam a ter; e ainda havendo guerra, me parecia a mim poder estar seguro entre elles neste começo, quanto mais depois [1] ». Nem era temerária a confiança. Os indigenas sabiam ter nos Padres verdadeiros defensores, medianeiros, amigos e paes.

Existiu na India Oriental um cargo entre os Jesuitas, com seu titulo próprio, que não pode deixar de commover os corações bem formados, sensiveis á compaixão para com as raças menos favorecidas: o *Padre Pae dos Christãos*. O seu mistér e occupação correspondiam bem ao titulo. Mas podemos dizer que todos os Religiosos da Companhia se consideravam investidos neste cargo, e não só para com os convertidos, mas para os neóphytos e os próprios pagãos.

Aos Jesuitas principalmente se deve, no Brasil, toda a orientação de cordura para com os indigenas; assim como delles partiam as

---

[1] Nóbrega — *Cartas*, em appendice á edição da *Chrónica* de Vasconcellos (Lisboa, 1865).

mais enérgicas e persistentes reclamações contra as injustiças, de que tanta vez foram victimas os mesmos indigenas. O illustre Cathèdrático da Faculdade de Medicina da Bahia, Dr. José Eduardo Freire de Carvalho Filho, na sua preciosa Memória intitulada *Dois Capitulos da História do Brasil,* escreve: «O modo como Thomé de Souza tractava e acolhia os indigenas foi sempre de bondade e cordura, esforçando-se por chamá-los ao gremio da civilização, no que foram seus grandes auxiliares os devotados e incansáveis Jesuitas que com elle vieram de Lisboa [1]».

O problema dos Captiveiros.

Onde porem a acção dos Jesuitas se exerceu mais intensa em favor dos direitos dos Colonizados foi no árduo problema dos captiveiros. O que fossem os Padres da Companhia na defeza da «liberdade dos Indios, escreve o Dr. Theodoro Sampaio, digam-no as cartas, as prègações, os protestos desses inclytos Missionários em defeza dos selvagens guerreados, escravizados á falsa fé. Digam-no as leis, desde os primeiros tempos da catequese decretadas, a instantes sollicitações suas, por onde se definiu o que era a guerra justa e

---

[1] Dr. Freire de Carvalho Filho — *Dois Capitulos da História do Brasil* (Rio de Janeiro, 1914) p. 25.

onde se fundava o direito de levar á escravidão o gentio; digam-no os resgatados sem conta, os restituidos á liberdade que o zelo desses Missionários logrou arrancar das mãos criminosas de seus detentores; digam-no as bullas pontificias expedidas em favor dos miseros selvicolas, a instancias da Companhia de JESUS (1) ».

E, porque o negro africano foi incontestavelmente um terceiro elemento éthnico, àlém do português e do aborigene, para a colonização do Brasil, não quero deixar de assignalar quaes os sentimentos do JESUITA para com elle.

Tem-se escripto por ahi que os JESUITAS, tão acérrimos defensores da liberdade dos Indios, eram inconsequentes acceitando a escravatura do negro.

A verdade é que ao desembarcarem no Brasil as levas daquelles desgraçados, achavam-se os Padres em presença de um facto consummado, cuja realização não se passara diante dos seus olhos, cuja responsabilidade nem indirectamente lhes podia competir. Jus-

---

(1) DR. THEODORO SAMPAIO — *2.a Conferencia do Centenario da Independencia, na Bahia* (apud *Revista Ecclesiástica* da Arch. da Bahia, an. XV, nn. 6 a 12, p. 53).

tos ou injustos, os captiveiros dos Negros eram effeituados na Guiné ou em Angola. Confiados como que officialmente os *brasis* á tutela dos Missionários, podiam estes averiguar da justiça ou injustiça do titulo invocado para o captiveiro. Com o negro a intervenção do JESUITA seria de todo inútil, e serviria apenas para frustrar totalmente, pela exasperação dos colonos, a acção dos Missionários na civilização dos aborigenes.

Ainda assim, exerceram elles uma interferencia destemida e carinhosa em favor dos pobres escravos, para lhes dulcificar a sorte, proclamando com santa independencia o direito do negro aos apanágios da humanidade, e a nobreza da sua alma remida com o sangue de JESUS CHRISTO.

Mais tarde, no seculo XVII, havia de romper VIEIRA naquella exclamação pungente e indignada: « Ó gente desditosa! (1) Os outros nascem para viver, estes para servir! Nas outras terras, do que aram os homens e do que fiam e tecem as mulheres se fazem os commercios; naquella (Angola), o que geram os Paes e o que criam a seus peitos as

---

(1) *Infelix genus hominum!* citada por VIEIRA do historiador Jesuita MAFFEU, a proposito dos mesmos escravos.

Mães é o que se vende e o que se compra! Ó tracto deshumano, em que a mercancía são os homens! Ó mercancía diabólica, em que os interesses se tiram das almas alheias, e os riscos são das próprias! (1) ».

E pouco abaixo: « Não ha escravo no Brasil, e mais quando vejo os mais miseráveis, que não seja matéria para mim de uma profunda meditação. Comparo o presente com o futuro, o tempo com a eternidade, o que vejo com o que creio, e não posso entender, que Deus que creou estes homens tanto á sua imagem e semelhança como os demais, os predestinasse para dois infernos, um nesta vida, outro na outra! (2) ».

Já no Sermão vigesimo da mesma collecção do Rosario, perante um auditório onde o próprio Vieira declara que se achavam Senhores e Escravos, propôs desassombradamente este problema: « O meu assumpto ou questão, muito digna de se disputar, será hoje esta: Qual destas duas irmandades é mais grata e favorecida da Mãe de Deus, se a dos Pretos, se a dos Brancos? a dos Escravos, ou a dos Senhores? (3) ». E resolve a in-

---

(1) Vieira, *Sermões*, Sermão XXVII do Rosario, n.º 1.
(2) *Idem, Ibidem.*
(3) Vieira, *Sermões*, Sermão vigesimo do Rosario, n.º 1.

cognita em favor dos escravos negros, esses deportados de África, contra cujo captiveiro o orador protestava desde o principio do Exórdio, com este brado de Christianismo destemido, onde sem rodeios define o seu pensar contra a escravatura em geral, tantos annos e até séculos antes que ella fôsse abolida: « O fim porque JESUS CHRISTO veiu ao mundo foi para reformar os erros de Adão e seus filhos, e para os restituir á egualdade em que os tinha creado, desfazendo totalmente e reduzindo á primeva e natural união as distincções e differenças que a soberba entre elles tinha introduzido. Tanto é de fé esta razão como o mesmo texto. Ouví a S. Paulo: « Despí-vos do homem velho, que é Adão com todos os seus abusos, e vestí-vos do homem novo, que é Christo, o qual veiu renovar e reformar em todos os homens a imagem a que DEUS os tinha creado, na qual não ha bárbaro ou scytha, porque a Scythia era a Angola dos gregos com quem fallava (1) ».

Trecho de um Sermão inédito de Anchieta.

Pois o que um século mais tarde havia de apparecer tanta vez nos rasgos da eloquencia humanitária de VIEIRA, já no século XVI ap-

(1) *Idem, ibidem.*

parecia na eloquencia singela mas vehemente do grande ANCHIETA.

Possuo a copia photográphica de um sermão todo autógrapho do Thaumaturgo do Brasil. Delle vou extrair uma brevissima citação, que mostra como se pareciam, na larguêsa de espirito, os JESUITAS que no Brasil missionavam no século XVI, com os que depois se lhes seguiriam nos séculos XVII e XVIII.

«Outra causa, diz, porque DEUS NOSSO SENHOR deixou de ir curar o filho do Régulo, e se offereceu tão liberalmente para ir sarar o escravo, foi para condemnar a negligencia de tantos, que no Brasil tão pouco caso fazem de seus escravos, que os deixam viver mal e morrer ás vezes sem baptismo e sem confissão; e para que saibamos estimar as coisas segundo seu valor, não olhando no escravo, o que tem de boçal, ou o ter-me custado o meu dinheiro; senão vendo nelle representada a imagem de CHRISTO NOSSO SENHOR, que se fez escravo para salvar este escravo, e me serviu como escravo trinta e três annos, por me salvar a mim.»

Tal foi a constante acção do JESUITA no Brasil Colonial, em pugna sem contemporizações cobardes, pelos direitos sagrados dos

Colonizados; assim como, com criterioso equilibrio, soubera manter a fidelidade para com os *Colonizadores,* toda a vez que o direito estava por elles.

Foi nesta dualidade de Patriotismo que elle soube exercer uma verdadeira influencia nacional, como *Medianeiro* entre a Metrópole e o *Brasil Colonial.*

Resta vê-lo completar essa mesma influencia, como verdadeiro *Precursor,* no preparar, não revolucionàriamente, mas pela evolução natural de um organismo vivo, o proprio *Brasil independente.*

CAPITULO SEXTO

O PATRIOTISMO E O BRASIL INDEPENDENTE

— O PRECURSOR —

SUMMÁRIO — Fundadores da Nacionalidade — **I.) O Território** — Devassamento; hinterland — Rêde de estradas — As Missões, marcos de viação — Céllulas genéticas do tecido do Brasil **II.) A Lingua** — **III.) A Nacionalidade** — Ethnographia brasileira — Formação do escol dirigente — Processos inversos dos Jesuitas e do Marquês de Pombal com relação ao Brasil — Orientação liberal da Metrópole antes de Sebastião José — A Companhia de Jesus e a colonização do Brasil; Conclusão.

Aos 17 de Dezembro de 1922, uma cidade do Estado do Espirito Santo, á qual a gratidão dos Brasileiros deu officialmente o nome de ANCHIETA, inaugurava, sobre um elegante e sóbrio plintho de granito vermelho, a primorosa obra de arte, em que o cinzel de ROSADA fez reviver no bronze, os traços, a um tempo carinhosos e energicos, do maior Missionário JESUITA do Brasil no século XVI, o Venerável Padre JOSÉ DE ANCHIETA.

Fundadores da Nacionalidade.

Assistia á ceremonia o Núncio de Sua Santidade com o carácter official de Embaixador, o Representante do Presidente da República, o Governo Estadoal, o Prelado diocesano, o Arcebispo de Mariana, o Bispo de Goyaz, larga representação da Magistratura, do Exército, do Ensino, das Classes intellectuaes e profissionaes, e emfim, uma enorme multidão de povo.

Coube-me a honra de ser o Orador official nessa impressionante inauguração; e, ha-

vendo de assignalar os titulos de ANCHIETA, áquella apotheóse, ponderei em primeiro logar a sua benemerencia nacional, pois que a Pátria Brasileira, nas suas tres modalidades mais expressivas, o *território*, a *lingua*, a *nacionalidade*, reconhece a ANCHIETA por um dos seus mais indiscutiveis fundadores.

A minha these, ao escrever esta Monographia para a *História da Colonização Portuguêsa no Brasil*, é ainda mais rigorosamente exacta, do que o foi a que expuz de viva voz naquelle solemnissimo acto; porque ali fallava de um só filho da Companhia, e aqui refiro-me á pléiade inteira dos JESUITAS, cuja acção sobre o território, a lingua e a nacionalidade da nova Pátria redobrava naturalmente de efficácia com a multiplicação dos Anchietas nos vastos espaços do Brasil e com a sua continuação no tempo através da História do mesmo Brasil.

I.) O TERRITORIO.

Digamos primeiramente do *território*. Não é elle o berço da raça e o lar da grande familia nacional? O território é a paiságem que nos levou o primeiro amor, aquella que o nosso olhar extasiado de creança soletrou no primeiro hausto de luz e de sombreado, de matiz e de relêvo, de perspectiva e de horizontes; o território é a lingua natal dos nos-

sos ouvidos ainda não afeitos ás articulações da linguagem fallada, lingua ingénua e onomatopáica, da qual ouvimos, num prazer innocente, feito de inconsciencia e de instincto, o rumorejar da folhagem e os trinados do passarêdo, a voz solemne das vagas e o gorgolejar da cascata e do ribeiro, o cicío da brisa perfumada e a orquestra complexa e sublime dos concertos da natureza; o território é o celleiro do nosso pão e a dispensa da nossa fructa; o território foi o berço da nossa meninice e é a urna funerária dos nossos mortos queridos; o território é o mimoso das nossas predilecções: *no hay tierra como mi tierra*, e « aos leitores desejo que não seja para elles, como é para mim desterrado, o alvo longinquo de pungentes saudades, *gosto amargo de infelizes*. O território é tudo isto.

E quando este território é o Brasil, então o lar já não é o tugúrio estreito, nem o casal remediado, nem o solar mòrgadío: o território é então, como disse admiravelmente NABUCO, já citado: — uma das três ou quatro maiores casas da terra (1) ».

---

(1) GONZAGA CABRAL, *Patria e Religião*, discurso official na inauguração da estátua do V. P. JOSÉ DE ANCHIETA na cidade de Anchieta (Reritigbá, Benevente); pag. 6 e 7.

Devassamento; hinterland.

Pois bem: esse vastissimo território, apanágio da grande unidade brasileira, aos JESUITAS se deve, mais que a ninguem.

« Se não fosse a Companhia, diz ainda o eminente Diplomata JOAQUIM NABUCO, acreditaes que o Brasil seria o grande bloco de Continente que vae das Guyanas do Amazonas ás Missões do Paraná? Acreditaes que esse território não se teria pelo menos dividido em três ou quatro immensos fragmentos, um huguenote, outro hollandês, o terceiro espanhol e apenas o quarto brasileiro? (1) ».

ABILIO RUSSEL escreveu uma interessante *Memória* intitulada: « *Os Jesuitas e o devassamento do território brasileiro* ». Tanto elle, como NELSON DE SENNA, na sua *These* para o 1.º Congresso de História Nacional, « *A Contribuição ethnográphica dos Padres da Companhia de* JESUS », dão uma copiosa lista de Jesuitas exploradores do território brasileiro! Esta penetração, porem, dos sertões, tomou seu principal desenvolvimento durante os séculos XVII e XVIII; e por isso a deixo para quem escrever sobre a influencia

---

(1) JOAQUIM NABUCO — *Centenario Anchietano;* Paris, Aillaud, 1900, p. 327.

colonizadora da Companhia no Brasil, desde 1580 até 1754.

Ha, contudo, no século XVI alguns phenómenos de colonização devidos á iniciativa dos *Jesuitas*, sobre os quaes não me é licito silenciar, por serem phenómenos inquestionavelmente primaciaes!

Rêde de estradas.

O primeiro, — certamente não dos menos momentosos, — é o a que já me reportei acima, ao referir-me á theoria do *hinterland* (1).

O segundo — phenómeno territorial, em que os *Jesuitas* tiveram decisiva influencia na preparação da futura Pátria-independente — é a rêde de estradas com que foram estreitando a unidade deste continente desmesurado, tão facil de fragmentar, se não o tivessem, por assim dizer, fortemente travado com a verdadeira ossatura do corpo social de uma nação, no seu substratum geográphico: a *viação*. No capitulo segundo da segunda parte desta Monographia, já assignalei esta, como uma das insignes bemfeitorias da Companhia em favor da civilização brasileira.

As missões, marcos de viação.

Mas, quando os *Jesuitas* não tivessem sido

(1) Supra, 2.a Parte, Capitulo IV — Cfr. OLIVEIRA MARTINS — *O Brasil e as Colonias Portuguêsas*, citado por EDUARDO PRADO, *Conferencias Anchietanas*, p. 51.

os delineadores das grandes estradas de penetração, com a formal intenção de as fazerem taes, bastariam para lhes assegurar esse merecimento, as innumeras Missões, com que intelligentemente pontearam o território, como o engenheiro ponteia, com suas estacas coloridas, o traçado das grandes artérias terrestres.

O Dr. Theodoro Sampaio, tomando como ponto de partida a Bahia, dá-nos uma resenha, luminosa e cheia, dessa demarcação preparadora dos futuros núcleos de população da Pátria Brasileira.

No Rio Vermelho, sobre o mar — escreve o illustre historiógrapho — levantou-se a Capella de Nossa Senhora, e á sombra della prospéra uma missão; em S. Paulo, aldeia selvagem, onde é hoje a freguesia de Brotas, outra não menos próspera; em S. João, á entrada do esteiro de Pirajá, hoje Plataforma, outra, a iniciar o circúito desse esplendido reconcavo da Bahia de Todos os Santos, para conversão do seu povo; outra em Tubarão, onde é hoje o Paripe, para reducto da conquista espiritual dos bárbaros do Passé; outra ainda em Itaparica, entre os Indios em cujas mãos teve tão misero fim o desgraçado Donatário Coutinho. A inva-

são não pára ahi, que o seu fim é avassallar o Brasil todo.

Ligar a Bahia, a sua cidade do Salvador, foco de justiça e soccorro, foco de civilização e de fé, ao Norte, até Pernambuco e àlém, e ao sul até á longinqua capitania de MARTIM AFFONSO DE SOUZA, estendendo nessas duas direcções, uma corda de missões, reductos de defeza e núcleos de futuras villas e cidades, é plano que não podia ter escapado á perspicácia de governadores como MEM DE SÁ, e dos illuminados apóstolos do Brasil, NÓBREGA, LUIZ DA GRAN e ANCHIETA.

Ao longo da costa accendem-se, ao norte e ao sul, esses fócos-de-luz do Evangelho.

Vêmo-los nos Ilhéos, a caminho do sul, em Porto Seguro, no Espirito Santo e em S. Vicente; vêmo-los ainda nos campos de Piratininga, onde sorri a NÓBREGA a perspectiva de fundar de novo, um povo principiado em sinceridade e verdadeira religião e amor de Christo; e funda-se então S. Paulo, que, pelos tempos adiante seria o berço de audaciosos conquistadores dos sertões brasileiros, e seria como hoje é, um fóco esplendente dos de maior brilho no progresso nacional. Vêmo-los, com egual passo e não menor alcance, esses fócos de luz accenderem-se nu-

merosos daqui, na direcção do Nordeste Brasileiro. Vêmo-los na Aldeia do Espirito Santo, que é hoje Abrantes, á beira do rio de Joannes; em Arambepé, que fronteia o Monte Gordo; em Assú, que visinha com a Torre de Garcia de Ávila, no rio Real que parte com Sergipe, habitado por gentio numeroso e atrevido, couto de francêses; e, para àlém do rio de S. Francisco, onde habitam féros Cahetés, matadores do mallogrado Bispo D. Pedro Sardinha e de seus companheiros, náufragos no Cururipe, interrompe-se apenas o cordão luminoso das fundações á espera sòmente da victória das armas, até que se façam prestes os Capitães-móres para, por uma parte e por outra, accometterem aquelle gentio e lhe infligirem o merecido e já tardio castigo. A Conquista religiosa, porem, não se suspende. No Nordeste, para àlém de Pernambuco e de Itamaracá, na Parahyba, no Rio Grande do Norte, onde Religiosos de outro habito, os de S. Francisco, se apresentam a participarem da gloriosa campanha, ella prosegue com egual successo. Nas plagas cearenses tomba mártyr no seu apostolado o Padre Francisco Pinto; mas o martyrio, aqui como alhures, cria prosélytos e desafia dedicações, e eis que o facho luminoso da fé,

de mão em mão transmittido, accende novos focos nos cimos da Ibiapába, nas planicies onde correm o Parnahyba e o Maranhão, na embocadura do Amazonas, entre os Nheengahibas de Marajó, assim como nos tributários desse immenso caudal despejado dos Andes (1)». Completarei esta rica nomenclatura do erudito Presidente do Instituto Geográphico e Histórico da Bahia, lembrando o prolongamento do cordão luminoso, mais para o sul de S. Paulo e do Rio de Janeiro, em Santos, Cananea, Paranaguá, Missões, e tantos outros postos de doutrinas até ao Paraguay, Uruguay e Rio da Prata; sem olvidar que os Jesuitas é que abriram «as estradas de Santos a S. Paulo e muitas outras para o interior, especialmente uma por Botucatú até aos aldeamentos do Paranapanema, com communicação fluvial para Matto Grosso, e outra ainda, que ia pelo Rio Grande do Sul á inesquècivel Colónia do Sacramento (2)».

Céllulas genéticas do tecido do Brasil.

E se esta ossatura vigorosa da *viação*,

---

(1) Dr. Theodoro Sampaio — Conferencia de 18 de julho de 1923, *apud Revista Eccl. da Archid. da Bahia*, n.os 6 a 12, pag. 52 (Bahia, Typogr. Social, 1923).

(2) Aleixo Garcia — *As nossas fronteiras e os Jesuitas.* Em «O Mensageiro da Paz», Anno II, n.o 34; S. Paulo, 2.a quinzena de julho de 1923.

compaginando, como o esqueleto no corpo humano, a musculatura opulenta do território nacional, e constituindo a travação resistente do colosso brasileiro, justifica, para os JESUITAS, na preparação do Brasil-independente, o titulo de precursores, não o justificam menos as preferencias dadas a determinados centros, entre os núcleos de população por elles creados!

O insigne historiador do Brasil, SR. JOÃO RIBEIRO chama com enérgica exactidão *céllulas genéticas do tecido do Brasil* os seguintes pontos do seu território: Bahia, Pernambuco, S. Paulo, Rio e Maranhão. Ora, dessas cinco céllulas genéticas, duas — já o vimos — foram exclusivamente obra da Companhia: *S. Paulo*, que ella creou por suas mãos e o *Rio de Janeiro*, que contra tudo e contra todos ella conseguiu que se fundasse. As outras três: *Bahia*, *Pernambuco* e *Maranhão* receberam dos JESUITAS o máximo da sua expansão.

Razão tinha MANUEL DA NÓBREGA para dar a THOMÉ DE SOUZA, quando este lhe objectava estar fóra da cidade o local escolhido para o Collégio, a mesma resposta que o P. M. SIMÃO RODRIGUES deu a EL-REI D. JOÃO III, perante objecção identica, a respeito da casa

de S. Roque em Lisbôa: — Não se arreceie Vossa Alteza de ficar a casa fóra da Cidade; a Cidade virá juntar-se em redor da casa. — E assim foi. O grande bairro dos Andrades teve como céllula genética a casa de S. Roque, como o Collégio da Bahia veio a fazer do *Terreiro de Jesus* o ponto central da cidade do Salvador (1).

II.) A LINGUA.

Da *lingua*, considerada como segundo elemento da Pátria, não ha porque fallar aqui, pois já deixei exposto de sobre-mão em outro logar deste capitulo, o papel preponderante que aos JESUITAS coube no assegurar ao Brasil um idioma vernáculo impeccável, e a estabilidade de uma litteratura digna de um povo independente.

III.) A NACIONALIDADE.

Mas se o *território* e a *lingua* são modalidades expressivas da Pátria; a *nacionalidade*, essa então é exhaustivamente expressiva, pois, mais que nenhuma outra, é adequadamente a mesma Pátria.

A nação é o povo, o povo com todas as suas caracteristicas, com a feição própria que lhe são os multiplos agentes éthnicos, modificados pelas influencias mesológicas; a na-

---

(1) Cfr. VISCONDE DE CASTILHO (JULIO) *Lisboa Antiga*, t. I.

ção é o povo, mas o povo não disperso numa pulverização de intéresses divergentes, senão conscientemente unido pela communidade de laço que o estreita, e de fim em que põe a mira.

Ora, se este ideal pede, em quem ha-de consegui-lo, intelligencia forte, coração forte, braço forte; que diremos do caso especialissimo do Brasil, quando esta fusão do povo para ser nação ha-de effeituar-se pelo enlace de três raças, tão distanciadas pela origem, como diversas nos predicados?

Ethnographia Brasileira.

Pois esse problema momentoso «resolveram-no os JESUITAS Portuguêses no Brasil. Foram elles que por essa approximação das raças realizaram no Portugal da América» o méthodo de colonizar, a que EDUARDO PRADO chamou tão finamente o *méthodo cathólico.*

Ufane-se embora de outras prerogativas a grande república Norte-Americana; os Brasileiros podem e devem ter o orgulho de ser um povo que deve a sua existencia, não á trucidação de uma raça inteira, hecatombe que o Protestantismo não impediria no Sul, como a não soube impedir noutras regiões; mas á fusão das raças, oppostas de origem, e que o catholicismo, renovando o seu antigo prodigio de christianização e de absorpção dos

bárbaros, soube tambem na América ensinar e civilizar, abençoando a união fecunda das raças, de que deviam brotar tantas nações e originar-se uma nova « raça, em que o *Branco* entra com o cérebro mais desenvolvido, o *Indio* traz a agudêza da sensibilidade dos seus sentidos e a agilidade elástica dos seus músculos; sentidos e músculos um tanto atrophiados no homem civilizado. Não tivessem os JESUITAS tornado os indios sedentários e mansos, dando-lhes educação e cultura, que competisse com a do europeu, e esse cruzamento, a que devemos, pode-se dizer, a quasi totalidade da população brasileira, não se teria dado (1) ». Elegantemente condensou esta alliança, numa só imagem, o eloquente JESUITA brasileiro, PADRE AMERICO DE NOVAES, ha pouco fallecido, quando escreveu: « Piratininga, a India do Planalto, depois de ter recebido o baptismo da fé, chamando-se S. Paulo, completamente transformada pela influencia christã, une-se com a benção de Deus ao Português. E os filhos deste enlace, vigorosos de corpo e alma, alliando á delicadêza

---

(1) Cfr. EDUARDO PRADO — *Centenario Anchietano*, pp. 45 e 51 — Item LUIZ GONZAGA CABRAL, S. J. — *Pátria e Religião*, Discurso citado, pp. 11 e 12.

da sensibilidade uma intelligencia privilegiada, serão os primeiros a auxiliar o movimento da unificação territorial, linguistica, ethnológica (1) ». E, acima de todos esses elementos de unificação, estava o mais forte, o mais efficaz, o mais profundamente durável: a *religião*. E quem negará que para fornecer á nova Pátria esse elemento primacial de unidade tivessem preponderante influencia os mesmos JESUITAS que no Brasil presidiam á própria unificação da raça?

Formação do escol dirigente.

Não ha dúvida que a fusão de factores heterogéneos, a que agora acabamos de referir-nos fundamentava uma differença radical entre o Português colonizador e o producto éthnico da Colónia; e essa differença era já por si uma semente de nacionalidade, que a seu tempo, com a evolução organica da raça, podia dar um motivo de desdobramento politico. Teria sido, contudo, insufficiente, se a essa modificação éthnica não se tivessem ajuntado a esmerada cultura intellectual, o amor consciente do torrão pátrio, as tradições históricas peculiares ao novo solo, e os direitos adquiridos pela defeza

(1) AMERICO DE NOVAES, S. J. — *Méthodo de ensino e de catechese dos Indios* — em Centenario, etc., p. 163.

delle contra o estrangeiro; todos esses dotes emfim, que constitúem, dentro de um povo, o escól dos seus dirigentes, a selecção das suas capacidades, que um dia, quando a nacionalidade chegar á sua plena maturação, vem a aproveitar o ensejo de uma divergencia histórica, de um descontentamento fundado, de uma incompatibilidade politica, para proclamar a sua maioridade e com ella a sua emancipação.

Ora, esse escól de dirigentes, essa selecção de capacidades, foi preparada nas escolas da *Companhia* de JESUS, por espaço de quasi três séculos.

Processos inversos dos Jesuitas e do Marquês de Pombal.

É curioso colher flagrante, nada menos que num depoimento accusatório feito á *Companhia* pelo maior dos seus inimigos, a confissão desta benéfica influencia, creadora do escol intellectual brasileiro, com que se preparava o desabrochar desta Nação, gloria da Mãe-Pátria que assim a levou até a sua pujante maioridade.

Censura o MARQUÊS DE POMBAL àsperamente os JESUITAS, por terem desenvolvido no Brasil o ensino médio e superior; e não hesita ante a affirmativa odiosa e obscurantista

de ser útil aos interesses da metrópole a ignorancia relativa da Colónia ([1]).

Se os interesses de uma Nação consistissem no seu dominio escravizador, alargando-se sem altruismo bemfazejo á maxima exten-

---

([1]) Esta mentalidade pombalina não apparece sómente nas *Instrucções* que prepararam a *Directoria geral de Estudos* e o *Subsidio litterario;* na correspondencia particular com seu irmão FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO; e nas declamações altisonantes da *Deducção* ou da *Relação Abreviada.* A propria Reforma da Universidade reflecte este criterio estreito. « Nella ficou resumido e concentrado, observa opportunamente VILHENA DE MORAES, todo o ensino superior de um paiz como Portugal, que de tão vastos dominios coloniaes era senhor. Quando a Hespanha não duvidou estabelecer Universidades em muitas das suas possessões, como as de Lima, Caracas, Santiago, México e Santa Fé, não conseguiu o Brasil um só instituto de ensino superior.» (Op. cit., p. 53). Afinal esta mesquinhez de idéal concorda com a orientação em que se inspirou o Ministro de D. José para a *Carta Régia* de 19 de Junho de 1761, prohibindo no Maranhão a cultura da canna de assucar, como já prohibira aos Brasileiros enviarem suas filhas a educar em Portugal, Hespanha ou Italia; e, por outra Carta Régia escripta em Julho de 1766, obstara ao desenvolvimento no Brasil de ourives, fiadores de oiro, linhas de prata, sêdas tecidas e algodões. Por isso não admira que, poucos annos depois, em 1795, o Capitão General, D. Fernando Antonio de Noronha, propuzesse, na sua *Informação ao Real Erário*, a extincção das Cadeiras de Philosophia, que, após a suppressão dos Collégios da Companhia, se tinham franqueado nalguns conventos, — extincção que appoiava nesta razão lidimamente pombalina, de não *abusar* de estudos superiores, « que só servem para nutrir o orgulho proprio dos habitantes do meio dia, e destruir os laços de subordinação politica e civil, que devem ligar as Colonias á Metrópole.» (Cfr. CANDIDO MENDES, *Direito Civil e Ecclesiastico Brasileiro*, p. CLI).

são territorial; se o ideal collectivo de um Estado estivesse na extorsão de proventos sòrdidamente egoistas, sem vistas largas de civilização; não faltaria uma certa lógica, ao menos, nesta affirmação destituida de nobreza. Mas que titulo poderá conferir-se a uma Nação, que mais a ennobreça perante a História, que o de ter sido Mãe fecunda de outra Pátria, por ella gerada, educada e guiada até ao pleno-desenvolvimento de sua estatura nacional?

Não! Essa mesquinhez, que, fazia calar ante os ódios pessoaes, ou os interesses privados, o alargamento da civilização, ou os interesses collectivos, não pode acceitá-la a critica da História, qual hoje a reclama a imparcialidade scientifica.

Já citei a affirmação daquelle grande Brasileiro que foi EDUARDO PRADO, declarando que a expulsão dos JESUITAS pelo MARQUÊS DE POMBAL fôra para as Colónias Portuguêsas, e por isso mesmo para o Brasil de então, um segundo *Alcácer-Kibir* (1). Ora, referindo-se á politica pombalina na célebre questão da Colónia do Sacramento, escreveu NELSON DE SOUZA, no Congresso Nacional de His-

(1) *Idem, ibidem*, p. 54.

tória do Rio de Janeiro, que, com essas combinações desastradas, *mais de um milhão e meio de Indios deixou de se incorporar ao gremio Nacional* (1).

Foi um desfalque enorme na população deste Brasil-independente. Esses Indios, civilizados pelos JESUITAS, teriam sido, logo no raiar da nova nacionalidade, um contingente valioso, quando a população brasileira estava longe dos milhões com que actualmente a vão enriquecendo as emigrações europeias!

Ao menos, o perseguidor da *Companhia de* JESUS, com a sua theoria sonegadora da instrucção média e superior, para a circumscrever calculadamente ás aulas primárias, não conseguiu fazer retrogradar a esse obscurantismo relativo, as gerações de Brasileiros que os JESUITAS tinham preparado para a plena consciencia da sua maioridade, no convivio fraternal das Nações Civilizadas.

Orientação liberal da Metrópole durante 3 séculos.

Felizmente este frio e descaroável processo de limitar a esphera intellectual da Colónia não o encontrára SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO nos regimentos, que durante três séculos os Reis de Portugal tinham mandado

---

(1) NELSON DE SOUSA — *Contribuição ethnográphica dos Jesuitas*, p. 29.

de Lisbôa para o Brasil, aos seus Governadores e Vice-Reis.

Ahi é constante a preoccupação de melhorar as condições agricolas, commerciaes, industriaes, e intellectuaes da América Portuguêsa.

Dos Centros de ensino confiados á *Companhia de* JESUS, os mais importantes e de mais elevado magistério foram fundações dos proprios Reis, como D. JOÃO III e D. SEBASTIÃO, ou dos Governadores enviados por elles, como MEM DE SÁ.

Nunca, até á segunda metade do século XVIII se vira que a Corôa Portuguêsa sonegasse progressos ao Brasil com receio de que um dia elle podesse emancipar-se da Mãe-Pátria!

A sua emancipação pôde ser, no momento, dolorosa; nem se fez nunca na História uma dessas separações sem que gottejasse algum sangue e corressem algumas lágrimas; sem que os animos exaltados fizessem cruzar doestos a echoarem desabridos por espaço de alguns annos. Mas a calma succede á turbação, e — mais que em nenhuma emancipação histórica — Portugal tem direito de se gloriar, nesta da Pátria gloriosa e vastissima, que por sua mão guiou, até fazê-la entrar, já Senho-

ra, na Casa que lhe preparara com sua providencia colonizadora.

A Companhia de Jesus na colonização do Brasil; conclusão.

Neste emprehendimento a *Companhia de* JESUS teve o seu quinhão, que o Historiador imparcial, hoje em dia desembaraçado de velhos preconceitos facciosos, reconhece incontestavelmente *grande*.

Com a sua *influencia profissional* de *Apóstolo*, exerceu o JESUITA, para a colonização do Brasil o *apostolado* da catequése, e foi seu primeiro *Missionário;* o *apostolado da caridade*, e foi seu insigne *Bemfeitor*.

Com a sua *influencia social* de *Civilizador* o JESUITA civilizou pela *pedagogia* integral, e foi *Educador*, pelo *progresso* omnimodo, e foi *Guia*.

Com a sua *influencia nacional* de *Patriota*, soube alliar o patriotismo de Colonizadores e Colonizados, fazendo-se na *Colónia* o *Medianeiro* entre uns e outros; e preparou, numa evolução organica e por isso mesmo vital, a plena maturação da nova Pátria, sendo verdadeiramente um *Precursor* para o glorioso *Brasil-Independente*.

INDICE


Princeton Theological Seminary Libraries
1 1012 01310 8222